BENJAMIN FRANKLIN

Autobiografia



LeBooks

Benjamin Franklin

BENJAMIN FRANKLIN

Autobiografia

2ª Edição

LeBooks
ISBN: 9788583862079
2019

Aqueles que governam, tendo muitos negócios em suas mãos, geralmente não gostam de dar-se ao trabalho de considerar e pôr em execução projetos novos. Por isso, as melhores medidas públicas quase nunca são adotadas por sabedoria prévia, mas impostas pelas circunstâncias do momento.



Benjamin Franklin

Sumário

I – APRESENTAÇÃO:
O autor
A obra
II. DADOS BIOGRÁFICOS – Benjamin Franklin
III. AUTOBIOGRAFIA
Conheça outras Grandes Biografias

I – APRESENTAÇÃO:

O autor



Embora muito apreciado e bem tratado na Inglaterra, onde viveu onze anos, Benjamin Franklin não pôde resistir à tentação de voltar ao seu país, naquele tempo ainda atrasado. É que o conforto europeu e os requintes da sociedade estrangeira não conseguiram vencer o americanismo profundamente arraigado em seu espírito. Ele regressou então ao torrão natal, onde, aos sessenta e nove anos, ardentemente se empenhou na luta política, ajudando a redigir a Declaração da Independência, uma constituição para o estado da Pensilvânia, um tratado de aliança com a França e mais uma porção de documentos da mais alta significação, como o tratado de paz com a mãe pátria e a Constituição Federal.

Com muita graça diz Commager que, integrando-se no grupo dos "*Founding Fathers"*, os fundadores da nação norte-americana, Franklin diferia de todos eles (Washington, Jefferson, Paine, os dois Adams, Henry, Hamilton, Madison e Mason) porque não era solene, mas tinha uma piscadela maliciosa nos olhos. Por isso mesmo Franklin, mais do que qualquer dos seus contemporâneos, foi

identificado como o norte-americano por excelência, pelo cidadão comum dos Estados Unidos.

É um dos nossos, pensa o homem das ruas, pois nenhum outro dos grandes nomes da pátria encerra tantas de nossas qualidades ao mesmo tempo. Versátil, cheio de capacidades, sempre desejoso de aperfeiçoar-se, assim como de subir socialmente, tinha amabilidade, astúcia, a simplicidade que põe a pessoa à vontade em qualquer ambiente, a tolerância com a mediocridade e o talento para entrar em acordo, o gênio das oportunidades, a complacência até um tanto cínica em assuntos políticos, o bom senso e a riqueza de expedientes, racionalismo sempre pronto a dominar a natureza humana, o espírito satírico. Tudo isto se encontrava em Franklin. Por isso, ainda hoje é difícil ler sem sorrir a autobiografia que ele nos deixou, toda impregnada de uma simples filosofia pragmática.

Não se preocupando com a metafísica, abandonou também o materialismo, e não ligou muito para o ceticismo. Como estadista não se filiou a nenhuma escola política, e como cientista, que foi (todos lembram do para-raios e de suas experiências elétricas), não excogitava a respeito da natureza do homem e do universo. Encarava as coisas como estas eram ou pareciam ser.

Criatura serena e bem-humorada, seu código moral consistia em fazer o bem, não se atormentando muito quando pecava, porque raciocinava que afinal o pecado é humano. Nada teve de romântico e nem mesmo quando metido em seus naturais tormentos amorosos se deixou cegar pela paixão. Casou-se tranquilamente como quem fecha um negócio ou recebe um benefício após sacrifício – “não existe lucro sem sofrimento”.

Não se deixou levar por nenhum sistema filosófico, mas não obstante foi o filósofo do bom senso e da confiança na vida. Como “*Poor Richard*”, escreveu um almanaque, que estava cheio de conselhos morais. Em sua Autobiografia encontramos a celebração das virtudes domésticas, como honestidade, sobriedade, moderação, trabalho, fragilidade, qualidades que certamente levariam a pessoa ao sucesso, segundo afirmava ele.

Este quadro estaria incompleto se deixasse no leitor a impressão de que Franklin não passava de um burguês interessado apenas em

seu pequeno mundo. Empenhava-se a fundo pelo bem público e a ele se devem numerosas medidas destinadas a melhorar a condição do povo e da comunidade. Era bom administrador e sabia arregaçar as mangas e pegar no pesado, como se diz.

Certo é que ele viveu numa época de grande versatilidade, mas assim mesmo poucos homens terão sido tão versáteis como ele. Afora Jefferson e o Conde Rumford, pergunta Commager, que outro homem reuniu em si tão grande gama de interesses?

Em todos os seus atos ele foi um democrata autêntico, talvez mais autêntico até do que Jefferson na maneira de encarnar a democracia. Daí o grande interesse, ainda hoje, de sua autobiografia, porque permite sentir como vive e age um bom democrata. Era naturalmente democrata, talvez se possa dizer por instinto. Não era um democrata teórico, que assim se intitulasse em consequência de convicções filosóficas hauridas em livros. Só sabia viver democraticamente, e por isso a igualdade era, para ele, um fato natural, não uma concessão ou uma conquista. Esta maneira de ser não lhe custou barato, pois a aristocracia Quaker de Filadélfia jamais lhe perdoou tais sentimentos.

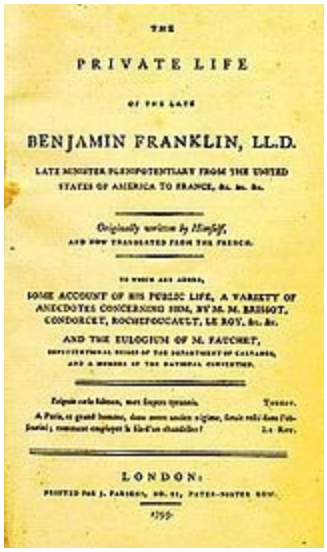
Sua versatilidade e sua simplicidade talvez tenham contribuído para que no espírito de muitos apagasse um pouco o sentido e o exato valor da contribuição de Franklin à democracia política. Basta todavia lembrar que foi ele o arquiteto principal da estrutura que derrubou a aristocracia Quaker de Filadélfia e o inspirador da Constituição da Pensilvânia, de 1776. A mais democrática de todas as constituições daquela época.

Na política nunca desejou ser um representante do povo, mas agiu por trás da cortina, através de outros, valendo-se de suas habilidades de sugestionar, criar simpatias, estabelecer acordos.

Franklin é também considerado o primeiro humorista norte-americano. Pois é o retrato singelo desse bom democrata que apresentamos aos leitores, desenhado por ele mesmo. E que bem faz essa leitura, especialmente nestes atormentados tempos, tão precisados de renovada fé e esperança democrática.

Benjamin Franklin nasceu em 1706 e morreu em 1790.

A obra


THE

PRIVATE LIFE

OF THE LATE

BENJAMIN FRANKLIN, LL.D.

LATE MINISTER PLENIPOTENTIARY FROM THE UNITED STATES OF AMERICA TO FRANCE, &c. &c. &c.

Originally written by Himself,

AND NOW TRANSLATED FROM THE FRENCH.

TO WHICH ARE ADDED,

SOME ACCOUNT OF HIS PUBLIC LIFE, A VARIETY OF ANECDOTES CONCERNING HIM, BY M. M. BRISSOT, CONDORCET, ROCHEFOUCAULT, LE ROY, &c. &c.

AND THE EULOGIUM OF M. VAUCHET,

LONDON:

1793

Capa original da Autobiografia de Benjamin Franklin

Além de nos contar uma boa parte de sua belíssima e bem-sucedida existência, Benjamin Franklin mostra em sua autobiografia a sua fórmula pessoal de sucesso. Franklin pregou o sacrifício, o trabalho árduo, a economia, a frugalidade e a educação continuada como determinantes para a prosperidade individual e coletiva. A ideia básica de Franklin de que, não importa quem você é, com trabalho duro e economia, você pode atingir a prosperidade e a grandeza retrata plenamente o "sonho americano".

A todos aqueles envolvidos ou com pretensão de envolver-se em projetos coletivos também se recomenda a leitura desse ebook. Franklin nos conta como criou e incentivou inúmeros empreendimentos em sua cidade, Filadélfia, na então colônia da Pensilvânia e em seu país, no processo de independência. Apenas para citar alguns dos empreendimentos iniciados por ele: a primeira biblioteca, o primeiro clube do livro, a primeira milícia, o primeiro hospital da Filadélfia e, muitas vezes dos Estados Unidos, foram criações suas ou tiveram a sua participação direta. Franklin foi o protótipo do empreendedor honesto, probo e competente tanto na

gestão pública quanto na gestão privada de sua gráfica e de seu jornal. Um exemplo de cidadão para todo o sempre.

A Autobiografia é dividida em duas partes. Ao escrever a primeira parte, em 1771, Franklin está na Inglaterra e a escreve na forma de uma carta a seu filho William, que está nos EUA. Ele interrompe sua autobiografia em razão da Revolução Americana (a guerra de independência dos EUA, da qual participou). Em 1784, em Passy, um subúrbio de Paris, atendendo a pedidos de admiradores que leram a primeira parte de suas memórias, retoma o trabalho de escrevê-las, agora não mais ao filho (que, aliás, ficou do lado dos ingleses), mas ao mundo. Infelizmente, morreu antes de concluir a sua obra.

"Por volta de 1859, a autobiografia de Benjamin Franklin já tinha sido reimpressa quase mil vezes e, entre 1860 e 1890, acredita-se que Franklin foi o tema mais popular entre biógrafos americanos. Sua autobiografia inspirou James Harper a deixar sua fazenda em Long Island e lançar o que se tornaria uma das maiores editoras, hoje chamada HarperCollins; Thomas Mellon foi inspirado a desistir da agricultara e se tornar banqueiro, criando uma fortuna para sua família. O livro também inspirou o magnata do aço, Andrew Carnegie. Jared Sparks, presidente da Harvard University, contou que esse livrou lhe "ensinou que as circunstâncias não possuem um poder soberano sobre a mente". Bancos de poupança por todo o país receberam o nome de Franklin. Ao todo, de acordo com o historiador americano Clinton Rossiter, a autobiografia de Franklin foi "traduzida e retraduzida para uma dúzia de línguas, impressa e reimpressa em centenas de edições, lida e relida por milhões de pessoas… A influência dessas poucas dúzias de páginas não pode ser comparada a nenhum outro livro americano".

II. DADOS BIOGRÁFICOS – Benjamin Franklin

A autobiografia de Benjamin Franklin não abrange toda a sua vida tendo sido interrompida em 1757, cerca de 33 anos antes do falecimento do estadista americano. Nela, portanto, não estão registrados muitos dos fatos de sua existência. Assim, é conveniente, para melhor entendimento do leitor, relatar os principais acontecimentos da vida de Franklin desde seu nascimento até sua morte. É o que se faz na relação apresentada em seguida.

1706 Benjamim Franklin nasce em Boston e é batizado na igreja Old South.

1714 Aos oito anos de idade, entra na “Grammar School”.

1716 Torna-se ajudante de seu pai no negócio de fabricação de velas

1718 Torna-se aprendiz de seu irmão James, tipógrafo.

1721 Escreve baladas e, depois de imprimi-las, vende-as nas ruas. Colabora anonimamente para a “New England Courant” e dirige temporariamente esse jornal. Torna-se livre-pensador e vegetariano.

1723 Rompe seu contrato de aprendizagem e muda-se para Filadélfia. Arranja emprego na tipografia de Keimer. Abandona o vegetarianismo.

1724 É convencido pelo governador Keith, a estabelecer-se por conta própria e viaja para Londres a fim de comprar tipos. Lá trabalha em seu ofício e publica “Dissertação sobre Liberdade e Necessidade, Prazer e Dor”.

1726 Regressa a Filadélfia. Depois de trabalhar como empregado em uma loja, torna-se gerente da tipografia de Keimer.

1727 Funda o Junto ou Clube do “Avental de Couro”.

1728 Com Hugh Meredith, abre uma tipografia.

1729 Torna-se proprietário e diretor do “Pennsylvania Gazette”. Publica, anonimamente, “Natureza e Necessidade de Papel-moeda”. Abre uma livraria.

1730 Casa-se com Deborah Read.

1731 Funda a Biblioteca de Filadélfia.

1732 Publica o primeiro número do “Poor Richard’s Almanack”, sob o pseudônimo de Richard Saunders. O almanaque, que foi publicado durante vinte e cinco anos. Continha ditos espirituosos e sentenciosos que exerceram grande influência na formação do caráter americano.

1733 Começa a estudar francês, italiano, espanhol e latim.

1736 É nomeado funcionário da Assembleia Geral. Organiza a “Union Fire Company” de Filadélfia.

1737 É leito para a Assembleia. É nomeado subdiretor-geral dos Correios. Planeja uma polícia municipal.

1742 Inventa o fogão aberto ou “Franklin”.

1743 Propõe o plano de uma academia, que é adotado em 1749 e se transforma na Universidade da Pensilvânia.

1744 Creia a Sociedade Filosófica Americana.

1746 Publica um panfleto ”Verdade Evidente”, sobre a necessidade de defesa disciplinada e organiza uma companhia militar. Começa a fazer experiências com eletricidade.

1748 Vende sua tipografia. É nomeado para a Comissão da Paz, escolhido para o Conselho Comum e eleito para Assembleia.

1749 É nomeado comissário para negociar com os índios.

1751 Colabora na fundação de um hospital.

1752 Faz experiências com um papagaio e descobre que o raio é uma descarga elétrica.

1753 Como reconhecimento de sua descoberta, é agraciado com a medalha Copley e eleito membro da Real Sociedade. Recebe o diploma de “Master of Arts” de Yale e Harvard. É nomeado codiretor geral dos correios.

1754 É escolhido como um dos comissários da Pensilvânia no Congresso Colonial de Albany. Propõe um plano para a união das colônias.

1755 Penhora suas propriedades pessoais a fim de tornar possível a arrecadação de suprimentos para o exército de Bradock. Obtém da Assembleia auxílio para a expedição de Crown Point. Consegue a aprovação de uma lei criando uma milícia voluntária. É nomeado coronel e entra em campanha.

1757 Apresenta na Assembleia projeto de lei dispondo sobre pavimentação das ruas de Filadélfia. Publica seu famoso “Caminho da Riqueza”. Viaja para a Inglaterra a fim de defender a causa da Assembleia contra os Proprietários. Lá permanece como agente da Pensilvânia. Torna-se amigo de cientistas e literatos do reino. Neste ponto termina sua autobiografia.

1760 Obtém do Conselho Privado, por uma fórmula conciliatória, decisão obrigando os Proprietários a contribuírem para o erário público.

1762 Recebe o diploma de Doutor em Direito Civil de Oxford. Regressa à América.

1763 Faz uma excursão de cinco meses pelas colônias do norte com o propósito de inspecionar os correios.

1764 Candidato à reeleição para a Assembleia, é derrotado pela facção de Penn. É enviado à Inglaterra como agente da Pensilvânia.

1765 Esforça-se para impedir a aprovação da Lei do Selo.

1766 É inquirido perante a Câmara dos Comuns relativamente à aprovação da Lei do Selo. É nomeado agente de Massachusetts, Nova Jersey e Geórgia. Visita a Universidade de Gottingen.

1767 Visita a França e é apresentado à corte.

1769 Adquire um telescópio para o Colégio Harvard.

1772 É eleito “Associe Etranger” da Academia Francesa.

1774 É demitido do cargo de diretor-geral dos Correios. Influência Thomas Paine a emigrar para a América.

1775 Regressa à América. É escolhido para delegado ao Segundo Congresso Continental. É incluído na comissão de correspondência secreta. É nomeado como um dos comissários incumbidos de obter a cooperação do Canadá.

1776 É designado para a comissão incumbida de redigir uma Declaração de Independência. É escolhido para presidente da Comissão Constitucional da Pensilvânia. É enviado à França como agente das colônias.

1778 Conclui tratados de aliança defensiva e de amizade e comércio. É recebido na corte.

1779 É nomeado ministro plenipotenciário na França.

1780 Nomeia Paul Jones para comandante da “Alliance”.

1782 Assina os artigos preliminares da paz.

1783 Assina o tratado de paz definitivo.

1785 Regressa à América. É escolhido para presidente da Pensilvânia, cargo para o qual é reeleito em 1786.

1787 É reeleito presidente. É enviado como delegado à convenção incumbida de elaborar um Constituição Federal.

1788 Retira-se da vida pública.

1790 Morre em 17 de abril. Sua sepultura está no cemitério de Fifth e Arch, Streets, em Filadélfia.

III. AUTOBIOGRAFIA

TWYFORD, em casa do bispo de St. Asaph, 1771

Querido filho: Sempre me causou prazer conhecer todas as pequenas histórias sobre meus antepassados. Talvez você se lembre das investigações que fiz entre meus parentes restantes quando esteve comigo na Inglaterra e da viagem que realizei com esse propósito. Imaginando que possa ser igualmente agradável para você conhecer as circunstâncias de minha vida, muitas das quais ainda ignora, e esperando gozar de uma semana de ininterrupto lazer em meu atual retiro no campo, sento-me para escrever-lhe. Para isso tenho ainda alguns outros incentivos. Tendo-me elevado, da pobreza e obscuridade em que nasci e fui criado, a uma situação de prosperidade e certo grau de reputação no mundo, e tendo passado a vida até agora com considerável parcela de felicidade, é possível que a posteridade queira conhecer os meios a que recorri, os quais com a bênção de Deus tão bons resultados deram, pois talvez ache alguns deles adequados à sua própria situação e, portanto, dignos de ser imitados.

Essa felicidade, quando nela reflito, leva-me às vezes a dizer que, se me fosse dada oportunidade de escolher, eu não teria objeção a repetir a mesma vida desde o começo, pedindo apenas a vantagem, que os escritores têm na segunda edição, de corrigir algumas falhas, eu substituísse alguns acidentes e acontecimentos sinistros por outros mais favoráveis. Contudo, ainda que isso me fosse negado, eu aceitaria a proposta. Como não é possível esperar tal repetição, o melhor meio, afora esse, de viver de novo a própria vida parece ser recordar essa vida e tornar tal recordação a mais durável possível registrando-a por escrito.

Nisso, também, cederei à inclinação tão natural nos velhos de falar de seus próprios atos passados; e cederei sem ser maçante para os outros, que, por respeito à idade, poderiam julgar-se obrigados a dar-me ouvidos, pois isto poderá ser lido ou não, à

vontade. E, finalmente (é bom que eu confesse, pois ninguém o acredita se eu negasse), talvez eu satisfaça bastante minha *vaidade*. Com efeito, raramente ouvi ou vi as palavras introdutórias “Sem vaidade, devo dizer...” etc. sem serem imediatamente seguidas por algo presunçoso. A maioria das pessoas não gosta da vaidade nos outros, por mais vaidade que elas próprias tenham. Eu, porém, trato-a com justiça sempre que a encontro, convencido como estou de que muitas vezes ela faz bem ao seu possuidor e aos outros que estão em sua esfera de ação. Assim em muitos casos, não seria inteiramente absurdo se um homem agradecesse a Deus sua vaidade entre os outros confortos da vida.

Falando em agradecer a Deus, desejo com toda a humildade reconhecer que devo a mencionada felicidade de minha vida passada à Sua bondosa providência, que me conduziu aos meios de que usei e que deram bons resultados. Minha crença nisso leva-me a esperar, embora eu não deva *presumir*, que a mesma bondade me será ainda demonstrada, conservando aquela felicidade ou permitindo-me suportar um revés fatal, que poderei sofrer como outros sofreram, pois a formas de minha sorte futura só é conhecida Dele, que tem o poder de abençoar-nos mesmo em nossas aflições.

As anotações que um de meus tios (dotados da mesma espécie de curiosidade em coligir histórias de família) pôs certa vez em minhas mãos forneceram-me vários pormenores relativos a nossos antepassados. Por essas anotações, fiquei sabendo que a família viveu na mesma aldeia, Ecton, em Northamptonshire, durante trezentos anos, e muitos mais cujo número ele não sabia (talvez desde o tempo em que o nome de Franklin, anteriormente nome de uma categoria de pessoas, foi tomado por ela como sobrenome quando outros adotaram sobrenomes em todo reino). Vivia em uma propriedade de cerca de trinta acres, ajudada pelo ofício de ferreiro, que continuou na família até o tempo desse meu tio, sendo sempre o filho mais velho preparado para aquele ofício, costume que ele e meu pai seguiram, assim como seus filhos mais velhos.

Quando pesquisei os registros de Ecton, encontrei um relato de

seus nascimentos, casamentos e sepultamentos só a partir de 1555, não havendo naquela paróquia registros de época anterior. Por aqueles registros, fiquei sabendo que fui o filho mais novo do filho mais novo desde cinco gerações antes. Meu avô Thomas, que nasceu em 1598, viveu em Ecton até ficar velho demais para continuar em seu ofício, ocasião em que foi viver com seu filho John, tintureiro em Banbury, no Oxfordshire, a quem meu pai serviu como aprendiz. Lá meu avô morreu e foi sepultado. Vimos sua sepultura em 1758. Seu filho mais velho, Thomas, viveu na casa em Ecton e deixou-a com as terras para seu único filho, uma mulher, que, como seu marido, um certo Fisher, de Wellingborough, a vendeu ao sr. Isted, atual dono da propriedade. Meu avô teve quatro filhos que chegaram à idade adulta. Thomas, John, Benjamin e Josiah. Estou-lhe contando o que posso a respeito deles, a esta distância de meus documentos. Se estes não foram perdidos em minha ausência, neles você encontrará muitos outros pormenores.

Thomas foi preparado para ferreiro sob a direção de seu pai, mas, sendo talentoso e incentivado no estudo (como foram todos os meus irmãos) por Esquire Palmer, então o principal cavalheiro da paróquia, habilitou-se para o serviço de escrivão. Tornou-se homem de considerável prestígio no condado. Foi um dos principais animadores de todos os empreendimentos de interesse público no condado ou cidade de Northampton e em sua própria aldeia, dos quais muitos foram atribuídos a ele. Gozou de grande atenção e patrocínio do então Lorde Halifax. Morreu em 6 de janeiro de 1702, exatamente quatro anos menos um dia antes de meu nascimento. O que ouvimos de pessoas idosas de Ecton sobre sua vida e seu caráter, lembro-me bem, impressionou-o como algo extraordinário, pela semelhança com o que você conhecia de mim. “Se ele tivesse morrido no mesmo dia”, disse você, “ poder-se-ia supor uma transmigração”.

John foi preparado para tintureiro, de lãs, segundo creio. Benjamin foi preparado para tintureiro de seda, tendo feito um aprendizado em Londres. Era um homem talentoso. Lembro-me bem

dele pois, quando eu era menino, veio visitar meu pai em Boston e morou anos em nossa casa. Viveu até idade muito avançada. Seu neto, Samuel Franklin, vive hoje em Boston. Ele deixou dois volumes in-quarto, em manuscrito, contendo suas poesias, formadas de pequenas peças ocasionais dedicadas a amigos e parentes, das quais a seguinte, que me foi enviada, é um exemplo. Inventou um sistema próprio de taquigrafia, que me ensinou, mas do qual esqueci por jamais tê-lo praticado. Recebi o nome desse tio, pois havia particular afeição entre ele e meu pai. Era muito piedoso e grande apreciador de sermões dos melhores pregadores, que registrava pelo seu processo taquigráfico e dos quais possuía numerosos volumes. Tinha também muito de político, de mais talvez para sua posição. Veio-me às mãos posteriormente, em Londres, uma coleção feita por ele de todos os principais panfletos relacionados com negócios públicos, de 1641 a 1717. Muitos dos volumes estão faltando, como mostra a numeração, mas ainda restam oito volumes in-fólio e vinte e quatro in-quarto e in-octavo. Um negociante de livros velhos encontrou-os e, conhecendo-me, pois eu às vezes comprava algumas coisas suas, trouxe-os para mim. Parece que meu tio os deixou aqui quando foi para a América, o que aconteceu há mais de cinquenta anos. Há muitas anotações suas nas margens.

Essa nossa obscura família aderiu cedo à Reforma e continuou protestante durante o reinado da Rainha Maria, quando esteve, às vezes, em perigo de passar por dissabores devido a seu fervor contra o catolicismo. Tinha uma Bíblia Inglesa, e, para escondê-la e protegê-la, prendia com tiras embaixo da tampa de uma banqueta dobradiça. Quando meu trisavô a lia para a família, virava a banqueta sobre os joelhos, folheando as páginas por baio das tiras. Uma das crianças ficava na porta para avisar se visse aproximar-se o meirinho, que era um funcionário da corte espiritual. Nesse caso, a banqueta era virada sobre seus pés, ficando a Bíblia escondida dentro dela como antes. Esta história me foi contada por meu tio Benjamin. A família toda continuou pertencendo à Igreja da Inglaterra mais ou menos até o fim do reinado de Carlos II. Nessa época, quando alguns dos ministros expulsos por não conformismo realizavam reuniões secretas em

Northamptonshire, Benjamin e Josiah a eles aderiram e assim continuaram pelo resto da vida. Os demais membros da família permaneceram na Igreja Episcopal.

Josiah, meu pai, casou-se moço e levou sua mulher com três filhos para a Nova Inglaterra, mais ou menos em 1682. Tendo sido proibidas por lei as reuniões religiosas dos dissidentes, que eram frequentemente interrompidas, alguns homens importantes de seu conhecimento decidiram mudar-se para essa região e convenceram-no a acompanha-los até aí, onde esperavam praticar sua religião com liberdade. Da mesma esposa teve mais quatro filhos nascidos aí e, de uma segunda esposa, outros dez, sendo dezessete ao todo. Lembro-me que treze se sentavam ao mesmo tempo à sua mesa, todos os quais chegaram à vida adulta e se casaram. Eu fui o último dos meninos e a mais nova de todas as crianças, com exceção de duas. Nasci em Boston, na Nova Inglaterra. Minha mãe, a segunda esposa, chamava-se Abiah Folger, filha de Peter Folger, um dos primeiros colonos da Nova Inglaterra, de quem Cotton Mather, em sua história da igreja daquela terra, intitulada “Magnalia Christi Americana, faz lisonjeira menção como “*um piedoso e culto inglês*”, se me lembro exatamente das palavras. Ouvi dizer que ele escreveu várias pequenas obras, mas só foi impressa uma delas que eu vi há muitos anos. Foi escrita em 1765, nos versos caseiros daquele tempo e daquela gente, sendo dirigida aos homens lá interessados no governo. Era em favor da liberdade de consciência e em defesa dos batistas, quakers e outros sectários que estavam sujeitos a perseguição. Atribuía as guerras com os índios e outros males que haviam castigado o país a essa perseguição, como julgamentos de Deus para punir tão, odioso crime, e exortava à revogação dessas leis impiedosas. O conjunto pareceu-me escrito com decente simplicidade e viril liberdade. Dos seis versos finais eu me lembro, embora tenha esquecido os dois primeiros da estrofe. O sentido deles, porém, era que suas censuras provinham de boa-fé e, portanto, ele gostaria de ser identificado como autor.

“Because to be a libeller (says he)

I hate it with my heart;
From Sheburne town, where now I dwell
My name I do, put here;
Without offence your real friend,
It is Peter Folgier.” [1]

Meus irmãos mais velhos foram todos postos como aprendizes em diversos ofícios. Eu fui matriculado na “Grammar-school”[2] aos oito anos de idade, pretendendo meu pai dedicar-me, como o dízimo de seus filhos, ao serviço da Igreja. A rapidez com que aprendi a ler (deve ter sido mesmo muito cedo, pois, não me lembro do tempo em que não sabia ler) e a opinião de todos os seus amigos, de que eu seria sem dúvida um bom estudante, encorajaram-no nesse propósito. Meu tio Benjamin também o aprovou e propôs dar-me todos os seus volumes de sermões taquigrafados, suponho que como estoque com o qual me estabelecer, se eu aprendesse seus caracteres. Contudo, não permaneci sequer um ano na “Grammar-school”, embora nesse tempo tivesse sido gradualmente elevado do meio da classe daquele ano para sua parte mais alta e depois transferido para a classe logo acima dela, a fim de ir com esta para a terceira no fim do ano. Entrementes, porém, meu pai, tendo em vista a despesa de uma educação colegial, com a qual não podia arcar facilmente, tendo família tão grande, e a vida modesta que muitas pessoas assim educadas conseguiam posteriormente ter – razões que deu a seus amigos na minha presença – mudou sua intenção inicial, tirou-me da “Grammar-school” e mandou-me para uma escola de escrita e aritmética, mantida por um homem então famoso, sr. George Brown, muito bem-sucedido em sua profissão, e isso por métodos brandos e encorajadores.

Sob sua orientação aprendi logo a escrever, mas falhei em aritmética e nela não fiz progresso. Aos dez anos de idade fui levado para casa a fim de ajudar meu pai em seu negócio, que era o de fabricação de velas e sabão. Ele não fora preparado para esse negócio mas o adotara depois de sua chegada à Nova Inglaterra, ao verificar que seu ofício de tintureiro não daria para sustentar sua

família, por ser pouco procurado. Assim, fui empregado em cortar pavios para as velas, encher moldes de velas, servir na loja, fazer entregas etc.

Eu não gostava do serviço e sentia forte inclinação para o mar, mas meu pai declarou-se contra isso. Contudo, vivendo perto da água e ficando muito tempo nela ou perto dela, aprendi cedo a nadar bem e a dirigir botes. Quando estava em um bote ou canoa com outros meninos, geralmente deixavam que eu dirigisse, especialmente em caso de dificuldade. Em outras ocasiões, eu era geralmente um líder entre os meninos e, às vezes, os metia em encrencas, das quais mencionarei um caso, pois mostra precoce manifestação de espírito público, embora não acertadamente orientado.

Havia um terreno alagado que se limitava com parte da represa do moinho e em cuja margem, quando a água estava alta, costumávamos ficar pescando. De tanto pisar nesse terreno, fizéramos dele um lodaçal. Minha proposta foi construir lá um molhe sobre o qual pudéssemos ficar e mostrei a meus companheiros um grande monte de pedras, que se destinaram a uma nova casa perto do lodaçal e que serviram muito bem para nosso propósito. Assim à noitinha, quando os trabalhadores se retiravam, reuni vários de meus companheiros e, trabalhando com eles diligentemente como formigas, dois ou três às vezes carregando uma pedra, transportamos todas elas e construímos nosso pequeno molhe. Na manhã seguinte os operários ficaram surpreendidos ao notar a falta das pedras, que foram encontradas em nosso molhe. Fizeram-se investigações para descobrir quem as levara. Fomos descobertos, e apresentaram queixa contra nós. Alguns de nós foram castigados por seus pais e, embora eu alegasse a utilidade do trabalho, meu pai convenceu-me de que nada podia ser útil sem ser honesto.

Penso que você gostará de conhecer alguma coisa sobre a pessoa e o caráter de meu pai. Ele tinha excelente constituição física, era de estatura mediana, mas bem feito de corpo e muito forte. Era talentoso, desenhava bem, tinha certa aptidão para a música e uma voz clara e suave, de modo que era extremamente agradável ouvi-lo

quando tocava melodias de salmos, em seu violino e cantava ao mesmo tempo, como fazia as vezes à noitinha depois de terminados os negócios do dia. Tinha também gênio mecânico e, às vezes, era muito jeitoso no uso de ferramentas de outros profissionais. Todavia, sua grande excelência residia na clara compreensão e sólido julgamento de questões que reclamavam prudência, tanto em negócios privados como públicos.

Na realidade, nunca se dedicou a estes últimos, pois a família numerosa que precisava educar e as dificuldades de sua situação financeira conservavam-no preso ao seu ofício. Contudo lembro-me muito bem que era frequentemente visitado por pessoas importantes, as quais pediam sua opinião sobre negócios da cidade ou da igreja a que pertencia e demonstravam muito respeito por seu julgamento a seu conselho. Era também muito consultado por pessoas privadas sobre seus negócios, sempre que ocorria alguma dificuldade e frequentemente escolhido como árbitro entre partes em disputa. À sua mesa gostava de ter, o mais frequentemente possível, algum amigo ou vizinho sensato com quem conversar e sempre tinha o cuidado de levar a conversa para algum tema engenhoso e útil, que pudesse tender a aperfeiçoar o espírito de seus filhos. Por esse meio chamava nossa atenção para o que era bom, justo e prudente na direção da vida. Pouca ou nenhuma atenção se dava aos alimentos sobre a mesa, se eram bem ou mal temperados, da estação ou fora de estação, de bom ou mal sabor, preferível ou inferior a outros da mesma espécie. Assim, fui criado com tão perfeita desatenção por essas questões a ponto de tornar-me quase indiferente à qualidade de comida que me serviam e tão pouco observador quanto a isso que, até hoje, se me perguntarem, dificilmente poderei dizer o que jantei, algumas horas depois do jantar. Isso tem sido conveniente para mim em viagens, nas quais meus companheiros se sentem, às vezes, muito infelizes por falta de uma satisfação adequada para seus gostos e apetites mais delicados, por serem melhor instruídos.

Minha mãe tinha igualmente excelente constituição física: amamentou todos os seus dez filhos. Jamais soube que meu pai ou

minha mãe tivessem tido qualquer doença, salvo aquelas de que morreram, ele com 89 e ela com 85 anos de idade. Estão sepultados juntos em Boston, onde há alguns anos coloquei uma lápide de mármore sobre seu túmulo, com esta inscrição:

JOSIAH FRANKLIN e

Sua esposa ABIAH

Jazem aqui sepultados.
Viveram juntos amorosamente em matrimônio
Durante cinquenta e cinco anos,
Sem uma propriedade ou qualquer emprego rendoso,
Por constante trabalho e indústria,
Com a bênção de Deus,
Sustentaram uma grande família confortavelmente
E criaram treze filhos
E sete netos dignamente
Que este exemplo, leitor
O encoraje a ser diligente em seu trabalho
E a não desconfiar da Providência.
Ele foi um homem piedoso e prudente
Ela foi uma mulher discreta e virtuosa.
Seu filho mais novo,
Em respeito filial à sua memória,
Coloca esta lápide.
J.F. nascido em 1655, falecido em 1744, com 89 anos.
A.F. nascida em 1667, falecida em 1752 com 85.anos

Por estas minhas divagações percebo que estou velho. Costumava escrever mais metodicamente. Mas a gente não se veste para uma reunião íntima como para um baile público. Talvez seja apenas descuido.

Voltando ao assunto, continuei empregado no negócio de meu pai durante dois anos, isto é, até completar doze anos de idade. Tendo meu irmão John, que fora preparado para aquele negócio,

deixado meu pai, se casado e estabelecido por conta própria em Rhode Island, tudo indicava que eu estava destinado a substituí-lo e tornar-me fabricante de velas. Continuando, porém, minha aversão pelo ofício, meu pai temeu que, se não me encontrasse outro mais agradável, eu fugisse e adotasse a vida do mar, como fizera seu filho Josiah, para grande contrariedade sua. Por isso, às vezes levava-me passear em sua companhia a ver marceneiros, pedreiros, torneiros, funileiros etc. em seu trabalho, para poder observar minha inclinação e procurar fixá-la em um ou outro ofício. Foi desde então para mim um prazer ver bons trabalhadores lidarem com suas ferramentas. Isso me foi útil, pois aprendi muita coisa, que me tornou capaz de executar pequenos trabalhos em minha casa, quando não era possível arranjar prontamente um trabalhador, e construir pequenas máquinas para minhas experiências, enquanto a intenção de fazer a experiência estava fresca e quente em meu espírito. Meu pai finalmente se fixou no ofício de cuteleiro, e tendo-se estabelecido em Boston mais ou menos nessa ocasião o filho de meu tio Benjamin, Samuel, que se preparara para esse ofício em Londres, mandaram-me ficar com ele algum tempo em experiência. Contudo, sua expectativa de receber uma remuneração desagradou meu pai, e eu fui levado de volta para casa.

Desde criança gostei de ler, e todo o pouco dinheiro que me caía nas mãos era gasto em livros. Tendo gostado de “Pilgrim’s Progress”, minha primeira coleção foi a dos trabalhos de John Bunyan em pequenos volumes separados. Mais tarde, vendi-os para poder comprar as “Historical Collections” de R. Burton. Eram livros pequenos e baratos, 40 ou 50 ao todo. A pequena biblioteca de meu pai era formada principalmente de livros de teologia polêmica, dos quais li a maior parte. Desde então, muitas vezes lamentei não terem caído em minhas mãos, numa época em que eu tinha tanta sede de conhecimento, livros mais apropriados, uma vez que estava então decidido que eu não seria clérigo. Havia as “Vidas” de Plutarco que li bastante e ainda penso que o tempo gasto nisso foi de grande valor. Havia também um livro de De Foe, intitulado “Essay on Projects”, e outro do Dr. Mather, intitulado “Essays to do Good”, que talvez me

tenham dado um modo de pensar que exerceu influência em alguns dos principais acontecimentos futuros de minha vida.

Essa inclinação livresca com o tempo levou meu pai a fazer de mim um tipógrafo, embora já tivesse um filho (James) nesse ofício. Em 1717, meu irmão James regressou da Inglaterra com uma imprensa e tipos para estabelecer seu negócio em Boston. Gostei muito mais desse que do ofício de meu pai, mas ainda sentia vocação para o mar. A fim de prevenir o temido efeito de tal inclinação, meu pai mostrou-se impaciente em ligar-me a meu irmão. Resisti durante algum tempo, mas finalmente fui convencido e assinei um contrato quando ainda não tinha senão doze anos de idade. Eu deveria trabalhar como aprendiz até os vinte e um anos, mas com direito a salário de oficial durante o último ano. Em pouco tempo fiz grande progresso no ofício e tornei-me útil auxiliar de meu irmão. Agora tinha acesso a livros melhores. O conhecimento com aprendizes de livreiros permitia-me, às vezes, tomar emprestado um pequeno livro, que eu tinha o cuidado de devolver logo e limpo. Muitas vezes, ficava sentado em meu quarto lendo durante a maior parte da noite, quando o livro era emprestado à noitinha para ser devolvido às primeiras horas da manhã, a fim de não ser notada sua falta caso o procurassem.

Algum tempo depois, um talentoso negociante, sr. Matthew Adams, que tinha uma bela coleção de livros e que frequentava nossa tipografia, reparou em mim, convidou-me a visitar sua biblioteca e bondosamente se dispôs a emprestar-me os livros que eu quisesse ler. Tomei então certo gosto por poesia e fiz alguns pequenos poemas. Meu irmão, pensando que isso talvez pudesse dar lucro, encorajou-me, e eu me pus ocasionalmente a compor baladas. Uma delas se intitulava “The Lighthouse Tragedy” e continha um relato do afogamento do Capitão Worthlake, com suas duas filhas; outra era uma canção de marinheiros, sobre a captura do pirata “Teach” (ou Barba Negra). Eram trabalhos horríveis, no estilo das baladas de cordel. Depois de impressas, meu irmão mandava-me vende-las pela cidade. A primeira teve venda magnífica pois o acontecimento era

recente, tendo produzido grande sensação. Isso lisonjeou minha vaidade, mas meu pai desencorajou-me, ridicularizando meus trabalhos e dizendo-me que os fazedores de versos em geral eram mendigos. Escapei assim de ser poeta, provavelmente porta muito ruim. Como, porém, escrever prosa tem sido de grande utilidade para mim no decorrer da vida e foi o principal meio de meu progresso, vou contar-lhe como, em tal situação, adquiri a pouca aptidão que tenho nesse sentido.

Havia na cidade outro rapaz apreciador de livros, chamado John Collins, de que eu era íntimo amigo. Às vezes, questionávamos, pois gostávamos muito de discutir e nos contradizer mutuamente, inclinação essa para discussão que, diga-se de passagem, tende a transformar-se em hábito muito mau, tornado com frequência as pessoas extremamente desagradáveis quando na companhia de outros devido à contradição que necessitam aplicar na prática. Assim, além de azedar e estragar a palestra, causa desgostos e talvez inimizades quando se poderia ter ocasião de fazer amizade. Adquiri esse hábito lendo livros de meu pai sobre discussão religiosa. Tenho observado desde então que as pessoas de bom senso raramente se entregam a isso, com exceção de advogados, professores de universidade e homens de toda espécie que tenham sido criados em Edinborough.

Não sei como, iniciou-se certa vez entre Collins e eu uma questão sobre a conveniência de educar o sexo feminino para saber e sobre suas aptidões para o estudo. Collins sustentava a opinião de que era inconveniente e que elas naturalmente não estavam à altura. Coloquei-me do lado contrário, talvez um pouco pelo gosto de discutir. Ele era, naturalmente, mais eloquente e tinha pronta uma abundância de palavras. Às vezes, penso eu, derrotava-me mais pela sua influência que pela força de seus argumentos. Como nos separamos sem ter resolvido a questão e não nos íamos encontrar de novo durante algum tempo, expus meus argumentos por escrito, copiei-os cuidadosamente e remeti-os a ele. Respondeu-me, e eu repliquei. Havíamos trocado três ou quatro cartas, quando meu pai

encontrou por acaso meus papéis e os leu. Sem entrar na discussão, aproveitou a ocasião para falar-me sobre minha maneira de escrever. Observou que, embora eu levasse vantagem sobre meu antagonista na correção de ortografia e pontuação (o que eu devia à tipografia), ficava-lhe muito atrás em elegância de expressão, em método de clareza, do que me convenceu com vários exemplos. Reconheci a justiça de suas observações e daí por diante prestei mais atenção à maneira de escrever e decidi esforçar-me por melhorar.

Mais ou menos nessa época, encontrei um volume avulso do “Spectator”. Era o terceiro. Nunca tinha visto qualquer deles. Comprei-o, li-o repetidas vezes e fiquei encantado com ele. Achei excelente a maneira de escrever e desejei se possível imitá-la. Tendo isso em vista, escolhi alguns artigos e, fazendo curtas sugestões do sentimento contido em cada sentença, deixei-as de lado durante alguns dias e, em seguida, sem olhar o livro, tentei completar novamente os artigos, expressando cada sentimento sugerido, demoradamente e tão amplamente quanto fora expresso antes, nas palavras adequadas que me ocorressem. Depois, comprei meu “Spectator” com o original, descobri algumas de minhas falhas e corrigi-as. Verifiquei que me faltava um estoque de palavras ou a facilidade de lembra-las e usá-las, o que, segundo pensei, poderia ter adquirido antes dessa época se houvesse continuado a fazer versos. Isso porque o continuado emprego de palavras do mesmo sentido, mas de comprimento diferente, para atender à métrica, ou de som diferente, para a rima, ter-me-ia sujeitado à constante necessidade de procurar variedade e teria também tendido a fixar essa variedade em meu espírito, fazendo-me senhor dela. Por isso, tomei algumas de minhas histórias e transformei-as em versos; e, depois de certo tempo, quando já havia esquecido bastante a prosa, transformei-as de novo como eram antes. Às vezes, também, baralhava minhas coleções de sugestões, deixando-as em confusão, e depois de algumas semanas esforçava-me por colocá-las na melhor ordem, antes de começar e formar as sentenças inteiras e completar o artigo. Isso era para ensinar-me método no arranjo de pensamentos.

Comparando depois meu trabalho com o original, descobri muitas falhas e corrigi-las. Às vezes, porém tive o prazer de imaginar que, em certos pormenores de pequena importância, havia tido a sorte de melhorar o método ou a linguagem, o que me encorajou a pensar que talvez pudesse, com o tempo, tornar-me um escritor inglês tolerável, coisa que tinha extrema ambição de ser. Meu tempo para esses exercícios e para a leitura era à noite, depois do trabalho ou antes de começá-lo pela manhã, ou aos domingos, quando podia ficar sozinho na tipografia, fugindo o mais possível à frequência comum do oculto público, que meu pai costumava exigir de mim quando estava sob seus cuidados e que, na realidade, eu ainda considerava um dever, embora não pudesse, segundo me parecia, dedicar tempo à sua prática.

Quando tinha cerca de 16 anos, encontrei por acaso um livro escrito por certo Tryon, que recomendava uma dieta vegetal. Decidi segui-la. Meu irmão, sendo ainda solteiro, não tinha casa montada e tomava pensão na casa de uma família, juntamente com seus aprendizes. Minha recusa em comer carne criou certos inconvenientes e frequentemente me censuravam por essa singularidade. Familiarizei-me com a maneira como Tryon preparava alguns de seus pratos, cozinhava batata ou arroz, fazia mingaus e algumas outras coisas, e em seguida propus a meu irmão que, se me desse semanalmente metade do dinheiro que pagava por minha pensão, eu próprio cuidaria de minha alimentação. Concordou imediatamente com isso, e eu constatei então que podia economizar metade do que ele me pagava. Esse era um fundo adicional para a compra de livros. Havia, porém, ainda outra vantagem. Como meu irmão e os outros saíam da tipografia para tomar as refeições, eu lá ficava sozinho e, comendo depressa meu ligeiro repasto, que muitas vezes não era mais que um biscoito ou uma fatia de pão, um punhado de passas ou uma torta da pastelaria, e um copo dágua, dispunha do resto do tempo até seu regresso para estudar, no que fiz o maior progresso, devido à maior clareza da cabeça e mais rápida apreensão que geralmente acompanham a temperança no comer e no beber.

Aconteceu então que, sentindo-me em certas ocasiões envergonhado de minha ignorância em matéria de números, em cujo estudo falhara duas vezes quando frequentava a escola, tomei o livro de Aritmética de Cocker e li-o inteiro sozinho com grande facilidade. Li também os livros de Navegação de Seller e Shermy, e familiarizei-me com o pouco de geometria que continham. Nunca porém, avancei muito nessa ciência. Mais ou menos nessa época li "On Human Understanding", de Locke, e "Art of Thinking", de Messrs. du Port Royal.

Enquanto me esforçava por melhorar minha linguagem, encontrei uma gramática inglesa (penso que foi a de Greenwood), no final da qual havia dois ou três pequenos esboços sobre as artes da retórica e lógica, o último deles terminando com exemplo de uma discussão no método socrático. Logo depois obtive "Memorable Things of Socrates", de Xenofonte, no qual há muitos exemplos do mesmo método. Fiquei encantado com ele, adotei-o, abandonei minha refutação abrupta e argumentação impositiva, e passei a ser o humilde pesquisador e duvidador. Tendo então, devido à leitura de Shaftesbury e Collins, passado a duvidar realmente de muitos pontos de nossa doutrina religiosa, achei esse método mais seguro para mim e muito embaraçoso para aqueles contra os quais o empregava. Por isso, encontrava nele grande prazer, praticava-o constantemente e tornei-me muito hábil em levar pessoas, mesmo de superior conhecimento, a fazerem concessões, cujas consequências não previam, emaranhando-as em dificuldades das quais não podiam deslindar-se e assim obtendo vitórias que nem sempre eu ou minha causa mereciam.

Continuei com este método durante alguns anos, mas gradualmente o abandonei, conservando apenas o hábito de expressar-me em termos de modesta hesitação, nunca empregando, quando adiantava algo que pudesse ser contestado, as palavras certamente, indubitavelmente ou outras que dessem aparência categórica a uma opinião. Em lugar disso, dizia: concebo ou entendo que uma coisa é assim ou assim; parece-me ou eu pensaria que é

assim ou assim, por esta ou aquela razão; ou imagino que seja assim; ou é assim, se não me engano. Creio que esse hábito foi muito vantajoso para mim quando tive ocasião de incutir minhas opiniões e convencer homens em favor de medidas que de tempos a tempos me empenhei em promover. Como os fins principais da conversação são informar ou ser informado, agradar ou persuadir, gostaria que homens bem-intencionados e sensatos não diminuíssem sua capacidade de fazer o bem por ter uma postura impositiva e arrogante, que raramente deixa de desgostar, tende a criar oposição e anula em qualquer pessoa os propósitos para os quais nos foi dada a fala, isto é, fornecer ou receber informação ou prazer. Isso porque, se você deseja informar, a maneira impositiva e dogmática na apresentação de seus sentimentos pode provocar contradição e impedir atenção sincera. Se você deseja informar-se e aperfeiçoar-se através do conhecimento de outros, mas ao mesmo tempo se manifesta firmemente arraigado em suas atuais opiniões, homens modestos e sensatos, que não gostam de discussão, provavelmente o deixarão sossegado na posse de seu erro. E, com tais maneiras, você raramente poderá ter esperança de agradar seus ouvintes ou convencer aqueles cuja colaboração deseja. Pope diz judiciosamente:

"Homens devem ser ensinados como se não os estivesses ensinando."

"E coisas desconhecidas apresentadas como coisas esquecidas", recomendando-nos ainda:

"Falar, embora seguro, com aparente hesitação."

E poderia ter ligado a este verso o que ligou a outro com menos propriedade, segundo penso:

"Pois falta de modéstia é falta de senso."

Se você perguntar: "Por que menos propriedade?" deverei repetir os versos:

"Palavras imodestas não admitem defesa,

"Pois falta de modéstia é falta de senso."

Ora, a falta de senso (quando um homem é tão infortunado a ponto de ter falta de senso) não representa certa desculpa para sua falta de modéstia? E os versos não ficariam mais corretos assim?

"Palavras imodestas não admitem senão esta defesa,

"Que a falta de modéstia é falta de senso."

Isto, porém, é coisa que deverei submeter a melhores julgamentos.

Meu irmão havia começado, em 1720 ou 1721, a imprimir um jornal. Foi o segundo que apareceu na América e chamava-se "New England Courant". O único antes dele era o "Boston News-Letter". Lembro que alguns de seus amigos procuraram dissuadi-lo do empreendimento, como sem probabilidade de êxito, pois um jornal, em sua opinião, era suficiente para a América. Atualmente (1771) há nada menos que vinte e cinco. Ele prosseguiu, porém, no empreendimento e, após trabalhar na composição dos tipos e impressão das folhas, eu era encarregado de levar os jornais pelas ruas até os fregueses.

Ele tinha entre seus amigos alguns homens talentosos, os quais divertiam escrevendo para o jornal pequenos artigos, que lhe davam crédito e o tornavam mais procurado. Esses cavalheiros visitavam-nos frequentemente. Ouvindo sua conversa e o que falavam da aprovação com que seus artigos eram recebidos, senti-me incentivado a experimentar minha força entre eles. Todavia, sendo ainda menino e suspeitando que meu irmão não concordaria em publicar em seu jornal algo escrito por mim se soubesse que era de minha autoria, consegui disfarçar meu propósito e, escrevendo um artigo anônimo, coloquei-o à noite por baixo da porta da tipografia. Foi encontrado de manhã e mostrado a seus amigos escritores quando apareceram como de hábito. Leram-no, comentaram-no na minha presença e eu tive o intenso prazer de verificar que obtinha sua aprovação e que, em suas diferentes suposições sobre o autor, não

foram mencionados senão homens de certo prestígio entre nós pela sua cultura e talento. Hoje, suponho que tive muita sorte com meus juízes e que talvez não fossem realmente tão bons quanto eu os imaginava.

Todavia, encorajado por isso, escrevi e enviei para impressão pelo mesmo meio, vários outros artigos que foram igualmente aprovados. Guardei meu segredo até esgotar-se bastante minha pequena reserva de conhecimento para tais trabalhos e então revelei-o, ocasião em que comecei a ser um pouco mais considerado pelos conhecidos de meu irmão, o que absolutamente não o agradou, pois ele pensava, provavelmente com razão, que isso tendia a tornar-me excessivamente vaidoso. Talvez tenha sido essa a razão das divergências que então começamos a ter. Embora irmão, ele se considerava meu patrão e a mim como seu aprendiz, esperando de mim, consequentemente, o mesmo serviço que esperava de outros, enquanto eu pensava que ele me humilhava demais em algumas coisas que de mim exigia, pois, como irmão, esperava maior indulgência. Nossas disputas eram frequentemente submetidas a nosso pai e imagino que geralmente eu estava com a razão ou era melhor advogado, pois o julgamento em geral era a meu favor. Meu irmão, porém, era exaltado e frequentemente me batia, o que me ofendia extremamente.[3]

Achando meu aprendizado muito tedioso, eu desejava constantemente uma oportunidade de encurtá-lo, a qual finalmente me apareceu de maneira inesperada.

Uma das matérias de nosso jornal a respeito de alguma questão política, de que me esqueci, ofendeu a Assembleia. Meu irmão foi detido, censurado e aprisionado por um mês, por ordem do presidente, segundo suponho, porque não quis revelar o autor. Eu também fui detido e interrogado perante o conselho. Contudo, embora não lhes (desse qualquer satisfação, contentaram-se em repreender-me e dispensaram-me, considerando-me, talvez, como aprendiz, que era obrigado a guardar os segredos de seu patrão.

Durante a prisão de meu irmão, que senti muito, apesar de nossas divergências pessoais, fiquei na direção do jornal. Tive a ousadia de fazer em nossas normas algumas modificações, que meu irmão recebeu muito amavelmente, enquanto outros começaram a encarar-me de maneira desfavorável como um jovem gênio dotado de tendência para libelo e sátira. O livramento de meu irmão foi acompanhado por uma ordem da Câmara (ordem muito estranha), segundo a qual "James Franklin não deverá mais imprimir o jornal chamado "New England Courant".

Houve em nossa tipografia uma consulta entre seus amigos para saber o que ele deveria fazer nesse caso. Alguns propuseram que se esquivasse à ordem mudando o nome do jornal. Meu irmão, porém, vendo inconvenientes nisso, finalmente resolveu, como meio melhor, fazê-lo imprimir no futuro sob o nome de BENJAMIN FRANKLIN. Para evitar a censura da Assembleia, que poderia voltar-se contra ele por continuar a imprimi-lo através de seu aprendiz, o estratagema consistiu em devolver-me meu velho contrato, com plena quitação nas costas, para ser exibido em caso de necessidade. Contudo, para assegurar-lhe o benefício de meu serviço, eu assinaria novo contrato pelo restante do prazo, o qual seria conservado em segredo. Era um plano muito frágil, mas foi imediatamente executado e o jornal continuou a sair, sob meu nome, durante vários meses.

Finalmente, tendo surgido nova divergência entre meu irmão e eu, decidi adquirir minha liberdade, presumindo que ele não se atreveria a apresentar o novo contrato. Não foi leal de minha parte aproveitar-me disso e, assim, considero ter sido esse um dos primeiros erros de minha vida. Todavia, essa deslealdade pesava-me pouco, quando estava sob a impressão do ressentimento causado pelas pancadas que seu gênio exaltado com excessiva frequência o levava a aplicar-me, embora em outros sentidos não fosse um homem mau: talvez eu também fosse muito insolente e provocador.

Quando soube que ia deixá-lo, tomou o cuidado de impedir que eu arranjasse emprego em qualquer outra tipografia da cidade, visitando todas e falando com os patrões, que em consequência

recusaram dar-me trabalho. Pensei então em ir para Nova York, por ser o mais próximo o lugar onde havia tipografia. Sentia-me bastante inclinado a deixar Boston ao refletir que já me tornara um pouco antipático ao partido governante e, em vista dos processos arbitrários da Assembleia no caso de meu irmão, poderia provavelmente, se ficasse, meter-me logo em dificuldades.

Ademais, minhas indiscretas discussões sobre religião começavam a fazer com que gente boa me apontasse com horror como infiel e ateu. Estava resolvido quanto a isso, mas, tendo meu pai ficado então ao lado de meu irmão, compreendi que, se tentasse partir ostensivamente, seriam usados meios para impedir-me. Por isso, meu amigo Collins pôs-se a trabalhar um pouco por mim.

Combinou minha viagem com o capitão de uma chalupa de Nova York, sob a alegação de que eu era um jovem amigo seu, comprometido com uma mulher atoa, que estava grávida e cujos amigos desejavam forçar-me a desposá-la, não podendo eu por esse motivo aparecer ou partir publicamente. Assim, vendi alguns de meus livros para obter um pouco de dinheiro, fui levado para bordo secretamente e, como tivéssemos vento favorável, três dias depois encontrei-me em Nova York, a quase 300 milhas de casa, como um rapaz de apenas 11 anos, sem a menor recomendação, sem conhecer pessoa alguma no lugar e tendo muito pouco dinheiro no bolso.

Já havia perdido nessa época minhas inclinações pelo mar senão poderia satisfazê-las. Todavia, tendo um ofício e por considerar me um bom profissional, ofereci meus serviços ao tipógrafo do lugar, o velho Sr. William Bradford, que fora o primeiro tipógrafo da Pensilvânia, mas se mudara de lá devido a uma briga com George Keith. Não me deu emprego, pois tinha muito pouco serviço e já dispunha de auxiliares suficientes. Disse-me, porém: "Meu filho em Filadélfia perdeu recentemente seu principal auxiliar, Aquila Rose, que faleceu. Se for até lá, creio que ele poderá empregá-lo." Filadélfia ficava cem milhas mais longe. Parti, porém, em um barco com destino a Amboy, deixando meu baú e minhas coisas para me serem

mandadas depois pelo mar.

Ao atravessar a baía, fomos apanhados por uma tempestade que reduziu a pedaços nossas apodrecidas velas, impedindo que entrássemos no Canal e arrastando-nos para Long Island. Durante a viagem, um holandês embriagado, que era também passageiro, caiu de bordo. Quando estava afundando, enfiei a mão na água, agarrei-o pelos cabelos e puxei-o para cima, de modo que pudemos retirá-lo de novo. O mergulho curou-lhe um pouco a bebedeira, e ele foi dormir, tirando antes do bolso um livro, que me pediu para secar. Era a minha obra preferida, "Pilgrim's Progress", de Bunyan, em holandês, magnificamente impressa em bom papel, com gravuras em cobre, numa apresentação melhor de quantas eu já a vira em nossa própria língua. Descobri posteriormente que a obra havia sido traduzida para a maioria das línguas da Europa e acho que era mais lida que qualquer outro livro, exceto talvez a Bíblia. O honesto John foi, que eu saiba, o primeiro escritor a misturar narração e diálogo, método de escrever muito agradável para o leitor, que nas partes mais interessantes é, por assim dizer, levado para a companhia dos personagens e presencia a conversa. De Foe, em "Crusoe", "Moll Flandres", "Religious Courtship" "Family Instructor" e outras obras, imitou-o com sucesso; Richardson fez o mesmo em "Pamela" etc.

Quando nos aproximamos da ilha, vimos que era um lugar onde não seria possível desembarcar, pois havia forte rebentação na praia pedregosa. Por isso, lançamos âncora e viramos em direção à praia. Algumas pessoas desceram até a beira da água e gritaram para nós, como nós gritamos para elas. Todavia, o vento estava tão forte e a rebentação tão barulhenta, que não podíamos ouvir para nos entendermos mutuamente. Havia canoas na praia e nós fizemos sinais e gritamos que nos viessem buscar; mas ou não nos compreenderam ou acharam isso impraticável, de modo que se afastaram. Caindo a noite, não tivemos outro remédio senão esperar que o vento amainasse. Entrementes, o barqueiro e eu resolvemos dormir, se pudéssemos. Amontoamo-nos no paneiro, com o holandês, que ainda estava molhado. A água batendo contra a proa do barco

escorria até nós, de modo que logo estávamos quase tão molhados quanto ele. Assim passamos a noite toda, descansando muito pouco. No dia seguinte, porém, tendo o vento amainado, mudamos de rumo para chegar a Amboy antes da noite, após ficar trinta horas na água, sem comida ou qualquer bebida, a não ser uma garrafa de rum horrível e a água salgada sobre a qual navegávamos.

À noitinha, senti-me muito febril e fui para a cama. Tendo lido, porém, em algum lugar, que água fria bebida em abundância era bom para febre, segui a receita, transpirei abundantemente durante a maior parte da noite e a febre deixou-me. De manhã, após a travessia na barca, prossegui viagem a pé, precisando caminhar cinquenta milhas até Burlington, onde me disseram que encontraria barcos para levar-me até Filadélfia.

Choveu pesadamente o dia inteiro. Fiquei completamente ensopado e, ao meio-dia, sentia-me muito cansado. Por isso, entrei em uma pobre hospedaria, onde passei a noite inteira, começando então a desejar jamais ter saído de casa. Estava com aparência tão miserável que, segundo descobri pelas perguntas que me faziam, suspeitavam que eu fosse um servo fugido e me vi ameaçado de ser detido por essa suspeita. Entretanto, prossegui viagem no dia seguinte e cheguei à noitinha a uma hospedaria, a oito ou dez milhas de Burlington, mantida por um certo Dr. Brown. Entabulou conversa comigo enquanto eu comia alguma coisa e, percebendo que eu havia lido um pouco, tornou-se muito sociável e amável. Nossas relações continuaram durante todo o tempo em que ele viveu. Suponho que tenha sido um médico itinerante, pois não havia cidade da Inglaterra ou país da Europa sobre o qual não pudesse fazer um relato muito pormenorizado. Tinha certa cultura e era talentoso, mas muito descrente e empenhou-se maldosamente, alguns anos mais tarde, em parodiar a Bíblia em versos cômicos, como Cotton fizera com Virgílio. Dessa maneira, apresentava numerosos fatos com aparência muito ridícula e poderia ter prejudicado espíritos fracos, se seu trabalho tivesse sido publicado. Mas nunca foi.

Passei aquela noite em sua casa e na manhã seguinte cheguei a

Burlington, mas tive o pesar de saber que os barcos regulares haviam partido pouco antes de minha chegada e não se esperava que outros partissem antes de terça-feira, sendo então sábado. Por isso, voltei a procurar uma velha da cidade, de quem eu comprara bolos para comer na viagem, e pedi-lhe conselhos. Convidou-me para ficar em sua casa até haver transporte por água. Estando cansado da viagem a pé, aceitei o convite. Informada de que eu era tipógrafo, aconselhou-me a ficar na cidade e dedicar-me a meu ofício, ignorando o material que era necessário para começar. Foi muito hospitaleira e serviu-me com grande boa vontade um jantar de carne de vaca, aceitando em troca apenas uma caneca de cerveja. Achei que estava acomodado até chegar terça-feira. Contudo, quando caminhava à noitinha pela margem do rio, chegou um barco que, segundo eu soube, ia para Filadélfia, levando várias pessoas. Receberam-me a bordo e, como não havia vento, remamos o tempo todo. Cerca de meia-noite, como não tivéssemos ainda avistado a cidade, alguns do grupo ficaram certos de que já a havíamos ultrapassado e não quiseram mais remar. Os outros não sabiam onde estávamos. Por isso, avançamos em direção à terra, entramos em uma enseada, desembarcamos perto de uma velha cerca, com cujas travessas fizemos uma fogueira, pois, sendo outubro, a noite estava fria. Lá ficamos até nascer o dia. Então um dos integrantes do grupo reconheceu o lugar como sendo a enseada de Cooper, um pouco acima de Filadélfia, cidade que avistamos logo ao deixar a enseada e onde chegamos mais ou menos às oito ou nove horas da manhã de domingo, desembarcando no cais de Market-street.

Descrevi muito pormenorizadamente minha viagem e o mesmo farei em relação à minha primeira entrada naquela cidade para que você possa, em imaginação, comparar começo tão desanimador com a figura que lá fiz desde então. Eu estava com meus trajes de trabalho, pois minhas melhores roupas deviam ser-me mandadas por mar. Estava sujo da viagem, tinha os bolsos estufados de camisas e meias, e não conhecia ninguém, nem onde procurar alojamento. Estava cansado da viagem, de remar e da falta de descanso, sentia muita fome e todo meu dinheiro consistia em um dólar holandês e

cerca de um xelim em cobre. Este último dei aos homens do barco como pagamento de minha passagem. A princípio, recusaram-no, por eu ter remado. Insisti, porém, em que o recebessem. O homem é, às vezes, mais generoso quando só tem pouco dinheiro do que quando tem muito, talvez por medo de pensarem que tem pouco.

Depois subi a rua, olhando para todos os lados até chegar perto do mercado, onde encontrei um rapaz com um pão. Eu já havia feito muitas refeições de pão e, perguntando-lhe onde o adquirira, fui imediatamente a padaria que me indicou, na Second-Street e pedi biscoitos, desejando-os do tipo que tínhamos em Boston, mas que, parece-me, não eram feitos em Filadélfia. Então pedi um filão de três pence disseram-me que não tinham disso. Sem considerar ou conhecer a diferença em dinheiro, o preço mais barato ou os nomes dos pães, pedi que me dessem três pence de qualquer espécie. Deram-me, em consequência, três gordos pães. Fiquei surpreendido pela quantidade, mas apanhei-os e, não havendo lugar nos bolsos, saí com um pão embaixo de cada braço, enquanto comia o outro. Assim subi a Market-street até Fourth-street, passando diante da casa do Sr. Read, pai de minha futura esposa. Estando ela em pé na porta, me viu e achou que eu tinha, como tinha mesmo, aparência muito desgraciosa e ridícula. Em seguida, virei e desci Chestnut-street e parte de Walnut-street, sempre comendo meu pão. Tendo dado a volta, encontrei-me de novo no cais de Market-street, perto do barco em que chegara, ao qual me dirigi para tomar um gole de água do rio. Tendo ficado satisfeito com um de meus pães, dei os outros dois a uma mulher e seu filho que haviam descido o rio no barco conosco e estavam esperando para ir mais além.

Assim revigorado, subi novamente a rua, na qual a essa altura havia muitas pessoas bem vestidas, andando todas na mesma direção. Juntei-me a elas e assim fui levado até a grande casa de reuniões dos quakers, perto do mercado. Sentei-me entre eles e, depois de olhar ao redor por algum tempo, sem ouvir dizerem coisa alguma, sentindo-me muito sonolento pelo esforço e pela falta de repouso na noite anterior, peguei logo no sono e dormi até terminar a

reunião, quando alguém teve a bondade de acordar-me. Essa foi, portanto, a primeira casa em que entrei ou na qual dormi em Filadélfia.

Descendo novamente em direção ao rio e olhando a fisionomia das pessoas, deparei com um jovem quaker, cujas feições me agradaram, e, abordando-o, perguntei-lhe onde um estranho poderia conseguir pousada. Estávamos então perto da tabuleta dos "Three Mariners". "Este" disse ele, "é um lugar que recebe estranhos, mas não é uma casa respeitável. Se quiser andar comigo, eu lhe mostrarei outra melhor". Levou-me até o "Crooked Billet" em Water-street. Ali, pedi um almoço e, enquanto comia, fizeram-me várias perguntas ardilosas, parecendo suspeitar, pela minha mocidade e aparência, que eu fosse fugitivo.

Depois do almoço, voltando-me o sono, levaram-me a uma cama, onde me deitei sem despir-me e dormi até as seis horas da tarde. Fui chamado para o jantar, voltei para a cama muito cedo e dormi pesadamente até a manhã seguinte. Então arrumei-me o melhor que pude e fui à tipografia de Andrew Bradford. Encontrei na oficina seu velho pai, com quem estivera em Nova York e que, viajando a cavalo, chegara a Filadélfia antes de mim. Apresentou-me a seu filho, que me recebeu educadamente, fez-me almoçar, mas disse-me que no momento não precisava de ajudante, tendo contratado um pouco tempo antes. Havia, porém, na cidade outro tipógrafo, estabelecido recentemente, um certo Keimer, que talvez pudesse empregar-me. Se isso não fosse possível, ele teria prazer em hospedar-me em sua casa e me daria um pouco de trabalho de vez em quando até haver serviço em quantidade.

O idoso cavalheiro disse que me acompanharia até a casa do novo tipógrafo e, quando o encontramos, falou: "Vizinho, trouxe para vê-lo um moço de seu ofício. Talvez você esteja precisando de alguém como ele." Keimer fez-me algumas perguntas, pôs um componedor em minha mão para ver como eu trabalhava e depois disse que me empregaria logo, embora no momento nada tivesse para eu fazer. Tomando o velho Bradford, que nunca vira antes, por

uma das pessoas da cidade que o encaravam com boa vontade, pôs-se a falar sobre seu empreendimento e suas perspectivas. Bradford, sem revelar que era pai do outro tipógrafo, ao ouvir Keimer dizer que esperava logo ter nas mãos a maior parte dos negócios, levou-o, por meio de astuciosas perguntas e provocando pequenas dúvidas, a expor todas as suas opiniões, quais os interesses com que contava e de que maneira pretendia proceder. Eu, ficando de lado e ouvindo tudo, percebi imediatamente que um deles era velho e hábil sofista, enquanto o outro era mero noviço. Bradford deixou-me com Keimer, que ficou muito surpreendido quando lhe contei quem era o velho.

A tipografia de Keimer, como logo descobri, consistia em uma velha e maltratada imprensa e uma pequena e gasta fonte de tipos ingleses, que ele próprio estava então usando, para compor Elegia a Aquila Rose, já mencionado, e que fora um jovem talentoso, de excelente caráter, muito respeitado na cidade, funcionário da Assembleia e bom poeta. Keimer também fazia versos com muita indiferença. Não se podia dizer que os escrevesse mas sua maneira era compô-los diretamente em tipos medida que lhe saíam da cabeça. Esforcei-me para pôr em condições de trabalhar sua imprensa (que ele ainda não usara e da qual nada entendia) e, prometendo ir imprimir sua Elegia logo que a tivesse terminado voltei à casa de Bradford, que me deu um pequeno serviço para fazer, e lá fiquei dormindo e comendo. Alguns dias depois, Keimer mandou-me chamar para imprimir sua Elegia. Tinha então outro par de caixas de tipos e um folheto para imprimir, no qual me pôs a trabalhar.

Achei esses dois tipógrafos mal habilitados para seu ofício. Bradford não fora treinado para ele e era muito inculto. Reimer que tinha algo de intelectual, era mero compositor, nada conhecendo do serviço de impressão. Fora um dos profetas franceses e sabia agir de acordo com suas entusiásticas agitações. Nessa época, não professava uma religião determinada, mas um pouco de cada uma delas em certas ocasiões. Era muito ignorante das coisas do mundo e tinha, como depois descobri, muito de velhaco. Não gostou que me hospedasse na casa de Bradford enquanto trabalhava para ele. Na

verdade, tinha uma casa, mas sem mobília não podendo assim hospedar-me. Contudo, tratou pensão para mim na casa do Sr. Read, já mencionado, que era o proprietário de sua casa. Já tendo chegado nessa época meu baú e minhas roupas, apresentei à Srta. Read aparência bem mais respeitável do que tivera quando me vira pela primeira vez comendo pão na rua.

Comecei então a fazer alguns conhecimentos entre os jovens da cidade, que gostavam de ler, com os quais passava minhas noites muito agradavelmente. Ganhando dinheiro por minha diligência e frugalidade, vivia muito satisfeito, esquecendo-me o mais possível de Boston e não desejando que alguém de lá soubesse onde eu residia, exceto meu amigo Collins, que estava a par de meu segredo e o guardou depois que lhe escrevi. Finalmente, ocorreu um incidente que me fez voltar muito mais cedo do que pretendia. Eu tinha um cunhado, Robert Holmes, patrão de uma chalupa que viajava entre Boston e Delaware. Estando em Newcastle, quarenta milhas abaixo da Filadélfia, ouviu falar de mim e escreveu-me uma carta mencionando a preocupação de meus amigos de Boston pela minha repentina partida, assegurando-me a boa vontade deles em relação a mim e dizendo-me que tudo poderia ser arrumado de acordo com meus desejos, se eu voltasse, ao que me exortou com muita insistência. Escrevi uma resposta à sua carta, agradecendo seus conselhos, mas expondo por inteiro as razões que tivera para deixar Boston e apresentando-as de modo a convencê-lo de que não agira tão mal quanto ele supunha.

Sir William Keith, governador da província, encontrava-se então em Newcastle e o Capitão Holmes, estando por acaso em sua companhia quando recebeu minha carta, falou-lhe a meu respeito e mostrou-lhe a carta. O governador leu-a e pareceu surpreendido quando soube minha idade. Disse que eu parecia um moço de futuro promissor e que por isso devia ser encorajado; que os tipógrafos de Filadélfia eram horríveis e, se eu lá me estabelecesse, não tinha dúvidas de que alcançaria sucesso. De sua parte, encarregar-me-ia dos serviços públicos e prestar-me-ia todos os outros favores a seu

alcance. Isso meu cunhado me contou posteriormente em Boston, mas eu ainda de nada sabia quando, certo dia, estando Keimer e eu trabalhando juntos perto da janela, vimos o governador e outro cavalheiro (que depois soube ser o Coronel French, de Newcastle), elegantemente vestidos, atravessarem a rua em direção à nossa casa e os ouvimos bater à porta.

Keimer correu imediatamente para baixo, pensando que era uma visita para ele. O governador, porém, perguntou por mim, subiu e, com uma condescendência e polidez de que eu já me desacostumara completamente, dirigiu-me muitos cumprimentos, manifestou o desejo de fazer amizade comigo, censurou-me amavelmente por não ter-me apresentado a ele quando cheguei pela primeira vez ao lugar e convidou-me a acompanhá-lo à taberna, onde ia com o Coronel French saborear, segundo disse, um excelente Madeira. Não foi pequena minha surpresa, e Keimer arregalava os olhos como um porco envenenado. Fui, porém, com o governador e o Coronel French até uma taberna, na esquina da Third-street. Enquanto tomávamos o Madeira, ele propôs que me estabelecesse por conta própria e expôs-me as probabilidades de êxito. Tanto ele como o Coronel French asseguraram-me que podia contar com seu interesse e influência para obter os serviços públicos de ambos os governos. Como eu duvidasse que meu pai me ajudasse nisso, Sir William disse-me que me daria uma carta para ele, na qual exporia as vantagens, e que não tinha dúvida de que o convenceria. Assim, ficou combinado que eu voltaria a Boston no primeiro barco, com a carta do governador recomendando-me a meu pai. Nesse meio tempo, nossa intenção seria mantida em segredo. Eu continuei trabalhando com Keimer como habitualmente. O governador mandava chamar-me de vez em quando para jantar com ele, o que eu considerava honra muito grande, e conversava comigo da mais afável, familiar e amistosa maneira que se poderia imaginar.

Em fins de abril de 1724, um pequeno barco partia para Boston. Despedi-me de Keimer dizendo que ia visitar meus amigos. O governador deu-me uma longa carta, dizendo a meu pai muitas

coisas elogiosas a meu respeito e recomendando calorosamente o projeto de estabelecer-me em Filadélfia como coisa que deveria fazer minha fortuna. Nosso barco bateu em um banco de areia ao descer pela baía e começou a fazer água. Tivemos tempo agitado no mar e fomos obrigados a bombear água quase continuamente, trabalho em que tomei parte. Contudo, chegamos bem a Boston cerca de uma quinzena depois. Eu estivera ausente sete meses e meus amigos nada tinham sabido de mim, pois meu cunhado Holmes ainda não regressara e não escrevera a meu respeito. Meu inesperado aparecimento surpreendeu a família. Todos se mostraram porém, muito satisfeitos em ver-me e receberam-me bem, com exceção de meu irmão. Fui visitá-lo em sua tipografia. Eu estava melhor vestido do que quando trabalhava para ele, tendo roupas novas e boas da cabeça aos pés, um relógio e os bolsos forrados com quase cinco libras esterlinas em prata. Recebeu-me não muito cordialmente, olhou-me de alto a baixo e voltou a seu trabalho.

Os empregados fizeram-me perguntas sobre onde eu estivera, que espécie de terra era e se eu gostava dela. Elogiei-a muito, assim como a vida feliz que nela levava, expressando calorosamente minha intenção de voltar para lá. Tendo um deles perguntado que espécie de dinheiro tínhamos lá, tirei um punhado de prata e espalhei diante deles, o que foi uma espécie de exibição a que não estavam acostumados, pois em Boston o dinheiro era de papel. Em seguida, aproveitei uma oportunidade para deixá-los ver meu relógio e finalmente com meu irmão ainda taciturno e mal-humorado dei-lhes uma moeda de prata para que fossem beber e despedi-me, Esta minha visita ofendeu profundamente meu irmão, pois quando minha mãe lhe falou algum tempo depois em uma reconciliação e em seu desejo de ver-nos em bons termos, dizendo que poderíamos viver no futuro como irmãos, ele respondeu que eu o insultara de tal modo diante de seus empregados que nunca poderia esquecer-se ou perdoar-me. Nisto, porém, estava enganado.

Meu pai recebeu a carta do governador com evidente surpresa, mas pouca coisa me disse sobre ela durante alguns dias. Quando o

Capitão Holmes regressou, mostrou-a a ele, perguntou-lhe se conhecia Keith e que espécie de homem era, acrescentando a opinião de que devia ter pouco critério para pensar em estabelecer com negócio um menino ao qual ainda faltavam três anos para adquirir a condição de homem. Holmes disse o que pôde em favor do projeto, mas meu pai foi claro quanto à impropriedade dele e por fim rejeitou-o categoricamente. Em seguida, escreveu uma carta delicada a Sir William, agradecendo-lhe o patrocínio que tão bondosamente me oferecera, mas recusando ajudar-me a estabelecer, por ser eu, em sua opinião, muito jovem para responsabilizar-me pela direção de um negócio tão importante e cujos preparativos deviam ser tão dispendiosos.

Meu amigo e companheiro Collins, que era funcionário nos correios, encantado com o relato que lhe fiz de minha nova terra, decidiu ir também para lá. Enquanto eu aguardava a decisão de meu pai, partiu à minha frente por terra para Rhode Island, deixando seus livros, que formavam uma bela coleção de matemática e filosofia natural, para irem com os meus e comigo a Nova York, onde pretendia esperar por mim.

Meu pai, embora não aprovasse a proposta de Sir William, ficou satisfeito por eu ter conseguido conquistar posição tão vantajosa junto à personalidade de tal projeção no lugar onde havia residido e por ter sido tão diligente e cuidadoso a ponto de arrumar-me tão bem em tão pouco tempo. Por isso, não vendo perspectiva de uma acomodação entre meu irmão e eu, deu-me seu consentimento para voltar a Filadélfia, aconselhou-me a mostrar respeito diante das pessoas de lá, esforçar-me para obter a estima geral e evitar sátiras e libelos, para os quais achava que eu tinha excessiva inclinação. Disse-me que, com constante diligência e prudente parcimônia, eu poderia economizar o suficiente para estabelecer-me quando tivesse vinte e um anos e, se chegasse a ter quase tudo, ele me ajudaria com o restante. Isso foi tudo quanto pude obter, além de alguns pequenos presentes como prova do amor seu e de minha mãe, quando parti de novo para Nova York, agora com sua aprovação e sua bênção.

Tendo -a chalupa atracado em Newport, Rhode Island, visitei meu irmão John, que se casara e lá se estabelecera alguns anos antes. Recebeu-me muito afetuosamente, pois sempre gostara de mim. Um amigo seu, chamado Vernon, que tinha a receber na Pensilvânia algum dinheiro, cerca de trinta e cinco libras, pediu-me que o recebesse por ele e o guardasse até mandar-me instruções sobre a maneira de entregá-lo. Nesse sentido, deu-me uma ordem. Isto posteriormente me causou muitos aborrecimentos.

Em Newport, recebemos diversos passageiros para Nova York entre os quais duas moças, companheiras, e uma mulher quaker circunspecta, sensata e com aparência de matrona, acompanhada de suas criadas. Demonstrei cortês solicitude em prestar-lhe alguns pequenos serviços, que suponho terem despertado nela um pouco de boa Vontade em relação a mim. Assim, quando viu a familiaridade que crescia de dia para dia entre mim e as moças, familiaridade que elas pareciam encorajar, chamou-me de lado e disse: "Jovem, estou preocupada com você, pois não tem amigo consigo e parece não conhecer muita coisa do mundo ou as ciladas a que a mocidade está exposta.

Ouça o que lhe digo, essas mulheres são muito más. Posso ver isso em todos os seus atos. E se não ficar vigilante, elas o arrastarão para algum perigo. São-lhe desconhecidas, e eu o aconselho, com amistoso interesse por seu bem-estar, a não ter relações com elas." Como eu parecesse a princípio não pensar tão mal das moças quanto ela, mencionou algumas coisas que observara e ouvira, e que haviam escapado à minha atenção, mas me convenceram de que tinha razão. Agradeci seu bondoso conselho e prometi segui-lo. Quando chegamos a Nova York, as moças contaram-me onde viviam e convidaram-me a visitá-las. Evitei-o, porém, e fiz muito bem. No dia seguinte o capitão notou a falta de uma colher de prata e de algumas outras coisas, que haviam sido tiradas de seu camarote, e, sabendo que as moças eram meretrizes, obteve um mandado para dar busca em seus pertences, encontrou as coisas roubadas e fez com que as

ladras fossem punidas. Assim, embora tivéssemos escapado de um rochedo submerso, no qual o barco raspou ao passar, achei que ter escapado das moças foi para mim ainda mais importante.

Em Nova York, encontrei meu amigo Collins, que lá chegara algum tempo antes de mim. Éramos amigos íntimos desde crianças e tínhamos lido juntos os mesmos livros. Ele, porém, levava a vantagem de dispor de mais tempo para ler e estudar, e de ter maravilhoso gênio para matemática, na qual me superava de muito. Quando eu vivia em Boston, a maior parte das horas que tinha para conversar era gasta com ele, que continuava sendo um rapaz sóbrio e diligente. Era muito respeitado pela sua Cultura por vários sacerdotes e outros cavalheiros, e dava a impressão de que prometia fazer boa figura na vida. Todavia, durante minha ausência, adquirira o hábito de embriagar-se com conhaque e eu soube, por ele próprio, assim como ouvi de outros, que estivera embriagado todos os dias desde sua chegada a Nova York e se portara de maneira muito inconveniente. Havia jogado e perdido seu dinheiro, de modo que fui obrigado a pagar sua hospedagem e custear suas despesas até Filadélfia e também lá, o que foi extremamente inconveniente para mim.

O então governador de Nova York, Burnet (filho do bispo Burnet), ouvindo o capitão dizer que um moço, seu passageiro, tinha numerosos livros, pediu-lhe que me levasse para vê-lo. Procurei-o e teria levado Collins comigo se ele estivesse sóbrio. O governador tratou-me com muita cortesia, mostrou-me sua biblioteca, que era muito grande, e conversamos longamente sobre livros e autores. Esse foi o segundo governador que me deu a honra de reparar em mim, o que, para um rapaz pobre como eu, foi muito agradável.

Prosseguimos viagem para Filadélfia. Recebi no caminho o dinheiro de Vernon, sem o qual dificilmente poderíamos ter terminado nossa viagem. Collins desejava empregar-se em algum estabelecimento comercial, mas, seja por terem notado cheiro de bebida em seu hálito, seja por seu Comportamento, embora tivesse algumas recomendações, não obteve êxito em seus pedidos e

continuou dormindo e comendo na mesma casa que eu e à minha custa. Sabendo que eu tinha aquele dinheiro de Vernon, pedia-me emprestado continuamente, prometendo pagar-me logo que estivesse empregado. Finalmente, ficou com tão grande parte do dinheiro que eu me senti preocupado em pensar no que faria quando precisasse devolvê-lo.

Continuou a beber, o que nos levava às vezes a discutir, pois, quando estava um pouco embriagado, era muito irascível. Certa vez, quando estávamos em um barco no Delaware com outros moços recusou-se a remar ao chegar sua vez. "Voltarei para casa com outros remando", disse ele. "Não remaremos para você", afirmei eu. "Terão de remar ou ficarão a noite inteira sobre a água", replicou ele. 'Como quiserem". Os outros disseram: "Vamos remar. Que importância tem isso?" Mas, estando irritado com sua conduta, continuei a recusar. Ele jurou que me faria remar ou me jogaria para fora do barco. Como avançasse em minha direção, pisando sobre os bancos, quando se aproximou e investiu contra mim, agarrei-o e joguei-o de cabeça para baixo no rio. Sabia que era bom nadador e por isso não me preocupei muito com ele. Mas quando ele se aproximava para agarrar-se ao barco, nós o pusemos fora de seu alcance com algumas remadas. Toda vez que chegava perto do barco, perguntávamos se iria remar, dando algumas remadas para afastá-lo dele. Ele estava quase morrendo de aflição, mas recusava obstinadamente prometer remar. Vendo, porém, que começava finalmente a cansar-se, nós o erguemos e o levamos à noite para casa pingando de molhado. Depois disso, mal trocamos palavras de cortesia. Ele ficou conhecendo um capitão das Índias Ocidentais, que tivera a incumbência de arranjar um tutor para os filhos de um cavalheiro de Barbados, e que concordou em levá-lo para lá. Deixou-me então, prometendo mandar-me o primeiro dinheiro que recebesse a fim de pagar a dívida. Todavia, nunca mais tive notícias suas.

Ter-me servido do dinheiro de Vernon foi um dos primeiros grandes erros de minha vida, e esse caso mostrou que meu pai não estava muito fora de seu juízo quando me supôs jovem demais para

cuidar de negócio importante. Ao ler sua carta, porém, Sir William disse que ele era prudente demais. Havia grande diferença entre as pessoas, e o discernimento nem sempre estava em conformidade com os anos, nem a mocidade era sempre desprovida dele. “E, como ele não quer estabelecê-lo", disse, "eu o farei. Dê-me uma relação das coisas que é preciso obter na Inglaterra, e eu as mandarei buscar. Você me pagará quando puder. Estou resolvido a ter um bom tipógrafo aqui e tenho certeza que você conseguirá êxito." Isto foi dito com tanta aparência de cordialidade, que não tive a menor dúvida da sinceridade de suas palavras, Eu até então guardava segredo em Filadélfia sobre a proposta de estabelecer-me e continuei a guardá-lo. Se soubesse que eu dependia do governador, provavelmente algum amigo, que o conhecesse melhor, me teria aconselhado a não confiar nele, pois mais tarde fiquei sabendo ser conhecido seu hábito de fazer promessas que nunca pretendia cumprir. No entanto, não lhe tendo pedido coisa alguma, como poderia pensar que suas generosas ofertas fossem insinceras? Eu o considerava um dos melhores homens do mundo.

Apresentei-lhe uma relação do necessário para uma pequena tipografia, montando por meus cálculos a cerca de cem libras esterlinas. Ele gostou da lista, mas perguntou-me se não seria vantajoso eu estar no local, na Inglaterra, a fim de escolher os tipos e providenciar para que tudo fosse de boa qualidade. "Depois", disse ele, "estando lá, você poderá fazer relações e estabelecer correspondências nos ramos de livraria e papelaria." Concordei em que isso poderia ser vantajoso. "Então", disse ele, "prepare-se para partir com o "Annis". Esse era o navio anual, o único que naquela época viajava habitualmente entre Londres e Filadélfia. Todavia, ainda transcorreriam meses antes que o "Annis" partisse, de modo que continuei a trabalhar com Keimer, preocupado com o dinheiro que Collins me tomara emprestado e na apreensão diária de ser procurado por Vernon, o que, porém, não aconteceu senão alguns anos depois.

Parece-me ter deixado de mencionar que, em minha primeira

viagem fora de Boston, tendo o navio parado devido à calmaria ao largo de Block Island, nossa gente pôs-se a pescar bacalhaus e apanhou muitos deles. Até então eu mantivera minha resolução de não comer alimento de origem animal e nessa época considerava, com meu mestre Tryon, a pesca de cada peixe como uma espécie de assassínio não provocado, pois nenhum deles fizera, nem poderia jamais fazer-nos qualquer mal capaz de justificar o massacre. Tudo isto parecia muito razoável. Contudo, eu antes gostava muito de peixe e, quando saiu quente da frigideira, o bacalhau cheirava admiravelmente bem. Hesitei algum tempo entre o princípio e a inclinação, até lembrar-me que, quando os peixes tinham sido abertos, vira tirarem de seus estômagos peixes menores. Então pensei: "Se vocês comem uns aos outros, não vejo razão para que nós não os comamos." Assim, jantei bacalhau com muito apetite e continuei a comer como as outras pessoas, só voltando à dieta vegetal de vez em quando. É coisa muito conveniente ser criatura racional pois permite-nos descobrir ou inventar uma razão para tudo que temos vontade de fazer.

Keimer e eu vivíamos em muito bons termos e combinávamos toleravelmente bem, pois ele nada suspeitava da intenção de estabelecer-me. Conservara muito de seus antigos entusiasmos e gostava de discutir. Tivemos, por isso, numerosas discussões. Eu costumava aplicar contra ele meu método socrático e o apanhara tantas vezes com perguntas aparentemente muito distantes de qualquer questão que estivéssemos discutindo, para depois conduzi-las gradualmente até a questão e levá-lo a dificuldades ou contradições que se tornou ridiculamente cauteloso e dificilmente respondia a mais comum das perguntas, sem antes perguntar: “Que você está pretendendo deduzir daí?" Isso, porém, lhe deu tão alta opinião de minha capacidade de refutação, que propôs sabiamente tornar-me seu colega em um projeto que tinha de criar uma nova seita. Ele pregaria as doutrinas, e eu refutaria os adversários. Quando me explicou as doutrinas, achei vários enigmas a que fiz objeção, a menos que pudesse também colaborar um pouco e introduzir alguns dos meus.

Keimer usava barba comprida, porque em algum lugar da lei mosaica estava escrito: ‘Não cortarás os cantos de tua barba'. Guardava igualmente o sétimo dia, o sábado. Esses dois pontos, para ele, eram essenciais. Ambos me desagradavam, mas concordei em admiti-los com a condição de adotar ele a doutrina de não consumir alimento animal. "Duvido", disse ele, "que minha constituição suporte isso." Garanti-lhe que suportaria e que ele se sentiria até melhor. Era geralmente um grande comilão, e eu prometi a mim mesmo divertir-me um pouco fazendo-o passar fome. Concordou em experimentar a prática, se eu lhe fizesse companhia. Fiz e aguentamos três meses. Nossos alimentos eram preparados e entregues regularmente por uma mulher das vizinhanças, a quem eu dera uma lista de quarenta pratos, que nos seriam servidos em diferentes ocasiões. Em nenhum deles havia carne de peixe, de quadrúpedes ou de aves. A extravagância era, nessa ocasião, ainda mais conveniente para mim devido a seu baixo preço, não custando a cada um de nós mais de dezoito pence por semana. Desde então tenho guardado muito rigorosamente várias Quaresmas, deixando a dieta comum por aquela e aquela pela comum, abruptamente, sem a menor inconveniência, de modo que penso haver pouca razão no conselho para fazer essas mudanças mediante graduações suaves. Eu passei bem, mas o pobre Keimer sofreu intensamente, cansou-se do projeto, ansiou por pratadas de carne e encomendou um porco assado. Convidou a mim e a duas amigas suas para jantarmos com ele, mas, tendo sido o prato colocado muito cedo na mesa, não pôde resistir à tentação e comeu tudo antes de nós chegarmos.

Eu havia durante esse tempo feito certa Côrte à Srta. Read. Sentia por ela grande respeito e afeição, e tinha algumas razões para acreditar que ela sentia o mesmo em relação a mim. Contudo, como eu estava para fazer uma longa viagem e éramos ambos muito jovens, com apenas pouco mais de dezoito anos, sua mãe julgou mais prudente impedir que avançássemos muito, pois o casamento, se fosse para realizar-se, seria mais conveniente depois do meu regresso, quando eu estaria, segundo esperava, estabelecido com meu negócio. É possível também que ela não considerasse minhas

expectativas tão bem fundadas quanto eu as imaginava.

Meus maiores amigos nessa época eram Charles Osborne, Joseph Watson e James Ralph, todos amantes da leitura. Os dois primeiros eram empregados de um eminente escrivão ou notário da cidade, Charles Brogden; o outro era empregado de um comerciante. Watson era um moço piedoso e sensato, de grande integridade; os outros eram um pouco mais frouxos em seus princípios religiosos, especialmente Ralph, que, como Collins, fora transtornado por mim, de modo que ambos me fizeram sofrer. Osborne era sensato, cândido, franco, sincero e afeiçoado a seus amigos, mas, em questões literárias, muito amigo de criticar. Ralph era talentoso, de maneiras delicadas e extremamente eloquente; acho que nunca conheci alguém que falasse mais bonito. Ambos eram grandes admiradores da poesia e começavam a tentar a mão em pequenas obras. Nós quatro juntos fizemos muitos passeios agradáveis aos domingos nas matas perto de Schuylkill, onde líamos uns para os outros e discutíamos o que havíamos lido.

Ralph sentia-se inclinado a dedicar-se ao estudo da poesia. Não duvidava que poderia tornar-se eminente nela e fazer fortuna com ela, alegando que os melhores poetas deveriam ter cometido, quando começaram a escrever, tantos erros quanto ele. Osborne procurava dissuadi-lo, assegurava-lhe que não tinha gênio para a poesia e aconselhava-o a não pensar em outra coisa além da profissão para a qual fora treinado. Dizia que, embora não tivesse capital, na atividade mercantil ele poderia, com sua diligência e assiduidade, recomendar-se para o emprego de administrador e com o tempo, adquirir o suficiente para negociar por conta própria. Eu era favorável a que uma pessoa se divertisse com a poesia de vez em quando, até onde isso melhorasse sua própria linguagem, mas não além daí.

Diante disso, foi proposto que cada um de nós, em nossa reunião seguinte, apresentasse um trabalho de sua própria autoria, a fim de nos aperfeiçoarmos por nossas observações, críticas e ações mútuas. Como a linguagem e a expressão era o que tínhamos em vista, excluímos todas as considerações de criação, concordando em

que o trabalho seria uma versão do Salmo 18, que descreve a descida de uma Divindade. Quando estava próximo nosso encontro, Ralph procurou-me primeiro e contou-me que o trabalho estava pronto. Contei-lhe que estivera muito ocupado e, sentindo pouca inclinação, nada fizera. Mostrou-me então seu trabalho, ouviu minha opinião, e eu o elogiei muito, pois me pareceu ter grande de mérito. "Osborne", disse ele, "nunca admitirá o menor mérito em qualquer coisa minha, mas fará mil críticas por pura inveja. Não tem tanta inveja de você. Gostaria, por isso, que tomasse o trabalho e o apresentasse como seu. Fingirei que não tive tempo e nada apresentarei. Veremos então o que ele terá a dizer". Ficou combinado e imediatamente o copiei, para que aparecesse em minha própria letra.

Reunimo-nos. O trabalho de Watson foi lido. Continha algumas belezas, mas muitos defeitos. O de Osborne foi lido. Era muito melhor. Ralph fez-lhe justiça. Apontou algumas falhas, mas aplaudiu o que havia de belo. Ele próprio nada apresentou. Eu hesitei, parecendo desejoso de ser escusado, disse que não tivera tempo bastante para corrigir etc. Nenhuma desculpa podia, porem, ser admitida. Eu tinha de apresentar o trabalho. Foi lido e repetido. Watson e Osborne desistiram da competição e juntaram-se para aplaudi-lo. Só Ralph fez algumas críticas e propôs algumas emendas, mas eu defendi meu texto. Osborne foi contra Ralph e disse-lhe que não era melhor crítico que poeta, levando-o a abandonar a discussão. Quando os dois foram para casa juntos, Osborne manifestou-se ainda mais calorosamente em favor do que pensava ser minha produção, tendo-se contido antes, como disse, para que eu pensasse ser bajulação. "Mas quem teria imaginado", disse ele "que Franklin fosse capaz de tal realização. Que pintura, que força, que ardor! Ele até melhorou o original. Na conversa comum ele parece não saber escolher as palavras, hesita e erra. Mas, santo Deus, como escreve!" Quando nos reunimos de novo, Ralph revelou a peça que lhe havíamos pregado, e rimos um pouco à custa de Osborne.

Esse acontecimento firmou Ralph em sua decisão de tornar-se

poeta. Fiz tudo quanto pude para dissuadi-lo, mas ele continuou a escrever versos até ser curado por Pope. Tornou-se, porém, um prosador bastante bom. Ainda falarei mais sobre ele. Como, porém, talvez não tenha nova oportunidade de mencionar os outros dois, devo contar aqui que Watson morreu em meus braços alguns anos depois, sendo sua morte muito sentida, pois era o melhor de nosso grupo. Osborne foi para as Índias Ocidentais, onde se tornou eminente advogado e ganhou dinheiro, mas morreu moço. Ele e eu havíamos feito um acordo sério: aquele que morresse primeiro deveria, se possível, fazer uma visita amistosa ao outro e pô-lo a par de como achava as coisas no outro mundo. Contudo, ele não cumpriu a promessa.

O governador, parecendo gostar de minha companhia, fazia-me ir frequentemente à sua casa, e sua intenção de estabelecer-me era sempre mencionada como coisa certa. Eu levaria cartas de recomendação para vários amigos seus, além da carta de crédito que me daria o dinheiro necessário para comprar a imprensa, tipos, papel etc. Para buscar essas cartas, mandou-me procurá-lo em diversas ocasiões, quando elas deveriam estar prontas, mas sempre era marcada uma data futura. Assim continuou ele até quando o navio, cuja partida fora adiada diversas vezes, estava na iminência de zarpar. Então, quando o procurei para despedir-me e receber as cartas, seu secretário, Dr. Bard, atendeu-me e disse que o governador estava extremamente ocupado em escrever, mas chegaria a Newcastle antes do navio e lá as cartas me seriam entregues.

Ralph, embora casado e tendo um filho, estava decidido a acompanhar-me nessa viagem. Pensava-se que ele pretendia estabelecer relações e obter mercadorias para vender à base de comissão, mas descobri depois que, devido a certo descontentamento com os parentes de sua esposa, tencionava deixá-la aos cuidados deles e jamais regressar. Tendo-me despedido de meus amigos e trocado algumas promessas com a Srta. Read, parti de Filadélfia no navio, que ancorou em Newcastle. O governador

estava lá. Quando fui a seus aposentos, o secretário recebeu-me em seu nome com a mensagem mais cortês do mundo, dizendo-me que não poderia ver-me naquele momento, por estar tratando de negócios de importância, mas mandaria as cartas para mim a bordo. Desejava-me sinceramente boa viagem, breve regresso etc. Voltei para bordo um pouco intrigado, mas ainda sem suspeitar de coisa alguma.

O Sr. Andrew Hamilton, famoso advogado de Filadélfia, adquirira no mesmo navio passagem para ele e seu filho. Juntamente com o Sr. Denham, um comerciante quaker, e os Srs. Onion e Russel donos de uma usina siderúrgica em Maryland, os dois ocuparam o camarote grande, de modo que Ralph e eu fomos obrigados a um beliche de categoria inferior e, como ninguém a bordo nos conhecesse, fomos considerados pessoas comuns. Contudo, o Sr. Hamilton e seu filho (era James, que foi depois governador) voltaram de Castle para Filadélfia, tendo sido o pai chamado para, em troca de vultosos honorários, cuidar da questão de um navio apreendido. Como pouco antes da partida o Coronel French tivesse subido a bordo e me demonstrado grande respeito, passei a receber maior atenção e fui, juntamente com meu amigo Ralph, convidado pelos outros cavalheiros para compartilharmos do camarote, onde agora havia lugar. Assim, transferimo-nos para lá.

Sabendo que o Coronel French levara para bordo os despachos do governador, pedi ao capitão as cartas que deviam ficar sob meus cuidados. Disse-me ele que estavam todas juntas dentro da mala e não podia procurá-las naquela ocasião. Contudo, antes de desembarcarmos na Inglaterra, me daria oportunidade de apanhá-las. Fiquei assim temporariamente satisfeito e prosseguimos nossa viagem. Tínhamos companheiros sociáveis no camarote e passamos extraordinariamente bem, contando ademais com as provisões do Sr. Hamilton, que se abastecera abundantemente. Nessa viagem o Sr. Denham fez comigo uma amizade que durou toda sua vida. A travessia, sob outros aspectos, não foi agradável, pois tivemos muito mau tempo.

Quando entramos no Canal da Mancha, o capitão cumpriu a

palavra e deu-me oportunidade de procurar as cartas do governador na mala. Não encontrei uma única na qual meu nome indicasse ter sido ela confiada aos meus cuidados. Escolhi seis ou sete que, pela caligrafia, pensei que pudessem ser as cartas prometidas, especialmente porque uma delas era dirigida a Basket, o tipógrafo do rei, e outra a certo papeleiro. Chegamos a Londres em 24 de dezembro de 1724. Visitei o papeleiro, que foi o primeiro a encontrar em meu caminho, e entreguei-lhe a carta como sendo do governador Keith. "Não conheço essa pessoa", disse ele. Abrindo a carta, acrescentou: "Oh! Isto é de Riddlesden. Descobri ultimamente que ele é um perfeito patife e nada quero ter com ele, nem receber cartas dele." Enfiando a carta em minha mão, virou nos calcanhares e deixou-me para ir servir algum freguês. Fiquei surpreendido ao descobrir que não eram as cartas do governador e, depois de relembrar e comparar circunstâncias, comecei a duvidar de sua sinceridade. Encontrei meu amigo Denham e contei-lhe toda a história. Revelou-me então o caráter de Keith. Disse-me que não havia a menor probabilidade de ele ter escrito cartas para mim; que ninguém, que o conhecesse, tinha a menor confiança nele; e riu da ideia de o governador dar-me uma carta de crédito, pois, disse, ele não tinha crédito algum para dar. Expressando-lhe minhas preocupações sobre o que deveria fazer, aconselhou-me a procurar algum emprego em meu ofício. "Entre os tipógrafos daqui", disse ele, "você se aperfeiçoará e, quando voltar à América, se estabelecerá com maior vantagem."

Nós dois sabíamos, tanto quanto o papeleiro, que Riddlesden, o procurador, era um grande patife. Havia quase arruinado o pai da Srta. Read convencendo-o a servir-lhe de fiador. Por essa carta, parecia estar em execução um plano secreto para prejudicar Hamilton (que se supunha ter vindo conosco) e no qual Keith estaria envolvido com Riddlesden, Denham, que era amigo de Hamilton, achou que este devia ser posto a par do fato. Assim, quando ele chegou à Inglaterra, o que aconteceu logo depois, em parte por ressentimento e má vontade em relação a Keith e Riddlesden, e em parte por boa vontade em relação a ele, visitei-o e dei-lhe a carta. Agradeceu-me

cordialmente, por ser-lhe a informação importante, e a partir dessa ocasião tornou-se meu amigo, com grande vantagem para mim posteriormente em numerosas ocasiões.

Mas que deveremos pensar de um governador que prega tão lamentáveis peças e engana tão grosseiramente um pobre rapaz ignorante? Era um hábito que ele adquirira, Queria agradar todo o mundo e, tendo pouca coisa a dar, dava esperanças. Afora isso, era um homem talentoso e sensato, escritor bastante bom e bom governador para o povo, embora não para seus constituintes, os proprietários. Cujas instruções às vezes desrespeitava. Várias de nossas melhores leis foram planejadas por ele e aprovadas durante sua administração.

Ralph e eu éramos companheiros inseparáveis. Hospedamo-nos juntos, em Little Britain, a três xelins e seis pence por semana — o máximo que podíamos então pagar. Ele encontrou alguns parentes, mas eram pobres e não podiam ajudá-lo. Contou-me então que tinha a intenção de permanecer em Londres e que nunca pretendera regressar a Filadélfia. Não trouxera dinheiro, pois tudo quanto conseguira juntar fora gasto no pagamento de sua passagem. Eu tinha quinze pistolas, de modo que, às vezes, ele tomava dinheiro emprestado de mim para sustentar-se, enquanto procurava serviço. Inicialmente se esforçou por entrar para o teatro, acreditando ter qualidades para ator. Contudo, Wilkes, com quem procurara emprego, aconselhou-o francamente a não pensar em tal atividade, pois era impossível que nela conseguisse êxito. Em seguida, propôs a Roberts, editor estabelecido em Paternoster Row, escrever para ele um jornal semanal como o "Spectator", dentro de certas condições, que Roberts não aprovou. Depois se esforçou por obter emprego como escritor assalariado, trabalhando para os papeleiros e advogados das vizinhanças de Temple, mas não conseguiu encontrar vaga.

Eu comecei imediatamente a trabalhar na tipografia de Palmer então muito famosa em Bartholomew Close, e ali permaneci durante quase um ano. Eu era bastante diligente, mas gastava com Ralph

grande parte do que ganhava, indo a teatros e outros locais de diversão. Juntos consumíramos todas as minhas pistolas e agora íamos vivendo como podíamos. Ele parecia ter-se esquecido completamente de sua mulher e filho, e eu, gradativamente, de meus compromissos com a Srta. Read, a quem escrevi apenas uma carta, e essa mesmo para fazê-la saber que provavelmente não voltaria logo. Esse foi outro dos grandes erros de minha vida, que eu gostaria de corrigir se pudesse vivê-la de novo. Com efeito, devido a nossas despesas, eu estava sempre sem recursos para pagar minha passagem.

Na tipografia de Palmer fui encarregado de compor a segunda edição de "Religion of Nature", de Wollaston. Como alguns de seus raciocínios não me parecessem bem fundamentados, escrevi um pequeno trabalho metafísico no qual fiz observações a respeito deles. Intitulava-se *"A Dissertacion on Liberty and Necessity, Pleasure and Pain"*. Dediquei-o a meu amigo Ralph e imprimi pequeno número de exemplares. Isso fez com que passasse a ser mais considerado pelo Sr. Palmer como um jovem de certo talento, embora ele censurasse severamente os princípios de meu folheto, que lhe pareciam abomináveis. Ter impresso esse folheto foi outro erro meu. Enquanto estava hospedado em Little Britain, travei conhecimento com um livreiro chamado Wilcox, cuja loja ficava ao lado. Ele tinha uma imensa coleção de livros usados. Não havia então bibliotecas circulantes, mas nós combinamos que, em condições razoáveis, das quais já me esqueci, eu poderia tirar, ler e devolver quaisquer de seus livros. Considerei isso uma grande vantagem e aproveitei-a o mais que pude.

Tendo meu folheto caído de alguma maneira nas mãos de um médico chamado Lyons, autor de um livro intitulado *"The Infallibility of Human Judgement"*, resultou daí travarmos conhecimento. Ele me dedicava grande consideração e visitava-me com frequência para conversarmos sobre aquele assunto. Levou-me à Horns, uma cervejaria em Lane, Cheapside, e apresentou-me ao Dr. Mandeville, autor da *"Fable of the Bees"*, que lá tinha um clube, do qual era o

animador, sendo companheiro muito jovial e divertido. Lyons apresentou-me também ao Dr. Pemberton, na *Batson's Coffeehouse*. Este prometeu oferecer-me oportunidade, um dia ou outro, de ver Sir Isaac Newton, o que eu desejava muito. Mas isso nunca aconteceu.

Eu tinha levado comigo algumas curiosidades, das quais a principal era uma bolsa feita de amianto, que se purifica pelo fogo. Sir Hans Sloane ouviu falar dela, visitou-me e convidou-me para ir à sua casa em Bloomsbury Square, onde me mostrou todas as suas curiosidades e convenceu-me a deixá-lo juntar aquela às outras, pelo que me pagou generosamente.

Em nossa casa estava hospedada uma moça, uma chapeleira que, segundo creio, tinha uma loja em Cloisters. Fora muito bem educada, era sensata e viva, dotada de prosa muito agradável. Ralph lia-lhe peças à noite, e os dois ficaram muito íntimos. Ela arranjou outro lugar para morar, e ele a seguiu. Viveram juntos durante algum tempo, mas, estando ele ainda sem serviço, e sendo a renda dela insuficiente para sustentá-los com o filho que ela tinha, Ralph tomou a decisão de sair de Londres e tentar lecionar em uma escola do interior, para o que se julgava habilitado, pois tinha excelente caligrafia e era um mestre em aritmética e contabilidade. Considerava porém uma atividade abaixo de sua capacidade e, confiando em ter melhor sorte no futuro, quando não gostaria que soubessem ter sido em certa época tão mesquinhamente empregado trocou e fez-me a honra de adotar o meu. Logo depois recebi uma carta dele. Contava-me que estava instalado em uma pequena aldeia (no Berkshire, penso eu, onde lecionava leitura e escrita a dez ou doze meninos, cobrando seis pence por semana de cada um), recomendava a Sra. T. aos meus cuidados e pedia-me que lhe escrevesse, endereçando a carta para o Sr. Franklin, naquele lugar.

Continuou a escrever frequentemente, mandando-me longos trechos de um poema épico que estava então compondo e pedindo me observações e correções, o que fiz de tempos a tempos, embora me esforçasse mais por desencorajá-lo de seu propósito. Havia sido publicada pouco tempo antes uma das "Sátiras" de Young. Copiei

mandei-lhe grande parte dela, procurando tornar bem clara a loucura de perseguir as musas com esperança de obter delas aperfeiçoamento. Tudo foi em vão. Páginas do poema continuavam a chegar com cada correio. Entrementes, a Sra. T. , tendo perdido causa dele os amigos e o negócio, via-se frequentemente em dificuldades e costumava chamar-me e pedir-me emprestado o que eu pudesse dispensar para ajudá-la. Fiquei gostando de sua companhia e, como não tinha naquela época princípios religiosos que me reprimissem e supunha parecer importante a seus olhos, tentei familiaridades (outro erro) que ela repeliu com o devido ressentimento, comunicando a Ralph meu comportamento. Isso provocou um rompimento entre nós e, quando voltou a Londres, ele me fez saber que considerava terem sido canceladas por mim todas as obrigações que me devia. Achei, por isso, que jamais devia esperar o pagamento que lhe havia emprestado ou adiantado. Isso, porém, não tinha então muita importância, pois ele estava absolutamente incapacitado de pagar-me. E, com a perda de sua amizade, vi-me aliviado de um fardo. Comecei então a pensar em arranjar um pouco mais de dinheiro e, esperando trabalho melhor, deixei a tipografia de Palmer para trabalhar na de Watts, perto de Lincoln's Inn Fields, que era uma oficina ainda maior. Ali permaneci durante todo o resto de minha estada em Londres,

Assim que entrei para essa tipografia, comecei a trabalhar na máquina de impressão, pensando sentir necessidade do exercício físico a que estava acostumado na América, onde o trabalho de impressão é misturado com o de composição. Eu só bebia água; os outros trabalhadores, quase cinquenta, eram grandes bebedores de cerveja. Certa ocasião subi e desci as escadas com uma grande caixa de tipos em cada mão, quando os outros só carregavam uma com ambas as mãos. Ficaram admirados ao ver, por esse e vários outros exemplos, que o "Americano da Água", como me chamavam, era mais forte que eles, que bebiam cerveja forte! O empregado de uma cervejaria estava sempre na tipografia para servir os trabalhadores. Meu companheiro na máquina de impressão bebia diariamente um quartilho antes do desjejum, um quartilho no desjejum

com seu pão e queijo, um quartilho entre o desjejum e o almoço, um quartilho no almoço, um quartilho à tarde mais ou menos às seis horas e outro quartilho quando terminava o serviço do dia. Eu achava isso um costume detestável, mas ele acreditava ser necessário beber cerveja forte para poder ser forte no trabalho.

Esforcei-me por convencê-lo que a força física produzida pela cerveja só poderia ser proporcional ao grão ou farinha da cevada dissolvida na água de que ela era feita; que havia mais farinha em um peni de pão e, portanto, se comesse esse pão com um quartilho de água, lhe daria mais força que uma quarta de cerveja. Ele, porém, continuou bebendo e todo sábado à noite precisava tirar de seu salário quatro ou cinco xelins para pagar a bebida embriagadora, despesa de que eu estava livre. E assim aqueles pobres diabos viam-se sempre dominados pelo vício.

Algumas semanas depois, tendo Watts desejado que eu passasse para a sala de composição, deixei os trabalhadores da impressão. Um novo "bien venu" ou dinheiro para bebida, na importância de cinco xelins, foi-me exigido pelos compositores. Achei isso uma imposição, pois já havia pago embaixo. O mestre também pensou assim e proibiu-me de pagar. Resisti durante duas ou três semanas e fui, por isso, considerado um excomungado, sujeitando-me a muitas pequenas maldades, como a de misturarem eles meus tipos, baralharem minhas páginas, desfazerem minha matéria etc. etc., o que acontecia no pouco tempo que eu ficasse fora da sala e era atribuído ao fantasma da capela, o qual, diziam eles, perseguia aqueles que não haviam sido regularmente admitidos. Apesar da proteção do mestre, vi-me obrigado a sujeitar-me e pagar o dinheiro, convencido da loucura de não viver bem entre aqueles com os quais se tem de viver continuamente.

Fiquei então em bons termos com eles e logo adquiri considerável influência. Propus algumas alterações razoáveis nas leis de sua capela[4] e executei-as contra toda oposição. Seguindo meu exemplo, muitos deles abandonaram seu embriagador desjejum de cerveja, com pão e queijo, achando que podiam, como eu, obter de

uma casa vizinha uma grande tijela de mingau, com pitadas de pimenta, migalhas de pão e um pouco de manteiga, pelo preço de um quartilho de cerveja, isto é, três pence e meio. Este era um desjejum mais satisfatório, assim como mais barato, e mantinha suas cabeças mais claras. Aqueles que continuaram a embriagar-se com cerveja todos os dias, muitas vezes, por não pagar, ficavam sem crédito na cervejaria e costumavam pedir-me emprestado para comprar cerveja, por estar com sua "luz apagada", como diziam. Eu observava a mesa de pagamento na noite de sábado e recolhia o que me deviam, tendo, às vezes, pago por conta deles quase trinta xelins durante a semana. Isto e o fato de ser considerado um "riggite" bastante bom, isto é, um engraçado satirista verbal, mantinha minha posição na sociedade. Minha constante assiduidade (pois eu nunca guardava uma "segunda-feira Santa") recomendava-me ao mestre, e minha extraordinária rapidez na composição fazia com que me fosse dado todo o trabalho de urgência, que geralmente era melhor pago. Assim, eu vivia então muito agradavelmente.

Sendo muito distante meu alojamento em Little Britain, encontrei outro na Duke-street, diante da Romish Chapel. Ficava atrás de duas escadas, no fundo de um armazém italiano. Uma senhora viúva tomava conta da casa. Tinha uma filha e uma criada, além de um empregado que servia no armazém, mas morava fora. Depois de mandar pedir informações sobre meu caráter na casa onde eu morara antes, concordou em hospedar-me pelo mesmo preço, três xelins e seis pence por semana. Cobrava mais barato, disse ela, devido à proteção que esperava ter por haver um homem hospedado na casa. Era uma viúva, uma mulher idosa. Fora criada como protestante, sendo filha de um clérigo, mas convertera-se à religião católica devido a seu marido, cuja memória reverenciava muito. Vivera entre pessoas distintas e conhecia milhares de anedotas sobre elas, datando até do tempo de Carlos II. Tinha os joelhos afetados pela gota e, por isso, raramente saía de seu quarto, motivo por que, às vezes, desejava companhia. Sua companhia era para mim tão agradável que eu estava sempre disposto a passar horas com ela à noite sempre que o desejava. Nosso jantar era constituído apenas de meia anchova para

cada um, um pequeno pedaço de pão com manteiga e meio quartilho de cerveja para os dois. O divertimento, porém, estava em sua conversa. O fato de eu sempre dormir cedo e dar pouco trabalho à família fez com que não desejasse ver-me ir embora, de modo que, quando mencionei uma pensão de que ouvira falar, perto de meu emprego, a dois xelins por semana, o que, preocupado como estava então em economizar dinheiro, fazia certa diferença, ela me pediu para não pensar nisso, pois me cobraria dois xelins a menos por semana, no futuro. Assim, continuei em sua casa por um xelim e seis pence durante todo o resto do tempo que permaneci em Londres.

No sótão de sua casa vivia, no mais completo isolamento, uma senhora solteira de setenta anos, a cujo respeito minha senhoria contou esta história: era católica romana, fora mandada para o estrangeiro quando jovem e internada em um convento com a intenção de tornar-se freira; mas, não se dando bem com o país, voltara à Inglaterra, onde, não havendo conventos, fizera votos de levar a vida de uma freira, até onde fosse possível em tais circunstâncias. Assim, doara todos seus bens para obras de caridade, reservando apenas doze libras anuais com que viver, e desta soma ainda destinava muito à caridade, vivendo só de mingau e não usando fogo senão para aquecê-lo. Vivia há muitos anos naquele sótão, tendo obtido, para lá morar gratuitamente, permissão de sucessivos locatários católicos da casa embaixo, os quais consideravam sua presença como uma bênção. Um padre visitava-a diariamente para confessá-la. "Perguntei-lhe", contou minha senhoria, "como, vivendo daquela maneira, podia precisar tanto de um confessor." "Oh", respondera ela, "é impossível evitar maus pensamentos." Certa vez tive permissão para visitá-la. Era alegre, delicada e conversava agradavelmente. O quarto era limpo, mas não tinha outros móveis além de um colchão, uma mesa com um crucifixo e um livro, uma banqueta que me deu para sentar e, sobre a lareira, uma pintura de Santa Verônica exibindo seu lenço, com a figura milagrosa do rosto ensanguentado de Cristo, o que ela me explicou com grande seriedade. Parecia pálida, mas nunca estava doente. Deu-me, assim, outro exemplo de como a vida e a saúde podem ser

mantidas com renda muito pequena.

Na tipografia de Watts travei relações com um talentoso jovem, um certo Wygate, que, tendo parentes ricos, fora mais bem educado que a maioria dos tipógrafos. Era latinista tolerável, falava francês e gostava de ler. Ensinei-o e a um amigo seu a nadar, em duas vezes que fomos ao rio, e ambos logo se tornaram bons nadadores. Apresentaram-me a alguns cavalheiros do campo, que iam a Chelsea pelo rio a fim de ver o College e as curiosidades de Don Saltero. Em nossa volta, a pedido do grupo, cuja curiosidade Wygate despertara, despi-me, joguei-me no rio e nadei desde perto de Chelsea até Blackfriar's, realizando no percurso, tanto à superfície como embaixo dágua, muitos feitos que surpreenderam e agradaram a todos para os quais eram novidades.

Desde criança sempre encontrara grande prazer nesse exercício, estudara e praticara todos os movimentos e posições de Thevenot, tendo acrescentado alguns de minha própria invenção, objetivando graça e desembaraço, assim como utilidade. Aproveitei a oportunidade para exibir tudo isso ao grupo e fiquei muito lisonjeado com sua admiração. Wygate, que desejava tornar-se um mestre, apegou-se a mim cada vez mais por esse motivo, assim como pela semelhança de nossos estudos. Finalmente, propôs-me que percorrêssemos juntos a Europa inteira, trabalhando em nosso ofício por toda parte a fim de nos sustentarmos. Senti-me inclinado a aceitar, mas, mencionando o fato a meu bom amigo Sr. Denham, com o qual muitas vezes passava uma hora quando tinha folga, ele me dissuadiu da ideia, aconselhando a só pensar em voltar para a Pensilvânia, o que estava então na iminência de fazer.

Devo registrar um traço do caráter desse bom homem. Havia tido anteriormente negócios em Bristol, mas ficara endividado com numerosas pessoas, fizera uma concordata e seguira para a América. Lá, por meio de constante aplicação ao negócio como comerciante, adquirira vultosa fortuna em poucos anos. Quando regressou à Inglaterra no mesmo navio que eu, convidou seus antigos credores para uma festa, na qual agradeceu a cômoda concordata que lhe

haviam concedido e, quando nada mais esperavam além da festa, cada um deles, ao primeiro movimento, encontrou embaixo do prato uma ordem de pagamento contra um banqueiro, correspondente à importância total do restante não pago da dívida, acrescida de juros.

Contou-me ele então que estava para regressar a Filadélfia e que levaria grande quantidade de mercadorias a fim de lá abrir uma loja. Propôs tomar-me como seu empregado, para cuidar de seus livros, o que me ensinaria a fazer, escrever suas cartas e servir na loja. Acrescentou que, tão logo eu ficasse familiarizado com as operações mercantis, me promoveria mandando-me com um carregamento de farinha, cereais, etc. às Índias Ocidentais e me arranjaria outras comissões que fossem lucrativas. Se eu me saísse bem, estabelecer-me-ia generosamente. A coisa agradou-me, pois estava cansado de Londres, lembrava-me com prazer dos meses felizes passados na Pensilvânia e desejava vê-la de novo. Por isso, concordei imediatamente com a condição de cinquenta libras de salário por ano, em dinheiro da Pensilvânia. Era, na verdade, menos do que eu ganhava então como compositor, mas oferecia melhor perspectiva.

Deixei o serviço de tipógrafo, pensando que fosse para sempre, e passei a trabalhar diariamente em meu novo emprego, acompanhando o Sr. Denham em suas visitas a comerciantes para comprar vários artigos, verificando seu acondicionamento, levando recados, procurando trabalhadores para fazer o despacho etc. Quando tudo já estava a bordo, tive alguns dias de folga. Em um desses dias, para surpresa minha, fui chamado por um grande homem que só conhecia de nome, Sir William Wyndham, e visitei-o. Ele ouvira, de uma maneira qualquer, falar em meus feitos de natação entre Chelsea e Blackfriar's, e de como eu ensinara Wygate e outro moço a nadar em poucas horas. Tinha dois filhos, que estavam para iniciar suas viagens. Desejava que antes aprendessem a nadar e propunha gratificar-me generosamente se eu os ensinasse. Ainda não haviam chegado à cidade, e minha estada era incerta, de modo que não pude aceitar. Devido a esse incidente, porém, achei que, se permanecesse na Inglaterra e abrisse uma escola de natação,

provavelmente poderia ganhar muito dinheiro. Isso me impressionou tanto que, se a proposta tivesse sido feita antes, provavelmente eu não teria regressado tão cedo à América. Muitos anos depois, você e eu tratamos de coisa mais importante com um desses filhos de Sir William Wyndham, que se tornara Conde de Egremont, sobre o que falarei na devida oportunidade.

Assim, passei cerca de dezoito meses em Londres. Na maior parte do tempo, trabalhei arduamente em meu ofício e gastei muito pouco comigo, exceto em assistir a peças teatrais e em livros. Meu amigo Ralph conservara-se pobre. Devia-me cerca de vinte e sete libras, que eu provavelmente jamais receberia; uma grande importância tirada de meus pequenos ganhos! Gostava dele, apesar disso, pois tinha muitas qualidades boas. De maneira nenhuma havia melhorado minha sorte, mas travara relações com algumas pessoas muito talentosas, cuja conversa me fora de grande vantagem, e lera consideravelmente.

Partimos de Gravesend em 23 de julho de 1726. Com relação aos incidentes da viagem, consulte meu diário, onde estão todos minuciosamente relatados. Talvez a parte mais importante daquele diário seja o plano, que nele encontrará, que fiz no mar, para regular minha futura conduta na vida. É ainda mais notável por ter sido feito quando eu era tão jovem e, apesar disso, ter sido seguido bastante fielmente até idade bem avançada.

Desembarcamos no dia 11 de outubro em Filadélfia, onde encontrei numerosas modificações. Keith não era mais governador, tendo sido substituído pelo Major Gordon. Encontrei-o andando pelas ruas como um cidadão comum. Pareceu-me um pouco envergonhado ao ver-me, mas passou sem nada dizer. Ter-me-ia sentido igualmente envergonhado ao encontrar a Srta. Read, se seus amigos, desesperando-se, e com razão, de ver-me de volta após haver recebido minha carta, não a tivessem convencido a casar-se com outro, um oleiro chamado Rogers, o que foi feito na minha ausência. Com ele, porém, ela não foi feliz e logo dele se separou, recusando-se a viver em sua companhia e a usar seu nome, dizendo-se então

que ele tinha outra mulher. Era um indivíduo indigno, embora excelente trabalhador, o que havia atraído os amigos dela. Contraiu dívidas, fugiu em 1727 ou 1728, foi para as Índias Ocidentais e lá morreu. Keimer arranjara uma casa melhor, uma loja bem suprida de artigos de papelaria, abundância de tipos novos, diversos ajudantes, embora nenhum deles bom, e parecia ter muito serviço.

O Sr. Denham arranjou uma loja em Water-street, onde expusemos nossas mercadorias. Eu cuidei do serviço diligentemente, estudei contabilidade e, em pouco tempo, fiquei hábil vendedor. Dormíamos e comíamos no mesmo lugar. Ele me aconselhava como um pai, tendo sincero interesse por mim. Eu o respeitava e amava. Poderíamos ter continuado juntos muito felizes. Contudo, no começo de fevereiro de 1726, quando eu acabava de completar vinte e um anos, ambos caímos doentes. Minha doença foi uma pleurisia, que quase me levou. Sofri muito, cheguei a pensar que estivesse liquidado e fiquei bastante desapontado quando me vi convalescente, lamentando até certo ponto precisar, mais cedo ou mais tarde, reiniciar todo aquele desagradável trabalho. Esqueci-me qual foi a doença dele. Durou muito tempo e finalmente o levou. Deixou-me um pequeno legado em um testamento nuncupativo[5], como prova de sua bondade para comigo, e abandonou-me mais uma vez sozinho no mundo, pois a loja foi entregue aos cuidados de seus testamenteiros, e meu emprego deixou de existir.

Meu cunhado, Holmes, estando então em Filadélfia, aconselhou-me a voltar ao meu ofício, e Keimer convidou-me, com uma proposta de grande salário anual, para assumir a direção de sua tipografia, a fim de poder dedicar maior atenção à sua papelaria. Ouvira em Londres, de sua esposa e dos amigos dela, más informações sobre seu caráter e não queria ter nada mais com ele. Procurei outro emprego como auxiliar de algum comerciante. Contudo, nada encontrando imediatamente, voltei a trabalhar com Keimer. Encontrei em sua casa os seguintes empregados: Hugh Meredith, descendente de galeses, nascido na Pensilvânia, de trinta anos de idade, criado para trabalho rural. Honesto, sensato e dotado de grande capacidade

de observação, lia um pouco, mas era dado a beber. Stephen Potts, moço do campo, maior de idade, também criado para trabalho rural, dotado de extraordinárias qualidades naturais, grande inteligência e humor, mas um pouco vadio. Esses dois haviam concordado com salários semanais extremamente baixos, que seriam majorados em um xelim cada três meses, à medida que o merecessem pela melhora em seu ofício. Fora com a expectativa desses salários altos, a serem pagos no futuro, que ele os atraíra. Meredith devia trabalhar na imprensa e Potts na encadernação, serviços que, pelo acordo, ele lhes ensinaria, embora não conhecesse nem um nem outro. John, um irlandês inculto, que não aprendera ofício algum e cujos serviços, pelo prazo de quatro anos, Keimer comprara do capitão de um navio. Ele também devia tornar-se impressor. George Webb, um estudante de Oxford, cujo tempo também fora por ele comprado pelo prazo de quatro anos, pretendendo fazer dele compositor; e David Harry, um rapaz do campo, que tomara como aprendiz.

Logo percebi que sua Intenção ao contratar-me por salário muito mais alto do que estávamos acostumados a ganhar era para que eu ensinasse esses trabalhadores inexperientes e baratos. Logo que os tivesse instruído, estando todos contratados, ele poderia dispensar-me. Continuei, porém, a trabalhar muito alegremente, pus sua tipografia em ordem, pois estava em grande confusão, e gradualmente ensinei seus empregados a cuidar do serviço e executá-lo melhor.

Era estranho encontrar um estudante de Oxford na situação de servo comprado. Não tinha mais de dezoito anos de idade e contou-me esta história a seu respeito: Nascera em Gloucester, lá se educara em uma "grammar school" e distinguira-se entre os estudantes por uma superioridade aparente na interpretação de seu papel quando apresentavam peças teatrais. Pertencera ao Witty Club de lá e escrevera algumas obras em prosa e verso, que foram publicadas nos jornais de Gloucester, Depois Fora mandado para Oxford, onde permanecera cerca de um ano, não tendo ficado muito satisfeito, pois desejava acima de tudo visitar Londres e tornar-se

ator. Finalmente, recebendo sua mesada trimestral de quinze guinéus, ao invés de pagar suas dívidas, saíra da cidade, escondera sua capa de estudante em uma moita de tojo e seguira a pé para Londres, onde, não tendo amigos que o aconselhassem, entrara em má companhia, logo gastara seus guinéus, não encontrara meios de introduzir-se entre os atores, vira-se necessitado, empenhara suas roupas e ficara sem ter o que comer. Andando pelas ruas muito esfomeado e não sabendo o que fazer de si, enfiaram-lhe na mão um anúncio amassado, oferecendo imediato divertimento e encorajamento a quem se comprometesse a prestar serviços na América. Fora diretamente ao local indicado, assinara os contratos, embarcara no navio e partira, sem escrever jamais uma linha a seus amigos pondo-os a par do que lhe acontecera. Era esperto, inteligente, bem humorado e companheiro agradável, mas preguiçoso, descuidado e imprudente ao máximo.

John, o irlandês, logo fugiu. Com os demais, comecei a viver muito bem, pois todos me respeitavam cada vez mais, constatando que Reimer era incapaz de instruí-los e que comigo diariamente aprendiam alguma coisa. Nunca trabalhávamos no sábado, pois esse era o Sabá de Keimer, de modo que eu tinha dois dias para ler. Minhas relações com pessoas talentosas da cidade aumentaram. O próprio Keimer tratava-me com grande cordialidade e evidente consideração. Nada me preocupava, a não ser minha dívida para com Vernon, que ainda não pudera pagar, tendo sido até então um mau economista. Ele, porém, bondosamente deixou de reclamar o dinheiro.

Nossa tipografia frequentemente tinha falta de tipos e não havia fundidor de tipos na América. Eu vira fundir tipos na de James, em Londres, mas sem prestar muita atenção ao processo. Todavia, idealizei então um molde, usei como punções os tipos que tínhamos, fiz as matrizes em chumbo e assim sanei de maneira bastante tolerável todas as deficiências. Gravava também, às vezes, várias coisas, fazia a tinta, era o fiel do armazém e cuidava de tudo, sendo, em suma, um verdadeiro "Faz-tudo".

Entretanto, por mais útil que pudesse ser, constatei que diminuía a cada dia a importância de meus serviços, à medida que os outros empregados se aperfeiçoavam no ofício. Quando me pagou o salário do segundo trimestre, Keimer fez-me saber que considerava muito pesada a importância e achava que eu deveria fazer um abatimento. Gradualmente, foi-se tornando menos delicado, portava-se mais como patrão, encontrando falhas frequentemente, era capcioso e parecia disposto a uma briga. Continuei, porém, com muita paciência, pensando que as dificuldades com que se defrontava eram, em parte, responsáveis por isso. Finalmente, uma ninharia rompeu nossas relações. Ouvindo um grande barulho perto do edifício do tribunal, pus a cabeça para fora da janela a fim de ver o que estava acontecendo. Keimer, que se encontrava na rua, olhou para cima, viu-me e gritou-me em voz alta e tom colérico que cuidasse de meu serviço, acrescentando algumas palavras de repreensão, que me exasperaram mais por sua publicidade, pois todos os vizinhos que, na ocasião, olhavam para fora foram testemunhas da maneira como eu era tratado. Ele subiu imediatamente para a tipografia e continuou a discussão. Trocamos palavras ásperas, e ele se prontificou a dar-me o aviso prévio de um trimestre que havíamos estipulado, expressando o desejo de não ter sido obrigado a prazo tão longo. Disse-lhe que seu desejo era desnecessário, pois o deixaria naquele mesmo instante. Assim, apanhei meu chapéu e saí para a rua, pedindo a Meredith, que encontrara embaixo, para tomar conta de algumas coisas que havia deixado e levá-las à minha casa.

Meredith apareceu à noite, ocasião em que conversamos sobre meu caso. Ele adquirira grande consideração por mim e estava muito pouco disposto a continuar na tipografia após minha saída. Dissuadiu-me de regressar para minha terra natal, como eu estava começando a pensar. Lembrou-me que Keimer devia tudo quanto possuía, que seus credores começavam a agitar-se, que mantinha sua oficina miseravelmente, vendia muitas coisas sem lucro para ter dinheiro imediato e com frequência fiava sem anotar devidamente; que iria, portanto, falir, deixando uma vaga de que poderia aproveitar-me. Objetei-lhe com minha falta de dinheiro. Contou então que seu pai me

tinha em alta opinião e, por uma conversa havida entre os dois, estava certo de que adiantaria o dinheiro para nos estabelecermos, se eu entrasse em sociedade com ele. "Minha obrigação com Keimer", disse-me, "termina na primavera. Até lá poderemos ter recebido nossa imprensa e tipos de Londres. Sei que não sou bom trabalhador. Se quiser, sua aptidão no ofício entrará com o mesmo valor do capital que eu fornecer, e dividiremos os lucros igualmente".

A proposta era interessante, e eu a aceitei. Seu pai estava na cidade e aprovou-a, principalmente por ver que eu tinha grande influência sobre seu filho, tendo-o induzido a abster-se de beber, e esperava que eu pudesse afastá-lo inteiramente desse lamentável hábito, quando estivéssemos mais estreitamente ligados. Entreguei uma relação ao pai, que a levou a um negociante. As coisas foram pedidas, ficando combinado que guardaríamos segredo até chegarem. Nesse meio tempo, eu continuaria a trabalhar, se possível, na outra tipografia. Contudo, não encontrei vaga lá e fiquei alguns dias na ociosidade, até quando Keimer, diante da perspectiva de ser incumbido de imprimir um pouco de papel-moeda em Nova Jersey, o que exigiria clichês e vários tipos que só eu podia fornecer, e temendo que Bradford me contratasse e tomasse dele o serviço, mandou-me uma mensagem muito delicada, dizendo que amigos velhos não deviam separar-se devido a algumas palavras, resultantes de paixão repentina, e manifestando o desejo de que eu regressasse. Meredith convenceu-me a aceitar, pois isso lhe daria mais oportunidade de aperfeiçoar-se sob minhas instruções diárias. Assim, voltei e continuamos a entender-nos mais amavelmente do que durante algum tempo antes. A encomenda de Nova Jersey foi obtida, e eu idealizei para ela uma impressora de chapa de cobre, a primeira a surgir no país. Gravei vários ornamentos e sinais característicos para as notas. Fomos juntos a Burlington, onde executei tudo de modo satisfatório. Keimer recebeu tão grande importância pelo trabalho que pôde dali para a frente manter uma situação melhor.

Em Burlington travei conhecimento com muitas pessoas importantes da província. Várias delas haviam sido nomeadas pela

Assembleia para, em comissão, assistir à impressão e ver que não fossem impressas mais cédulas do que mandava a lei. Ficavam, portanto, aos turnos, constantemente conosco e, em geral, aquela que comparecia trazia consigo um ou dois amigos para fazer-lhe companhia. Tendo meu espírito mais cultivado pela leitura do que Keimer, creio que por essa razão minha conversa lhes pareceu mais valiosa. Convidaram-me para visitar suas casas, apresentarem-me a seus amigos e trataram-me com muita cortesia, enquanto ele, embora fosse o chefe, ficou um pouco esquecido. Na verdade, era um indivíduo esquisito, ignorante da vida comum, dado a opor-se rudemente às opiniões ouvidas, desleixado até a extrema falta de asseio, entusiástico em alguns pontos de religião e, além disso, um pouco tratante.

Ficamos lá quase três meses, e, nesse tempo, pude incluir entre meus amigos o Juiz Allen, Samuel Bustill, secretário da Província, Isaac Pearson, Joseph Cooper e vários dos Smiths, membros da Assembleia, e Isaac Decow, agrimensor-geral. Este último era um velho esperto e sagaz, que me contou ter começado sozinho, quando jovem, carregando argila para os oleiros; aprendera a escrever depois de adulto, carregara a corrente para os agrimensores, que lhe ensinaram agrimensura, e depois por sua própria diligência adquirira uma boa fortuna. Disse-me ele: "Prevejo que você logo porá esse homem fora do negócio e fará nele uma fortuna em Filadélfia." Não tinha ele então o menor indício de minha intenção de estabelecer-me lá ou em qualquer outro lugar. Esses amigos foram mais tarde de grande valor para mim, como eu ocasionalmente fui de certo valor para eles. Todos continuaram a dedicar-me consideração enquanto viveram.

Antes de passar a falar em meu aparecimento público no comércio, talvez convenha pô-lo a par de meu estado de espírito naquela época no que se refere a meus princípios e minha moral, para que você veja quanto eles influenciaram os acontecimentos posteriores de minha vida. Meus pais cedo me deram ensinamento religioso e durante toda a infância educaram-me piedosamente à

maneira não conformista. Todavia, eu mal tinha quinze anos quando, após ter duvidado sucessivamente de vários pontos, à medida que os via refutados em diferentes livros que lia, comecei a duvidar da própria Revelação.

Alguns livros contra o Deísmo[6] caíram minhas mãos. Dizia-se que eram a substância dos sermões em nas conferências de Boyle. Aconteceu que produziram efeito contrário ao que objetivavam. Os argumentos dos deístas que eram citados para serem refutados, pareceram-me muito mais fortes que as refutações. Em suma, logo me tornei um completo deísta. Meus argumentos converteram alguns outros, especialmente Collins e Ralph. Todavia, como cada um deles posteriormente me prejudicou muito sem o menor escrúpulo e lembrando-me da conduta de Keimer (que era outro livre-pensador) em relação a mim e da minha própria em relação a Vernon e à Srta. Read, o que às vezes me dava muita preocupação, comecei a suspeitar que essa doutrina, embora pudesse ser verdadeira, não era muito útil. Meu folheto de Londres, que tinha como mote estes versos de Dryden:

"Tudo o que existe é certo. Mas o homem de vista curta

Vê apenas uma parte da cadeia, o elo mais próximo:

Não alcançando seus olhos o imparcial braço da balança,

Que equilibra tudo lá em cima"

e que, em face dos atributos de Deus, sua infinita sabedoria, bondade e poder, concluía pela impossibilidade de haver algo errado no mundo e serem vício e virtude distinções vazias, que não existiam, não me parecia mais agora um trabalho tão inteligente quanto eu o considerara outrora. Fiquei em dúvida se algum erro não se teria introduzido despercebidamente em minha argumentação, de modo a contaminar tudo quanto se seguia, como é comum em raciocínios metafísicos.

Convenci-me de que verdade, sinceridade e integridade nas relações entre homem e homem eram da máxima importância para a

felicidade da vida e tomei, por escrito, a decisão, que ainda permanece em meu diário, de praticá-las enquanto vivesse. A Revelação realmente não tinha muita importância para mim. Contudo, firmei a opinião de que, embora certas ações talvez não fossem más porque eram proibidas por ela ou boas porque eram ordenadas por ela, provavelmente essas ações poderiam ser proibidas porque eram más para nós ou ordenadas porque eram benéficas a nós, por sua própria natureza, considerando-se todas as circunstâncias das coisas.

E esta convicção, juntamente com a bondosa mão da Providência, algum anjo da guarda, circunstâncias e situações acidentais favoráveis ou tudo isso junto, preservou-me durante esse perigoso período da mocidade através das arriscadas situações em que às vezes me vi entre estranhos, longe dos olhos e dos conselhos de meu pai, sem grandes imoralidades ou injustiças propositais, como poderiam ser esperadas de minha falta de religião. Digo propositais, porque os casos que mencionei tinham algo de necessidade, devido à minha mocidade e inexperiência, assim como patifaria de outros. Tive, portanto, um caráter tolerável com que começar no mundo. Apreciei-o devidamente e decidi preservá-lo.

Não fazia muito tempo que regressáramos a Filadélfia quando chegaram de Londres os novos tipos. Acertamos nossas contas com Reimer e deixamo-lo com seu consentimento antes que tivesse conhecimento dos fatos. Encontramos uma casa para alugar perto do mercado e ficamos com ela. Para diminuir o aluguel, que era então de vinte e quatro libras por ano, embora eu tenha sabido que posteriormente foi alugada por setenta, tomamos como inquilino Thomas Godfrey, um vidraceiro, e sua família, que nos pagariam considerável parte do aluguel. Com essa família tomamos pensão. Mal havíamos desembrulhado nossos tipos e posto em ordem nossa imprensa, quando George House, um conhecido meu, nos trouxe um conterrâneo, que encontrara na rua procurando um tipógrafo. Todo nosso dinheiro havia sido gasto na variedade de artigos que fôramos obrigados a adquirir e os cinco xelins desse conterrâneo, sendo nossos primeiros frutos e chegando tão oportunamente, deram-me

mais prazer que todas as coroas que ganhei desde então. A gratidão que senti para com House tornou-me frequentemente mais disposto do que talvez devesse a ajudar jovens principiantes.

Em toda terra existem pessimistas que estão sempre augurando sua ruína. Um deles vivia em Filadélfia. Era uma pessoa de projeção, um homem idoso, de expressão inteligente e maneira de falar muito grave, chamado Samuel Mickle. Este cavalheiro, que eu não conhecia, deteve-se certo dia em minha porta e perguntou-me se eu era o moço que abrira recentemente uma nova tipografia. Tendo-lhe respondido afirmativamente, disse que sentia pena de mim, pois era um empreendimento dispendioso e todo o gasto seria perdido. Isso porque Filadélfia era um lugar em decadência, com a população já meio falida ou quase nesse ponto; todas as aparências em contrário, como novos edifícios e aumento de aluguéis, eram falsas, segundo sabia com certeza, pois na verdade faziam parte das coisas que logo nos arruinariam. Contou-me com tantos pormenores os infortúnios então existentes ou que logo iriam existir, que me deixou meio melancólico. Se o tivesse conhecido antes de meter-me naquele negócio, provavelmente não o teria feito. Esse homem continuou a viver naquele lugar decadente e a repetir a mesma toada, recusando-se durante muitos anos á comprar uma casa, porque tudo supostamente caminhava para a destruição. Finalmente, tive o prazer de vê-lo pagar por uma casa cinco vezes mais do que poderia ter pago por ela quando começou com seus maus agouros.

Eu deveria ter mencionado antes que, no outono do ano anterior, havia reunido muitos de meus mais talentosos conhecidos em um clube de aperfeiçoamento mútuo, que se chamava Junto. Nós nos reuníamos nas sextas-feiras à noite. Os regulamentos que elaborei exigiam que cada membro, por sua vez, apresentasse uma ou mais indagações sobre qualquer questão de Moral, Política ou Filosofia Natural, para ser discutida pelo grupo; e que, de três em três meses, apresentasse e lesse um ensaio de sua própria autoria, sobre qualquer assunto que desejasse. Nossos debates deveriam ficar sob a direção de um presidente e ser orientados dentro do sincero espírito

de indagação da verdade, sem predileção por disputa nem desejo de vitória. Para evitar excessiva veemência, toda expressão de opiniões categóricas e toda contradição direta foram depois de algum tempo consideradas infrações e proibidas sob pena de pequenas multas.

Os primeiros membros foram: Joseph Breintnal, copista de feitos para os escrivães, homem de meia-idade, bem humorado e amável, grande amante de versos, que lia todas as poesias que encontrava e escrevia algumas toleráveis. Era muito engenhoso com pequenas bugigangas e sensato na conversação.

Thomas Godfrey, matemático auto didático, grande à sua maneira, e posteriormente inventor do que foi chamado Quadrante de Hadley. Conhecia, porém, pouca coisa fora de sua especialidade e não era companheiro agradável. Como muitos grandes matemáticos que conheci, desejava precisão universal em tudo quanto se dizia e procurava sempre negar ou distinguir entre ninharias, perturbando toda conversa, Deixou-nos depois de pouco tempo.

Nicholas Scull, agrimensor e posteriormente agrimensor-geral, que gostava de livros e, às vezes, fazia alguns versos.

William Parsons, que fora treinado para sapateiro, mas, gostando de ler, adquirira Considerável conhecimento de matemática. Estudara matemática inicialmente com vistas à astrologia, ciência que posteriormente passara a ridicularizar. Tornou-se também agrimensor-geral.

William Maugridge, marceneiro, ótimo mecânico e homem sólido e sensato.

Hugh Meredith, Stephen Potts e George Webb, que já descrevi antes.

Robert Grace, jovem cavalheiro possuidor de certa fortuna, generoso, vivo e espirituoso, amigo de trocadilhos e de seus amigos.

E William Coleman, então empregado de um negociante, mais ou menos da minha idade, que tinha cabeça mais fria e clara, coração

melhor e moral mais rígida do que quase todos os homens que já conheci. Posteriormente se tornou comerciante de grande projeção e um de nossos juízes provinciais. Nossa amizade continuou sem interrupção, até sua morte, por mais de quarenta anos. O clube durou quase tanto tempo e foi a melhor escola de filosofia, moral e política que então existiu na província. Isso porque nossas indagações, que eram lidas na semana anterior à sua discussão, nos obrigavam a ler sobre os vários assuntos, para podermos falar com maior precisão. Ali adquirimos também melhores hábitos de conversação, pois em nossos regulamentos era estudado tudo quanto pudesse impedir que nos desagradássemos mutuamente, Daí a longa duração do clube, sobre o qual terei ainda frequentes oportunidades de falar.

Faço, porém, este relato sobre o clube para mostrar um pouco do interesse que eu tinha por ele, pois todas essas pessoas se esforçavam por trazer-nos serviço. Breintnal particularmente obteve dos quakers para nós o serviço de impressão de quarenta folhas de sua história, devendo o restante ser feito por Keimer. Nesse serviço trabalhamos muito arduamente, pois o preço era baixo. Era um fólio, tamanho pro patria, em corpo doze, com longas notas em corpo dez. Eu compunha uma folha por dia e Meredith trabalhava com ela na imprensa. Frequentemente, eram onze horas da noite e às vezes mais tarde, quando eu terminava a distribuição para o trabalho do dia seguinte, pois os pequenos serviços mandados por outros amigos nossos de vez em quando nos atrasavam. Eu estava, porém, tão decidido a continuar fazendo uma folha por dia do fólio que, certa noite, quando, já tendo imposto minhas ramas e pensando estar terminado o trabalho do dia, uma delas se partiu acidentalmente e duas páginas ficaram empasteladas; imediatamente distribuí e compus tudo de novo antes de ir para a cama. Essa diligência, que podia ser vista por nossos vizinhos, começou a darnos prestígio e crédito. Ouvi dizer, notadamente, que tendo sido nossa tipografia mencionada no Every-night Club, dos comerciantes, a opinião geral foi que deveríamos falir, pois já havia dois tipógrafos no lugar, Keimer e Bradford. Contudo, o Dr. Baird (que você e eu vimos muitos anos depois em sua terra natal, St. Andrew's, na Escócia) foi de opinião

contrária. "A diligência daquele Franklin" disse ele, "é superior a tudo quanto já vi nesse sentido. Vejo-o ainda trabalhando quando vou do clube para casa, e ele está novamente trabalhando antes que seus vizinhos tenham saído da cama". Isso impressionou os demais, e logo depois recebemos de um deles oferta para fornecer-nos material de papelaria. Todavia, ainda não havíamos resolvido entrar no negócio de loja.

Menciono essa diligência mais particularmente e mais desembaraçadamente, embora pareça estar fazendo meu próprio elogio, para que meus pósteros, que isto lerem, possam conhecer a utilidade de tal virtude, quando virem seus efeitos em meu favor no decorrer de todo este relato.

George Webb, tendo encontrado uma amiga que lhe emprestara dinheiro para comprar de Keimer sua liberdade, procurou-nos para oferecer seus serviços. Não podíamos empregá-lo na ocasião. Cometi, porém, a tolice de contar-lhe, em segredo, que pretendia fundar logo um jornal e talvez então tivesse trabalho para ele. Minha esperança de sucesso, como lhe disse, fundava-se em que o único jornal então existente, impresso por Bradford, lhe dava lucro, embora fosse uma coisa horrível, mal administrada e nada interessante. Eu acreditava, por isso, que um bom jornal dificilmente poderia deixar de ter boa acolhida. Pedi a Webb que não mencionasse o que lhe dissera. Ele, porém, contou a Keimer, que imediatamente, para antecipar-se a mim, publicou propostas de um jornal seu, no qual Webb seria empregado. Ressenti-me disso e, para revidar-lhes, como ainda não podíamos fundar nosso jornal, escrevi várias matérias de entretenimento para o jornal de Bradford, sob o título de “Busy Body", que Breintnal continuou depois durante alguns meses. Dessa maneira a atenção do público fixou-se naquele jornal, e as propostas de Keimer, que nós caricaturamos e ridicularizamos, foram ignoradas. Apesar disso, ele iniciou o jornal e, depois de publicá-lo durante três trimestres, com apenas noventa assinantes no máximo, ofereceu-o a mim por uma ninharia. Estando então pronto para tocá-lo, aceitei-o imediatamente e, em poucos anos, mostrou-se extremamente

lucrativo para mim.

Estou percebendo que tendo a falar no singular, embora nossa sociedade ainda continuasse. A razão talvez seja porque, na realidade, toda a administração do negócio cabia a mim. Meredith não era compositor, era mau impressor e raramente estava sóbrio. Meus amigos lamentavam minha ligação com ele, mas eu procurava levar as coisas da melhor maneira possível.

Nossos primeiros jornais tiveram um aspecto diferente de tudo quanto aparecera antes na província. Os tipos eram melhores, e a impressão, melhor. Algumas observações espirituosas de minha autoria, sobre a disputa que então havia entre o governador Burnett e a Assembleia de Massachusetts, impressionaram as principais pessoas, fazendo com que o jornal e seu diretor fossem muito falados, e em poucas semanas levaram todas elas a tornar-se assinantes nossos.

Seu exemplo foi seguido por muitos, e nossa tiragem passou a aumentar continuamente. Esse foi um dos primeiros bons efeitos de eu ter aprendido a escrever um pouco. Outro foi que homens importantes, vendo então um jornal nas mãos de alguém que também sabia manejar a pena, acharam conveniente agradar-me e encorajar-me. Bradford ainda publicava as votações, as leis e outras matérias públicas. Havia impresso uma mensagem da Câmara ao governador, de maneira grosseira e cheia de erros. Nós a publicamos de novo com elegância e correção, mandando um exemplar a cada membro da Câmara. Perceberam a diferença, e isso fortaleceu nossos amigos na Câmara. Fomos então escolhidos como seus tipógrafos para o ano seguinte.

Entre meus amigos na Câmara não devo esquecer-me do Sr. Hamilton, já mencionado, que havia então regressado da Inglaterra e ocupava nela uma cadeira. Interessou-se vivamente por mim nesse caso, como fez em muitos outros posteriores, continuando a proteger-me até sua morte.

Mais ou menos nessa época, o Sr. Vernon lembrou-me da dívida

que tinha para com ele, mas não me apertou. Escrevi-lhe em resposta uma hábil carta, pedindo-lhe que tivesse um pouco mais de paciência, no que me atendeu. Logo que pude, paguei o principal com juros e agradeci muito. De modo que o erro foi até certo ponto corrigido.

Surgiu-me então, porém, outra dificuldade que eu nunca tivera a menor razão para esperar. O pai do Sr. Meredith, que deveria pagar nossa tipografia, de acordo com o que me haviam feito esperar, só pôde adiantar cem libras, que foram pagas. Outras cem eram devidas ao comerciante, que ficou impaciente e iniciou processo contra todos nós. Depositamos fiança, mas vimos que, se não fosse possível levantar o dinheiro em tempo, o processo logo chegaria a julgamento e execução, o que arruinaria nossas promissoras perspectivas, juntamente conosco, pois para pagar a dívida precisaríamos vender a imprensa e os tipos talvez por metade do preço.

Nessa dificuldade, dois verdadeiros amigos, de cuja bondade nunca me esqueci, nem jamais esquecerei enquanto puder lembrar-me de alguma coisa, procuraram-me separadamente, sem que um soubesse da ação do outro, e, sem qualquer pedido de minha parte ofereceram-se para adiantar-me o dinheiro que fosse necessário a fim de permitir-me ficar com todo o negócio, se isso fosse exequível. Não queriam, porém, que eu continuasse em sociedade com Meredith, que, segundo disseram, era visto frequentemente embriagado nas ruas e participava de jogos baixos em cervejarias, para grande descrédito nosso. Esses dois amigos foram William Coleman e Robert Grace. Disse-lhes que não podia propor uma separação enquanto restasse alguma possibilidade de os Meredith cumprirem sua parte de nosso acordo, pois eu me considerava com grandes obrigações em relação a eles pelo que haviam feito e que fariam se pudessem. Contudo, se finalmente faltassem no cumprimento de sua parte e nossa sociedade precisasse ser dissolvida, eu me consideraria então livre para aceitar o auxílio de meus amigos.

Assim, a questão ficou parada por algum tempo, até quando eu disse a meu sócio: "Talvez seu pai esteja descontente com a participação que você teve neste nosso negócio e não esteja disposto

a adiantar para você e para mim o que adiantaria só para você. Se é este o caso, diga-me, que eu abrirei mão de tudo em seu favor e irei cuidar de minha vida." "Não", respondeu ele, "meu pai ficou realmente desapontado e está realmente incapaz de cumprir o acordo. Eu não desejo dar-lhe mais desgostos. Vejo que este negócio não é apropriado para mim. Fui criado para agricultor, e foi uma loucura minha vir para a cidade e empregar-me, aos trinta anos de idade, como aprendiz para aprender um novo ofício. Muitos galeses estão indo morar na Carolina do Norte, onde a terra é barata. Estou inclinado a ir com eles e dedicar-me a meu antigo emprego, Você talvez encontre amigos que o ajudem. Se quiser assumir as dívidas da companhia, devolver a meu pai as cem libras que adiantou, pagar minhas pequenas dívidas pessoais e dar me trinta libras e uma sela nova, eu me retirarei da sociedade e deixarei tudo em suas mãos," Concordei com essa proposta, que foi posta por escrito, assinada e selada imediatamente. Dei-lhe o que pediu, e ele partiu logo depois para a Carolina, de onde me mandou no ano seguinte duas longas cartas, contendo o melhor relato que já se fizera sobre aquela região, o clima, o solo, a lavoura etc., pois nessas questões era muito judicioso. Publiquei-as no jornal, tendo elas agradado muito ao público.

Logo que ele partiu, recorri a meus dois amigos. Como não quisesse dar preferência injusta a qualquer deles, tomei de cada um metade do que me haviam oferecido e eu precisava. Paguei as dívidas da companhia e continuei com o negócio em meu próprio nome, anunciando que a sociedade estava dissolvida. Penso que isso foi no ano de 1729 ou por aí.

Mais ou menos nessa época, houve entre o povo um clamor por mais papel-moeda, pois só circulavam na província quinze mil libras e essas mesmas estavam prestes a desaparecer. Os habitantes ricos opunham-se a qualquer acréscimo, sendo contrários a todo papel-moeda, pelo temor de que ele se desvalorizasse como acontecera na Nova Inglaterra, para prejuízo de todos os credores. Discutimos essa questão em nosso Junto, onde me manifestei favorável ao acréscimo,

convencido como estava de que a pequena importância inicial emitida em 1723 fizera muito bem, aumentando o comércio, o emprego e o número de habitantes da província, pois agora via todas as velhas casas habitadas e muitos edifícios novos, ao passo que me lembrava bem de ter visto, quando andara pela primeira vez nas ruas de Filadélfia, comendo meu pão, a maioria das casas em Walnut-street, entre as ruas Second e Front, com tabuletas de "Aluga-se" em suas portas, o mesmo acontecendo com muitas na Chestnut-street e outras ruas, o que me fizera pensar que os habitantes da cidade a estavam abandonando.

Nossos debates deram-me tanto entusiasmo pelo assunto que escrevi e imprimi um folheto anônimo sobre ele, intitulado *"The Nature and Necessity of a Paper Currency"*. Foi bem recebido pela gente do povo em geral, mas os homens ricos não o apreciaram, pois incentivava e fortalecia o clamor por mais dinheiro. Como não tinham entre eles escritores capazes de responder, sua oposição enfraqueceu, e a matéria foi aprovada pela maioria da Câmara. Meus amigos na Câmara, que acreditavam ter sido eu de alguma utilidade, acharam justo recompensar-me, contratando-me para imprimir o dinheiro, serviço muito lucrativo e que me ajudou bastante. Essa foi outra vantagem que me proporcionou o fato de eu ser capaz de escrever.

A utilidade desse papel-moeda tornou-se com o tempo e a experiência tão evidente que nunca mais foi contestada. Assim, logo cresceu para cinquenta e cinco mil libras e, em 1739, para oitenta mil libras, após o que, durante a guerra, subiu além de trezentas e cinquenta mil libras, aumentando sempre o comércio, a construção e os habitantes, embora hoje eu pense que há limites além dos quais a quantidade pode ser prejudicial.

Logo depois obtive, através de meu amigo Hamilton, o serviço de impressão do papel-moeda de Newcastle, outro trabalho lucrativo, segundo pensava eu então, pois coisas pequenas parecem grandes para quem se encontra em condição modesta, e proporcionaram-me realmente grandes vantagens, pois representavam grande

encorajamento. Obteve também para mim o serviço de impressão das leis e resoluções daquele governo, serviço esse que continuou em minhas mãos enquanto me mantive no negócio.

Abri então uma pequena papelaria. Nela eu tinha livros e cadernos em branco de toda espécie, os melhores que já haviam aparecido entre nós, sendo auxiliado nisso por meu amigo Breintnal. Tinha também papel, pergaminho, livros populares etc. Um compositor chamado Whitemash, excelente trabalhador que eu conhecera em Londres, procurou-me e trabalhou comigo permanente e diligentemente. Contratei ainda um aprendiz, o filho de Aquila Rose.

Comecei então a pagar gradualmente a divida que me ficara da tipografia. A fim de firmar meu crédito e prestigio como comerciante, tomava o cuidado não apenas de ser na realidade diligente e frugal, mas também de evitar todas as aparências em contrário. Vestia-me com simplicidade e não era visto em lugar algum de diversão ociosa. Nunca fui pescar ou caçar. Na verdade, um livro às vezes, afastava-me de meu trabalho, mas isso raramente e discretamente, de modo que não provocava escândalo. Para mostrar que não me considerava acima de meu negócio, às vezes trazia para casa, através das ruas, em um carrinho de mão, o papel que havia comprado nas lojas. Sendo considerado um jovem diligente e econômico, e pagando religiosamente tudo quanto comprava, os que importavam artigos de papelaria pediam-me que ficasse seu freguês. Outros se ofereciam para fornecer-me livros, assim ia vivendo suavemente. Entrementes, diminuíam de dia para dia o crédito e os serviços de Keimer, que foi finalmente obrigado a vender sua tipografia para satisfazer os credores. Seguiu para Barbados e lá viveu durante alguns anos em condições de muita pobreza.

Seu aprendiz David Harry, que eu havia ensinado quando trabalhava com ele, estabeleceu-se no seu lugar em Filadélfia, tendo seus materiais. A princípio fiquei temeroso de ter em Harry um rival poderoso, pois seus amigos eram muito capazes e tinham muito prestígio. Propus-lhe por isso uma sociedade, que ele, felizmente para mim, rejeitou com desdém. Era muito orgulho e vestia-se como

um cavalheiro, vivia dispendiosamente e entregava-se muito a diversões e prazeres. Endividou-se e descuidou negócio, em resultado do que perdeu todo serviço. Nada encontrando para fazer, seguiu Keimer a Barbados, levando sua tipografia. Lá esse aprendiz deu emprego a seu antigo patrão como jornaleiro. Os dois brigavam com frequência. Harry atrasava-se continuamente em suas obrigações e, por fim, foi obrigado a vender seus tipos e voltar a seu trabalho no campo, em Pensilvânia. A pessoa que comprou seus materiais empregou Keimer para usá-los, mas ele morreu poucos anos depois.

Não me restava então concorrente em Filadélfia, a não ser o mais antigo, Bradford, que era rico e folgado, fazia alguns trabalhos de impressão de vez em quando com auxiliares avulsos, mas não se mostrava muito interessado no negócio. Contudo, como dispunha do correio, pensavam que tivesse melhor oportunidade de obter notícias. Seu jornal era considerado melhor divulgador de anúncios que o meu e, por isso, tinha muito mais anúncios, o que era vantajoso para ele e desvantajoso para mim. Embora eu, na realidade, recebesse e remetesse jornais pelo correio, a opinião pública pensava o contrário, pois o que eu mandava era graças ao suborno dos mensageiros, que os levavam sigilosamente. Bradford teve a indelicadeza de proibir isso, o que provocou certo ressentimento de minha parte. Achei tão mesquinha essa atitude que, quando mais tarde me vi em posição igual à sua, tomei o cuidado de nunca imitá-lo.

Eu continuara até então a tomar pensão com Godfrey, que morava em parte de minha casa com a esposa e filhos, dispondo de um dos lados da loja para seu negócio de vidraceiro, embora trabalhasse pouco, estando sempre absorvido em sua matemática. A Sra. Godfrey planejou para mim um casamento com a filha de um parente seu. Aproveitava toda oportunidade para deixar-nos juntos, até eu passar a levar a sério o namoro, sendo a moça de fato muito digna. Os pais encorajavam-me, convidando-me sempre para jantar e deixando-nos juntos, até que afinal chegou o momento de uma explicação. A Sra. Godfrey presidiu ao nosso pequeno acordo. Fiz-lhe

saber que eu esperava receber com a filha deles dinheiro suficiente para pagar o restante de minha dívida da tipografia, que eu acreditava não ser então de mais de cem libras, Ela me transmitiu a informação de que eles não podiam dispor de tal importância. Eu disse que poderiam hipotecar sua casa no departamento de empréstimos. A resposta a isso, dada depois de alguns dias, foi que não aprovavam o casamento; que, informando-se junto a Bradford, tinham sabido que o negócio de imprensa não era lucrativo; os tipos logo ficariam gastos e seriam necessários outros; -que S, Keimer e D. Harry haviam falido um depois do outro e que eu provavelmente logo os seguiria, Assim, fui proibido de frequentar sua casa, e sua filha foi afastada de mim.

Não sei se foi uma verdadeira mudança de sentimentos ou apenas um artifício, na suposição de que já estávamos muito adiantados em nossa afeição para recuar; achava que nos devíamos casar às escondidas, o que os deixaria em liberdade de dar ou negar o que quisessem, Suspeitei, porém, do último caso, ofendi-me e não os procurei mais. A Sra. Godfrey falou-me posteriormente de maneira mais favorável sobre sua disposição e queria envolver-me de novo. Declarei, porém, categoricamente minha decisão de não ter mais relações com aquela família. Isso ofendeu os Godfrey. Discutimos, eles mudaram, deixando-me a casa inteira, e eu resolvi não aceitar mais inquilinos.

Esse caso, porém, fez com que meus pensamentos se voltassem para o casamento. Olhei ao meu redor e procurei travar relações em outros lugares. Logo verifiquei, porém, que o ofício de tipógrafo era geralmente considerado ruim e que eu não podia esperar receber dinheiro com uma esposa, a menos que fosse alguém que, em outras condições, eu não acharia agradável. Entrementes, a paixão da mocidade, difícil de governar, empurrava-me frequentemente para intrigas com mulheres baixas que apareciam em meu caminho, o que me causava certa despesa e grandes inconvenientes, além do risco contínuo de adquirir doenças, o que eu temia acima de tudo, embora, por muita sorte, delas tenha escapado. Como vizinho e velho

conhecido, eu continuara a manter cordiais relações com a família da Sra. Read, que me tinha em grande consideração desde o tempo em que me hospedara em sua casa. Convidavam-me frequentemente a visitá-los e consultavam-me sobre seus negócios, nos quais às vezes eu era de utilidade. Eu lamentava a infortunada situação da pobre Srta. Read, que se mostrava geralmente abatida, raramente alegre e evitava companhia. Considerava minha leviandade e inconstância quando estive em Londres como responsável em grande parte por sua infelicidade, embora a mãe tivesse a bondade de pensar que a culpa era mais sua que minha, pois impedira nosso casamento antes de eu ter ido para lá e induzira-a ao outro casamento durante minha ausência. Nossa afeição mútua renasceu, mas havia agora grandes obstáculos à nossa união. Seu casamento era de fato considerado nulo, pois se dizia que o marido tivera uma esposa anterior que vivia na Inglaterra. Isso, porém, não podia ser facilmente provado, devido à distância. Embora houvesse notícia da morte dele, isso também não era certo. Ainda que fosse verdade, ele deixara muitas dívidas, que seu sucessor talvez fosse obrigado a pagar. Arriscamo-nos, porém, a todas essas dificuldades, e eu a tomei como esposa, em primeiro de setembro de 1730. Nenhuma das inconveniências por mim temidas se concretizou. Ela se mostrou uma boa e leal companheira, ajudou-me muito tomando conta da loja, prosperamos juntos e sempre nos esforçamos para fazer-nos mutuamente felizes. Assim, corrigi aquele grande erro da melhor maneira que pude.

Mais ou menos nessa época, em uma reunião de nosso clube realizada não em uma taberna, mas em uma saleta da casa do Sr. Grace, reservada para esse fim, foi proposto por mim que, como nossos livros eram frequentemente mencionados em nossas dissertações sobre as indagações, poderia ser conveniente para nós termos todos eles juntos onde nos reuníamos, para poderem ser consultados quando necessário. Reunindo assim nossos livros em uma biblioteca comum, cada um de nós, enquanto quiséssemos conservá-los juntos, teria a vantagem de usar os livros de todos os outros membros, o que seria quase tão benéfico como se cada um possuísse todos eles. A proposta foi apreciada e aceita. Enchemos

um lado da sala com os livros de que podíamos dispor. O número não foi tão grande quanto esperávamos. E, embora tivessem sido de grande utilidade, devido a alguns inconvenientes decorrentes da falta do necessário cuidado com os volumes, a coleção foi, depois de aproximadamente um ano, separada, e cada um levou de novo seus livros para casa.

Iniciei então meu primeiro projeto de caráter público: o de uma biblioteca mantida por assinantes. Redigi as propostas, fiz com que fossem postas na devida forma pelo nosso grande escrivão, Brockden, e, com o auxílio de meus amigos do Junto, consegui cinquenta assinantes para contribuírem com dez xelins cada um, de início, e mais dez xelins, por ano, durante cinquenta anos, prazo de duração da nossa sociedade. Posteriormente obtivemos o reconhecimento da biblioteca, sendo a sociedade aumentada para cem membros. Essa foi a mãe de todas as bibliotecas mantidas por assinantes na América do Norte, hoje tão numerosas. Tornou-se em si própria uma grande coisa e cresceu continuamente. Essas bibliotecas melhoraram a conversação geral dos americanos, tornaram comerciantes e lavradores comuns tão inteligentes quanto muitos cavalheiros de outros países e talvez tenham contribuído, em certa escala, para a posição tão geralmente assumida em todas as colônias na defesa de seus privilégios.

Nota do Autor. Até agora esta narrativa foi escrita com a intenção manifestada no início e, por isso, contém várias pequenas histórias de família sem importância nenhuma para outros. O que se segue foi escrito muitos anos depois, atendendo ao conselho contido nas seguintes cartas e consequentemente destinado ao público. A interrupção do texto foi motivada pelos acontecimentos da revolução.

Carta do Sr. Abel James, com notas sobre minha vida (recebida em Paris)

"Meu caro e estimado amigo: Tive muitas vezes o desejo de escrever-te, mas não podia conformar-me com a ideia de que a carta talvez caísse nas mãos dos britânicos, temeroso de que algum tipógrafo ou algum intrometido publicasse parte do conteúdo, causando mágoa a nosso amigo e censuras contra mim.

Há algum tempo caíram-me nas mãos, para minha grande alegria, cerca de vinte e três páginas escritas com tua letra, contendo um relato sobre tua família e tua vida, dirigido a teu filho, terminando no ano de 1730, com o qual havia notas, igualmente em tua caligrafia. Mando junto uma cópia disso, na esperança de que, se continuaste até período posterior, possam ser reunidas a primeira e a última parte; e, se ainda não tiveres continuado, espero que não demores a fazer isso. A vida é incerta, como nos diz o pregador, e que dirá o mundo se o bondoso, humano e benevolente Ben. Franklin deixar seus amigos e o mundo privados de tão agradável e proveitoso trabalho, trabalho que seria útil e interessante não só para uns poucos, mas para milhões? A influência que escritos dessa classe têm sobre o espírito dos moços é muito grande e em parte alguma me pareceu tão evidente quanto no diário público de nosso amigo. Quase insensivelmente levam os moços à resolução de esforçar-se para tornar-se tão bons e eminentes quanto o autor do diário. Se o teu, por exemplo, quando publicado (e penso que não pode deixar de sê-lo), levar os moços a igualarem a diligência e temperança dos primeiros anos de tua mocidade, que bênção não seria para essa classe tal trabalho! Não conheço personalidade viva, nem muitas delas postas juntas, que tivesse tanto poder quanto tu de promover, entre a mocidade americana, maior espírito de diligência e atenção precoce para os negócios, frugalidade e temperança, Não que eu pense que o trabalho não teria outro mérito e utilidade no mundo. Longe disso. Todavia, o primeiro é de tão vasta importância que nada conheço capaz de igualá-lo foi escrito muitos anos depois, atendendo ao conselho contido nas consequentemente destinadas ao público. Os acontecimentos motivaram a interrupção.

Tendo mostrado a um amigo a carta anterior e as notas que a

acompanharam recebi dele o seguinte:

Carta do Sr. Benjamin Vaughan!

Paris, 31 de janeiro de 1783.

"Meu caríssimo senhor: Quando li as folhas de anotações sobre os principais incidentes de vossa vida, que vos foram devolvidas por vosso amigo quaker, disse que vos mandaria uma carta expressando as razões pelas quais pensava ser útil completá-las e publicá-las, como ele desejava. Várias preocupações me impediram, durante algum tempo, que esta carta fosse escrita, e não sei se ela merecia alguma expectativa. Contudo, como disponho de tempo no momento, escrevendo pelo menos me distrairei e me instruirei. Como as expressões que estou inclinado a empregar poderiam, porém, melindrar uma pessoa de vossas maneiras, eu vos direi apenas como me dirigiria a qualquer outra pessoa, que fosse tão bondosa e grande quanto vós, mas menos modesta. Eu lhe diria: Senhor, solicito a história de vossa vida pelos seguintes motivos: vossa história é tão notável que, se não a contardes, algum outro certamente a contará, e talvez com risco de causar tanto mal quanto o bem que vossa própria descrição poderia causar. Apresentará, além disso, um quadro das condições internas de vosso país, que tenderá muito a atrair para ele colonos de espírito virtuoso e nobre. Considerando a ansiedade com que tais informações são procuradas por eles e a extensão de vossa reputação, não conheço propaganda mais eficiente do que a que poderia fazer vossa biografia. Tudo quanto vos aconteceu está também relacionado com os pormenores da formação e situação de um povo em ascensão. Nesse sentido, não penso que os escritos de César e Tácito pudessem ser mais interessantes para um verdadeiro juiz da natureza e da sociedade humana. Estas, porém, senhor, são razões pequenas, em minha opinião, quando comparadas com a oportunidade que vossa vida dará para a formação de grandes homens futuros; e, em conjunto com vossa "Arte da Virtude" (que pretendeis publicar), de melhorar os aspectos do caráter privado e

consequentemente aumentar toda a felicidade, tanto pública como privada. Os dois trabalhos a que faço alusão, senhor, darão particularmente uma nobre regra e exemplo de autoeducação. A escola e outros meios de educação fundam-se constantemente em princípios falsos e mostram um grosseiro mecanismo voltado para um objetivo falso. Vosso mecanismo, porém, é simples e o objetivo é verdadeiro; e, enquanto pais e jovens são deixados sem outros meios adequados para fazer avaliações e preparar-se para um curso razoável na vida, vossa descoberta de que a coisa está ao alcance privado de muitos homens será inestimável! A influência sobre o caráter privado, tarde na vida, é não só uma influência tardia na vida, mas uma influência fraca. É na mocidade que adquirimos nossos principais hábitos e preconceitos; é na mocidade que tomamos nossas decisões quanto à profissão, objetivos e matrimônio. Na mocidade, portanto, & decidido o rumo; na mocidade é ministrada a educação até mesmo da geração seguinte; na mocidade é determinado o caráter privado e público; e, como a duração da vida não se estende senão da mocidade à velhice, a vida deve começar desde bem moço e mais especialmente antes que tenhamos tomado nossa decisão quanto a nossos principais objetivos. Entretanto, vossa biografia não ensinará simplesmente autoeducação, mas a educação de um homem sábio; e os homens mais sábios receberão luzes e melhorarão seu progresso, vendo pormenorizadamente a conduta de outro homem sábio. E por que homens mais fracos deverão ser privados de tais auxílios, quando vemos que nossa raça vem andando às cegas no escuro, quase sem um guia nessa questão, desde o tempo mais remoto? Mostrai então, senhor, o quanto deve ser feito, tanto para filhos como para pais. E convidai todos os homens sábios a tornarem-se iguais a vós e os outros homens a tornarem-se sábios. Quando vemos como estadistas e guerreiros podem ser cruéis com a raça humana e como homens ilustres podem ser absurdos com seus conhecidos, será instrutivo observar multiplicarem-se os exemplos de maneiras pacíficas e indulgentes; e constatar como é compatível ser grande e serviçal, invejável e, apesar disso, bem humorado.

"Os pequenos incidentes privados que tereis também a relatar serão de considerável utilidade, pois desejamos, acima de tudo, regras de prudência nas coisas comuns; e será curioso ver como agistes nessas coisas. Será uma espécie de chave da vida e explicará muitas coisas que devem ser explicadas uma vez a todos os homens, a fim de dar-lhes oportunidade de tornarem-se sábios pela previsão. O que mais se aproxima de termos experiência própria é ver os negócios de outra pessoa colocados na nossa frente de forma interessante. Isso certamente acontecerá com o que sair de Vossa pena, Nossos negócios e nossa maneira de agir terão um ar de simplicidade ou importância que não deixará de impressionar. Estou convencido de que os conduzireis com tanta originalidade como se estivésseis conduzindo discussões sobre política ou filosofia. E que é mais digno de experimentos e sistemas (considerando-se sua importância e seus erros) do que a vida humana?

"Alguns homens foram virtuosamente cegos, outros especularam fantasticamente e ainda outros foram sagazes para fins maus. Estou certo, porém, de que não nos dareis coisa alguma que não seja ao mesmo tempo sábia, prática e boa. Vosso relato sobre vós próprio (pois suponho que o paralelo que estou traçando com o Dr. Franklin aplica-se não apenas à questão de caráter, mas também à de história privada) mostrará que não vos envergonhais de vossa origem, coisa que se torna ainda mais importante por provardes como toda origem é pouco necessária para felicidade, virtude ou grandeza. Como, também, nenhum fim acontece sem um meio, veremos, senhor, que mesmo vós traçastes um plano com o qual vos tornastes eminente; mas ao mesmo tempo talvez vejamos que, embora o acontecimento seja lisonjeiro, os meios são tão simples quanto a sabedoria poderia torná-los; isto é, dependendo da natureza, virtude, pensamento e hábito. Outra coisa demonstrada será a conveniência de todo homem esperar seu tempo para aparecer no palco do mundo. Como nossas sensações se fixam muito no momento, tendemos a esquecer que outros momentos se seguem ao primeiro e, consequentemente, que o homem deve organizar sua conduta de modo a servir para uma vida inteira. Vossa atribuição parece ter sido aplicada à vossa vida, e os

momentos passageiros dela foram enriquecidos com contentamento e alegria, ao invés de serem atormentados com tola impaciência ou remorsos. Tal conduta é fácil para aqueles que praticam a virtude e se portam de acordo com os exemplos de outros homens realmente grandes, nos quais a paciência é, com muita frequência, a característica. Vosso correspondente quaker, senhor (pois nisto também presumirei que o objeto de minha carta se assemelha ao Dr. Franklin), elogiou vossa frugalidade, diligência e temperança, que são consideradas como um padrão para toda a mocidade. É singular, porém, que se tenha esquecido de vossa modéstia e de vosso desinteresse, sem os quais jamais poderíeis ter esperado por vosso progresso ou achado confortável vossa situação no meio tempo; o que é uma forte lição para mostrar a pobreza da glória e a importância de regular nosso espírito. Se esse correspondente tivesse conhecido a natureza de vossa reputação, como eu conheço, teria dito: vossos escritos e medidas anteriores despertarão atenção para vossa "Biografia" e "Arte da Virtude"; e vossa "Biografia" e "Arte da Virtude", em troca, despertarão atenção para eles.

Esta é uma vantagem inerente a um caráter variado e que põe em maior destaque tudo quanto pertence a ele; e é ainda mais útil pelo fato de serem talvez mais numerosas as pessoas que não encontram meios de melhorar seu espírito e seu caráter do que aquelas que não encontram tempo ou inclinação para isso. Existe, porém, senhor, uma reflexão final que mostrará a utilidade de vossa vida como simples obra de biografia. Este estilo de escrever parece ter saído um pouco da moda, embora seja muito útil; e vosso espécime dele talvez seja particularmente valioso, pois será objeto de comparação com as vidas de vários assassinos e intrigantes públicos, e com absurdos auto flageladores monásticos ou vaidosos vadios literários. Se encorajar outros escritos da mesma espécie que o vosso e induzir mais homens a aproveitarem vidas dignas de ser descritas, valerá tanto quanto todas as Vidas de Plutarco juntas. Estando, porém, cansado de imaginar uma personalidade da qual todos os aspectos se adaptam apenas a um homem no mundo, sem dar-lhe o louvor por isso, terminarei minha carta, caro Dr. Franklin, com um

pedido pessoal ao vosso próprio eu.

Desejo sinceramente, meu caro senhor, que deixeis o mundo conhecer os traços de vosso genuíno caráter, pois agitações civis poderão em caso contrário tender a desfigurá-lo ou deturpá-lo. Considerando vossa avançada idade, a prudência de vosso caráter e vosso peculiar estilo de pensar, não é provável que alguém além de vós possa ser suficientemente senhor dos fatos de vossa vida ou das intenções de vosso espírito. Além de tudo isso, a imensa revolução do período atual, necessariamente voltará nossas atenções para o autor dela e, quando se pretende encontrar nela princípios virtuosos, será muito importante mostrar que eles realmente tiveram influência; e, como vosso próprio caráter será o principal a ser examinado, é conveniente (mesmo por seus efeitos sobre vosso vasto e crescente país, assim como sobre a Inglaterra e sobre a Europa) que ele se conserve respeitável e eterno. Para favorecimento da felicidade humana, sempre sustentei que é necessário provar que o homem, nem mesmo no presente, é um animal perverso e detestável; e, ainda mais, provar que boa orientação pode melhorá-lo muito; e é por essa razão que estou ansioso por ver firmada a opinião de que há belos caracteres entre os indivíduos da raça. Isso porque no momento em que todos os homens, sem exceção, forem considerados abandonados, as pessoas boas desistirão de esforços julgados inúteis e talvez pensem em tomar sua parte na luta da vida ou pelo menos em fazê-la confortável principalmente para si próprias. Dedicai-vos, portanto, meu caro senhor, com a maior rapidez a esse trabalho. Mostrai-vos bom como sois; sóbrio como sois; e, acima de tudo, provai que, desde vossa infância, amastes a justiça, a liberdade e a concórdia, de maneira que torne natural e compatível conosco terdes agido como vos vimos agir nos últimos dezessete anos de vossa vida. Que os ingleses sejam levados não só a respeitar-vos, mas até mesmo a amar-vos. Quando pensarem bem de indivíduos de vossa terra natal, estarão mais próximos de pensar bem de vossa terra; e quando vossos compatriotas virem que os ingleses pensam bem deles, estarão mais próximos de pensar bem da Inglaterra. Estendei vossas vistas ainda mais longe; não vos detenhais naqueles

que falam a língua inglesa, mas, após ter resolvido tantas questões de natureza política, pensai em melhorar toda a raça dos homens. Como não li parte alguma da vida em questão, mas só conheço a personalidade que a viveu, escrevo um tanto ao acaso. Estou certo, porém, de que a vida e o tratado a que faço alusão (sobre a Arte da Virtude) satisfarão necessariamente ao principal de minhas expectativas e, ainda mais, se tomardes a providência de adaptar essas realizações às várias opiniões acima expostas. Ainda mesmo que não correspondam a tudo quanto um otimista admirador delas espera, tereis, pelo menos, executado obras de interesse para o espírito humano; e quem quer que dê uma sensação de prazer inocente ao homem contribui muito para o lado bom da vida, em outros aspectos muito anuviada pela ansiedade e muito ferida pela dor. Na esperança, portanto, de que ouçais a súplica que vos é dirigida nesta carta, peço-vos aceitar, meu caríssimo senhor, etc. etc.

"Assinado, Benj. Vaughan."

Continuação do relato de minha vida, iniciado em Passy, perto de Paris.

1784

Já se passou algum tempo desde que recebi as cartas anteriores, mas estive muito ocupado até agora para atender ao pedido nelas contidas. Isso poderia também ser feito muito melhor se eu estivesse em casa entre meus papéis, que auxiliariam minha memória e ajudariam a verificar datas. Todavia, como meu regresso é incerto e tendo exatamente agora um pouco de lazer, esforçar-me-ei para relembrar e escrever o que me for possível. Se eu voltar para casa com vida, isto poderá ser lá corrigido e melhorado.

Não tendo aqui comigo cópia do que já está escrito, não sei se foi feito um relato dos meios que empreguei para fundar a biblioteca pública de Filadélfia, que, de um pequeno começo, se tornou agora tão considerável, embora eu me lembre de ter chegado até próximo

da época desse empreendimento (1730). Começarei aqui, portanto, com um relato disso, que poderá ser suprimido se já tiver sido feito.

Na época em que me estabeleci em Pensilvânia, não havia livraria boa em nenhuma das colônias ao sul de Boston. Em Nova York e Filadélfia, os tipógrafos eram, na realidade, papeleiros; só vendiam papel etc., almanaques, baladas e alguns livros didáticos comuns. Aqueles que gostavam de ler eram obrigados a mandar buscar livros na Inglaterra. Cada um dos membros do Junto tinha um pouco de livros. Havíamos deixado a cervejaria, onde nos reuníamos a princípio, e alugado uma sala para abrigar nosso clube. Propus que todos nós levássemos nossos livros para aquela sala, onde não apenas estariam à disposição para consulta em nossas conferências, mas também se tornariam um benefício comum, tendo cada um de nós a liberdade de tomar emprestados os que quisesse ler em casa. Isso foi feito e, durante algum tempo, nos satisfez,

Constatando a vantagem dessa pequena coleção, pretendi tornar mais comum o benefício dos livros, iniciando uma biblioteca de subscrição pública. Tracei um esboço do plano e das regras que seriam necessárias e fiz um competente notário, Sr. Charles Brockden, reduzir tudo à forma de artigos de contrato a serem subscritos, em cujos termos cada subscritor se comprometia a pagar determinada soma para a primeira aquisição de livros e uma contribuição anual para aumentá-los. Tão poucos eram os leitores naquela época, em Filadélfia, e a maioria de nós tão pobre, que não consegui, com grande diligência, encontrar mais de cinquenta pessoas, em sua maioria jovens comerciantes, dispostas a pagar, cada uma, para esse fim, quarenta xelins de imediato e dez xelins por ano. Com esse pequeno fundo começamos. Os livros foram importados. A biblioteca era aberta um dia por semana, para fazer empréstimos aos subscritores, mediante notas promissórias em que se comprometiam a pagar o dobro do valor se os livros não fossem devidamente devolvidos. A instituição logo provou sua utilidade e foi imitada em outras cidades e em outras províncias. As bibliotecas foram aumentadas graças a donativos. Ler tornou-se elegante, Nosso

povo, não tendo diversões públicas para desviar sua atenção do estudo, tornou-se mais familiarizado com os livros e, em poucos anos, estrangeiros observaram ser ele melhor instruído e mais inteligente do que são em geral as pessoas da mesma categoria em outros países.

Quando estávamos para assinar os artigos mencionados, que obrigariam a nós, nossos herdeiros etc., pelo período de cinquenta anos, o Sr. Brockden, o escrivão, disse-nos: "Sois moços, mas é pouco provável que algum de vós viva o suficiente para ver a expiração do prazo fixado no instrumento." Vários de nós, porém, ainda estamos vivos, mas o instrumento foi, depois de alguns anos, tornado nulo por uma carta que incorporou e deu perpetuidade à sociedade.

As objeções e relutâncias que encontrei ao solicitar as subscrições fizeram-me logo sentir a inconveniência de alguém apresentar-se como proponente de qualquer projeto útil, que se suponha elevar sua reputação no menor grau acima da de seus vizinhos, quando precisa da assistência deles para executar tal projeto. Por isso, fiz o que pude para manter-me fora das vistas e dizia ser um plano de diversos amigos, que me haviam pedido para propô-los às pessoas que consideravam amantes da leitura, Dessa maneira meu serviço foi feito muito mais facilmente e, dali por diante, sempre pratiquei isso em ocasiões semelhantes; e, em vista de meus frequentes sucessos, posso recomendá-lo calorosamente. O pequeno sacrifício momentâneo de sua vaidade será depois amplamente recompensado. Se ficar um pouco incerto a quem pertence o mérito, alguém mais vaidoso que você se sentirá encorajado a reivindicá-lo e, então, até mesmo a inveja será empregada para fazer-lhe justiça, arrancando aquelas plumas usurpadas e devolvendo-as a seu legítimo dono.

Esta biblioteca forneceu-me meios de aperfeiçoamento por estudo constante, para o qual eu reservava uma ou duas horas por dia e assim compensava, até certo ponto, a perda da educação superior que meu pai pretendera dar-me. Ler era o único divertimento

a que me permitia. Não gastava tempo em tabernas, jogos ou diversões de qualquer espécie; e minha diligência no negócio continuava tão infatigável quanto necessário. Eu tinha dívidas da minha tipografia; tinha uma família jovem que crescia para ser educada; e precisava competir pelo serviço com dois tipógrafos, que estavam estabelecidos no lugar antes de mim. Minha situação, porém, tornou-se cada dia mais fácil. Mantendo meus hábitos originais de frugalidade e tendo meu pai, entre as instruções que me deu quando menino, repetido com frequência um provérbio de Salomão: "Viste um homem diligente em seu dever? Ele fica diante de reis, não fica diante de homens mesquinhos", eu dali por diante considerei a diligência como meio de obter riqueza e distinção, o que me encorajou, embora não pensasse que chegaria literalmente a ficar diante de reis, o que, porém, desde então aconteceu, pois estive diante de cinco reis e tive mesmo a honra de sentar-me para jantar com um deles, o rei da Dinamarca.

Temos um provérbio inglês que diz: "Aquele que quer prosperar, precisa pedir à sua esposa". Foi sorte minha ter uma esposa tão disposta para a diligência e frugalidade quanto eu próprio. Ajudou-me alegremente em meu negócio, dobrando e grampeando folhetos, tomando conta da loja, comprando pedaços de roupas velhas para os fabricantes de papel etc. etc. Não mantínhamos criados ociosos, nossa mesa era modesta e simples, nossos móveis dos mais baratos. Por exemplo, meu desjejum durante muito tempo foi pão e leite (sem chá), e eu o tomava em uma tigela de barro de dois pence, com uma colher de estanho.

Observe-se, porém, como o luxo entra nas famílias e faz progresso, apesar do princípio: sendo chamado certa manhã para o desjejum, encontrei-o em uma tigela de porcelana, com uma colher de prata! Haviam sido compradas para mim, sem meu conhecimento, por minha esposa e haviam-lhe custado a enorme soma de vinte e três xelins, para o que ela não tinha outra escusa ou desculpa a apresentar, senão dizer que achava que seu marido merecia uma colher de prata e uma tigela de porcelana tanto quanto qualquer de

seus vizinhos. Essa foi a primeira vez que apareceram em nossa casa prata e porcelana, as quais depois, no decorrer dos anos, à medida que crescia nossa riqueza, aumentaram gradualmente até o valor de várias centenas de libras.

Eu Fora religiosamente educado como presbiteriano e, embora alguns dos dogmas daquela crença, como *os eternos decretos de Deus, eleição, reprovação etc*. me parecessem ininteligíveis, outros, duvidosos, e embora eu quase me abstivesse de frequentar as assembleias públicas da seita, pois domingo era meu dia de estudo, nunca deixei de ter princípios religiosos. Nunca duvidei, por exemplo, da existência da Divindade; de que ela fez o mundo e o governava por sua Providência; de que o serviço mais agradável a Deus é fazer bem ao homem; de que nossas almas são imortais; e de que todo crime será punido e a virtude recompensada, aqui ou na vida futura. Eu considerava essas coisas essenciais de toda religião e, sendo encontradas em todas as religiões que tínhamos em nossa terra, eu respeitava todas elas, embora com graus diferentes de respeito, pois encontrava tais coisas mais ou menos misturadas com outros artigos que, sem qualquer tendência a inspirar, promover ou confirmar moralidade, serviam principalmente para dividir-nos e tornar-nos hostis uns aos outros. Esse respeito por todas, com a opinião de que mesmo a pior tinha alguns bons efeitos, levava-me a evitar toda discussão que tendesse a enfraquecer a boa opinião que outrem pudesse ter sobre sua própria religião; e, como aumentasse a população de nossa província e fossem sempre necessários novos lugares de culto, geralmente construídos por contribuições voluntárias, nunca recusei meu óbolo para tal propósito, fosse qual fosse a seita.

Embora raramente frequentasse cultos públicos, eu tinha opinião sobre sua conveniência e sobre sua utilidade quando bem conduzidos, e pagava regularmente minha contribuição anual para manter o único ministro presbiteriano ou as reuniões que tínhamos em Filadélfia. Ele me visitava, às vezes, como amigo e exortava-me a assistir a seus serviços. Eu era de quando em quando convencido a

isso, certa vez durante cinco domingos sucessivos. Se ele fosse em minha opinião um bom pregador, talvez eu pudesse ter continuado, apesar da oportunidade que a folga de domingo oferecia para meus estudos. Todavia, seus discursos eram principalmente argumentos polêmicos ou explicações sobre doutrinas peculiares de nossa seita, e eu os achava muito secos, desinteressantes e nada edificantes, pois não inculcavam nem impunham um único princípio moral, seu objetivo parecendo ser o de fazer-nos presbiterianos mais que bons cidadãos,

Por fim, ele tomou como tema aquele versículo do quarto capítulo da Epístola aos Filipenses: "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável, seja tudo isto o objeto de vossos pensamentos." Imaginei que, em um sermão com tal tema, não poderíamos deixar de ter alguma moral. Contudo, ele se limitou a apenas cinco pontos, como tendo sido sugeridos pelo apóstolo, isto é: 1 — Guardar como santificado o dia do Sabá; 2 — Ser diligente na leitura das Sagradas Escrituras; 3 Assistir assiduamente ao culto público; 4 — Receber o Sacramento; 5 — Tratar com o devido respeito os ministros de Deus. Todas essas coisas podiam ser boas, mas, como não era a espécie de coisas que eu esperava do tema, perdi a esperança de encontrar estas últimas em qualquer outro tema, fiquei descontente e nunca mais assisti à sua pregação. Eu escrevera poucos anos antes uma pequena Liturgia ou forma de oração, para meu uso particular (isto em 1728), intitulada "Artigos de Fé e Atos de Religião". Voltei a usá-la e não fui mais a assembleias públicas. Minha conduta talvez fosse condenável, mas paro por aqui, sem tentar mais desculpá-la. Meu objetivo atual é relatar fatos e não apresentar desculpas para eles.

Foi mais ou menos nessa época que concebi o ousado e árduo projeto de chegar à perfeição moral. Desejava viver sem cometer falta alguma em tempo algum. Eu dominaria tudo quanto a inclinação natural, o costume ou a companhia pudessem levar-me a fazer. Como eu sabia, ou pensava saber, o que era certo e errado, não via

por que não poderia sempre fazer um e evitar o outro. Logo, porém, descobri que me empenhara em tarefa mais difícil do que imaginara. Enquanto tomava o cuidado de proteger-me contra uma falta, era muitas vezes surpreendido por outra; o hábito aproveitava-se da desatenção; a inclinação era, às vezes, forte demais para a razão. Concluí, finalmente, que a mera convicção especulativa de que era de nosso interesse ser completamente virtuoso não bastava para impedir que escorregássemos; e que os hábitos contrários precisam ser rompidos e hábitos bons adquiridos e estabelecidos, antes de podermos contar com uma firme e uniforme retidão de conduta. Com esse objetivo idealizei, portanto, o método seguinte.

Nas várias enumerações das virtudes morais que encontrara em minhas leituras, achara o catálogo mais ou menos numeroso, pois diferentes escritores incluíam mais ou menos ideias sob o mesmo nome. A temperança, por exemplo, era limitada por alguns ao comer e beber, enquanto outros a ampliavam de modo a significar moderação em todos os outros prazeres, apetites, inclinações ou paixões, físicas ou mentais, até mesmo nossa avareza e ambição. Propus a mim mesmo, para bem da clareza, usar de preferência mais nomes, com menos ideias ligadas a cada um deles, do que poucos nomes com mais ideias. Incluí sob treze nomes de virtudes tudo quanto na ocasião me ocorreu como necessário ou desejável e juntei a cada um deles um curto preceito, que expressava plenamente a extensão dada por mim à sua significação.

Esses nomes de virtudes, com seus preceitos, foram:

1 — TEMPERANÇA

Não comas até o entorpecimento; não bebas até a exaltação.

2 — SILÊNCIO

Não fales senão o que possa beneficiar aos outros ou a ti; evita conversa frívola.

3 — ORDEM

Que todas as tuas coisas tenham seus lugares; que cada parte de tua atividade tenha seu tempo.

4 — RESOLUÇÃO

Resolve realizar o que deves; realiza sem faltar com o que resolveste.

5 — FRUGALIDADE

Não faças despesa alguma a não ser para o bem de outros ou de ti; isto é, não desperdices coisa alguma.

6 — DILIGÊNCIA

Não percas tempo; emprega-o sempre em algo útil; suprima todas as ações desnecessárias.

7 — SINCERIDADE

Não uses ardis lesivos; pensa com inocência e justiça, e, se falares fala do mesmo

8 — JUSTIÇA

Não prejudiques ninguém fazendo o mal ou omitindo os benefícios que são de teu dever.

9 — MODERAÇÃO

Evita os extremos; não te ofendas com injúrias mesmo quando pensas que as mereces.

10 — LIMPEZA

Não toleres falta de limpeza no corpo, nas roupas ou na habitação.

11 — TRANQUILIDADE

Não te deixes perturbar por ninharias ou por acidentes comuns ou inevitáveis.

12 — CASTIDADE

Usa raramente dos prazeres carnais, apenas por motivo de saúde ou reprodução, nunca até o entorpecimento, à fraqueza ou em prejuízo da tua própria paz ou reputação de outrem.

13 — HUMILDADE

Imita Jesus e Sócrates.

Como minha intenção era adquirir o hábito de todas essas virtudes, achei que seria bom não distrair minha atenção tentando tudo ao mesmo tempo, mas fixar-me em uma delas de cada vez. Quando tivesse dominado aquela, passaria para outra e assim por diante, até ter passado por Todas as treze. Como a aquisição anterior de algumas poderia facilitar a aquisição de certas outras, ordenei-as com vistas a isso da maneira como são apresentadas acima. A temperança em primeiro lugar, pois tende a proporcionar aquela frieza e clareza de espírito, tão necessárias quando se deve manter constante vigilância e ficar de guarda contra a incessante atração de hábitos antigos e a força de perpétuas tentações. Adquirida e estabelecida essa, o silêncio seria mais fácil. Como era meu desejo adquirir conhecimento ao mesmo tempo que me aperfeiçoava na virtude, considerando que na conversa se ganhava mais com o uso dos ouvidos que da língua, e desejando por isso eliminar o hábito que estava adquirindo de tagarelar, fazer trocadilhos e gracejar, que só me tornava aceitável para companhia frívola, dei ao silêncio o segundo lugar. Esperava que essa e a seguinte, Ordem, me dessem mais tempo para dedicar ao meu projeto e aos meus estudos. A resolução, uma vez tornada habitual, conservar-me-ia firme em meus esforços para obter Todas as virtudes subsequentes; a Frugalidade e a Diligência livrando-me de minha dívida restante e produzindo riqueza e independência, tornaria mais fácil a prática de Sinceridade, Justiça etc. etc. Concebendo então que, de acordo com o conselho de Pitágoras em seus Versos de Ouro, seria necessário exame diário idealizei o seguinte método para realização desse exame.

Fiz um pequeno livro, no qual destinei uma página a cada uma

das virtudes. Risquei cada página com tinta vermelha, de modo a ter sete colunas, uma para cada dia da semana, marcando cada coluna com a letra correspondente ao dia. Cruzei essas colunas com treze linhas vermelhas, colocando no início de cada linha a primeira letra de uma das virtudes, em cuja linha, e na coluna adequada, eu pudesse marcar, com um pequeno ponto preto, toda falta que, ao fazer o exame, descobrisse ter cometido com relação àquela virtude naquele dia.

Decidi dar uma semana de estrita atenção a cada uma das virtudes sucessivamente. Assim, na primeira semana, minha maior guarda consistiu em evitar até mesmo a menor falta contra Temperança, deixando as outras virtudes à sua sorte comum, apenas marcando toda noite as faltas do dia. Assim, se na primeira semana eu pudesse conservar a primeira linha, marcada com T, livre de pontos, presumiria estar o hábito daquela virtude tão fortalecido e seu oposto tão enfraquecido que poderia aventurar-me a estender minha atenção de modo a incluir a seguinte e, na outra semana, conservar ambas as linhas livres de pontos. Prosseguindo assim até a última, eu poderia fazer um curso completo em treze semanas e quatro cursos em um ano. E como o homem que, tendo um jardim para limpar, não tenta arrancar Todas as ervas daninhas de uma vez, o que estaria além de seu alcance e de sua força, mas trabalha em um dos canteiros cada vez e, tendo terminado o primeiro, passa para o segundo, assim eu teria, segundo esperava, o encorajador prazer de ver em minhas páginas o progresso que fizesse na virtude, limpando sucessivamente minhas linhas de seus pontos, até que por fim, mediante diversos cursos, eu teria a felicidade de ver um livro limpo, depois de um exame diário de treze semanas.

Meu pequeno livro tinha como mote estes versos do "Catão" de Addison:

"Aqui eu me firmo. Se existe um poder acima de nós
(E que existe toda a natureza clama através de Todas as suas obras), Ele deve encontrar prazer na virtude;
E aquilo que lhe dá prazer deve ser feliz."

Outro, de Cícero:

"O vitae Philosophia dux! O virtutum indagatrix expultrixque vitiorum! Unus dies, bene et ex praeceptis tuis actus, peccanti immortalitati est anteponendus."

Outro, dos Provérbios de Salomão, falando da sabedoria ou virtude:

"Na mão direita ela sustenta uma longa vida,
Na esquerda, riqueza e glória.
Seus caminhos estão semeados de delícias.
Suas veredas são pacíficas" (3, 16-17)

E concebendo Deus como a fonte da sabedoria, achei certo e necessário solicitar sua assistência para obtê-la. Com esse objetivo, elaborei a seguinte pequena oração, que foi juntada aos meus quadros de exame, para uso diário:

"Ó poderosa Bondade! Pai generoso! Guia piedoso! Aumenta em mim aquela sabedoria que descobre meus mais verdadeiros interesses. Fortalece minha resolução de executar o que dita aquela sabedoria. Aceita meus bons ofícios junto a teus outros filhos, como a única retribuição ao meu alcance para teus contínuos favores a mim."

Usava também às vezes uma pequena oração que tomei dos Poemas de Thomson, a saber:

"Pai da luz e da vida, Deus Supremo!
Ensina-me o que é bom; ensina-me Tu Mesmo!
Salva-me da loucura, vaidade e vício,
De todas as atividades baixas; e enche minha alma
De conhecimento, paz consciente e virtude pura;
Bem-aventurança sagrada, substancial e eterna!"

Como o preceito de ordem exigia que cada parte de minha atividade tivesse seu tempo, uma página de meu livro continha o seguinte esquema do emprego das vinte e quatro horas de um dia natural.

Pergunta da Manhã: Que farei de bom neste dia?

Das 5 as 7 hs

Levantar-me, lavar-me e dizer: "Poderosa Bondade!" Organizar as atividades do dia e tomar a resolução do dia; realizar o presente estudo e tomar o desjejum.

Das 8 as 11 hs: Trabalhar

Da 12 a 1 h – Ler ou examinar minhas contas e almoçar

Das 2 as 6 hs – Trabalhar

Das 7 as 9 hs – Organização das coisas. Jantar, música ou conversação. Exame do dia.

Das 10 as 4 hs – Dormir

Pergunta da noite: Que fiz de bom hoje?

Iniciei a execução deste plano de autoexame e continuei-a com ocasionais interrupções durante algum tempo. Fiquei surpreendido ao ver-me com muitas mais faltas do que havia imaginado, mas tive a satisfação de vê-las diminuir. Para evitar a dificuldade de renovar de vez em quando meu pequeno livro, que, por serem apagadas as marcas das falhas antigas sobre o papel a fim de dar lugar a novas marcas em um novo curso, ficou cheio de buracos, transferi meus quadros e preceitos para as folhas de marfim de um livro de memorando, no qual as linhas foram traçadas com tinta vermelha, o que tornava os traços permanentes, e nessas linhas marcava minhas

faltas com lápis de chumbo preto, marcas que podiam ser facilmente apagadas com uma esponja úmida, Depois de algum tempo, fiz o curso apenas em um ano e, em seguida, apenas um em vários anos até que por fim os abandonei inteiramente, estando empenhado em viagens e negócios no estrangeiro, com uma multiplicidade de atividades que interferiam. Contudo, sempre levei meu pequeno livro comigo.

Meu esquema de Ordem foi o que me deu mais complicações e achei que, embora pudesse ser exequível quando a atividade da pessoa fosse de molde a permitir-lhe dispor de seu tempo, como a de um tipógrafo assalariado, por exemplo, não podia ser exatamente observado por um patrão, que precisava ter relações com o mundo e muitas vezes receber homens de negócio em suas próprias horas. Achei também extremamente difícil adquirir Ordem no que se referia ao lugar das coisas, papéis etc. Eu não me acostumara cedo com isso e, tendo memória extremamente boa, não era muito sensível aos inconvenientes que decorriam da falta de método. Este artigo, por isso, exigiu atenção muito penosa de minha parte, minhas faltas nele aborreceram-me tanto, e eu fiz tão pouco progresso em corrigir-me e tive recaídas tão frequentes, que me senti quase disposto a abandonar a tentativa e contentar-me com um caráter falho sob este aspecto, como o homem que, tendo comprado um machado do ferreiro, meu vizinho, desejava que toda sua superfície ficasse tão brilhante quanto o gume. O ferreiro concordou em poli-lo até ficar brilhante desde que ele girasse a roda; ele a girou, enquanto o ferreiro apertava forte e pesadamente a face larga do machado contra a pedra, o que tornava muito cansativo o esforço para girá-la. O homem deixava de vez em quando a roda para ir ver como andava o serviço e, finalmente, quis levar o machado como estava, sem mais polimento. "Não", disse o ferreiro, "continue girando, continue girando; nós o deixaremos brilhante pouco a pouco; ele ainda está apenas mosqueado". "Sim", respondeu o homem, "mas acho que prefiro um machado mosqueado". Acredito que isso talvez se aplique a muitos que, tendo, por falta de alguns meios como os empregados por mim, conhecido a dificuldade de adquirir hábitos bons e abandonar hábitos

maus em outros pontos de vício e virtude, desistiram da luta e concluíram que "um machado mosqueado era melhor". Isso porque algo que pretendia ser razão sugeria-me, de vez em quando, que tão extremado esmero quanto o que eu exigia de mim mesmo poderia ser uma espécie de afetação em moral, a qual, se fosse conhecida, me tornaria ridículo; que um caráter perfeito talvez fosse acompanhado pela inconveniência de ser invejado e odiado; e que um homem benevolente devia permitir-se algumas faltas, a fim de obter a aprovação de seus amigos.

Na verdade, achei-me incorrigível em relação à Ordem e agora, que estou velho e minha memória é má, sinto muito intensamente a necessidade dela. Contudo, de maneira geral, embora nunca tenha chegado à perfeição que eu tinha tanta ambição de alcançar, mas tenha ficado muito longe dela, me tornei, pelo esforço, um homem melhor e mais feliz do que seria se não o tivesse tentado, como Aqueles que procuram melhorar a caligrafia imitando matérias impressas, e que, embora nunca atinjam a desejada excelência dessas matérias, melhoram sua caligrafia pelo esforço, tornando-a tolerável, ao mesmo tempo que continua clara e legível.

Talvez convenha à minha posteridade saber que a este pequeno artifício, com a bênção de Deus, seu antepassado deveu a constante felicidade de sua vida, até a idade de 79 anos, na qual isto está sendo escrito. Os reveses que possam acompanhar os anos restantes estão nas mãos da providência; mas, se chegarem, o reflexo da felicidade gozada no passado deverá ajudá-lo a suportá-lo com maior resignação. À Temperança atribui ele sua prolongada saúde e o que ainda lhe resta de boa constituição física; à Diligência e Frugalidade, a situação fácil que cedo conquistou e a aquisição de sua fortuna, assim como todo o conhecimento que lhe permitiu ser um cidadão útil e obter certo grau de reputação entre os homens cultos; à Sinceridade e Justiça, a confiança de sua terra e os honrosos empregos que ela lhe conferiu; e à influência conjunta de toda aquela massa de virtudes, mesmo no estado imperfeito em que conseguiu adquiri-las, o temperamento uniforme e a jovialidade na conversação,

que tornam sua companhia ainda procurada e agradável até mesmo a seus conhecidos mais jovens. Espero, portanto, que alguns de meus descendentes sigam o exemplo e colham o benefício.

Observar-se-á que, embora meu esquema não fosse completamente sem religião, não havia nele marca de conceitos característicos de qualquer seita determinada. Evitei-os propositadamente, pois, estando plenamente convencido da utilidade e excelência de meu método, e da possibilidade de ser ele vantajoso para pessoas de todas as religiões, e pretendendo mais cedo ou mais tarde publicá-lo, não quis incluir coisa alguma que criasse contra ele prevenções de qualquer pessoa, de qualquer seita. Eu pretendia escrever um pequeno comentário sobre cada virtude, no qual mostraria as vantagens de possuí-la e os males correspondentes ao vício oposto. Desejava dar a meu livro o título de "A Arte da Virtude" porque mostraria os meios e a maneira de obter virtude, o que o distinguiria da mera exortação à bondade, que não instrui nem indica os meios, mas é como o homem de caridade verbal a que se refere o apóstolo, o qual, sem mostrar aos nus e famintos como e onde poderão obter roupas ou alimentos, os exorta a alimentarem-se e vestirem-se. (Epístola de São Tiago, 2, 15-16).

Aconteceu, porém, que minha intenção de escrever e publicar esse comentário nunca se concretizou. Na verdade, de tempos a tempos, anotei breves sugestões de sentimentos, raciocínios etc., a serem nele utilizadas, das quais algumas ainda tenho comigo. Contudo, a constante atenção exigida pelos negócios privados no começo de minha vida e pelos negócios públicos posteriormente levou-me a adiá-lo, pois estando ligado em meu espírito a um grande e amplo projeto, cuja execução exigia o homem todo e ao qual não pude dedicar-me devido a uma sucessão imprevista de empregos, ele permaneceu até agora inacabado.

Nesse trabalho era minha intenção explicar e demonstrar a doutrina de que as ações más não são perniciosas porque são proibidas, mas proibidas porque são perniciosas, considerando-se apenas a natureza do homem; que, portanto, ser virtuoso é do

interesse de todos quantos desejam ser felizes mesmo neste mundo; e, baseado nessas circunstâncias (uma vez que sempre existem no mundo numerosos comerciantes ricos, nobreza, Estados e príncipes, que precisam de elementos honestos para a administração de seus negócios, e esses elementos são tão raros), eu me esforçaria por convencer os moços de que nenhuma qualidade tem tanta probabilidade de fazer a fortuna de um pobre quanto a probidade e a integridade.

Minha lista de virtudes continha inicialmente apenas doze. Todavia, tendo um amigo quaker bondosamente me informado que eu era em geral considerado orgulhoso; que meu orgulho com frequência se mostrava na conversação; que eu não me contentava em ter razão quando discutia qualquer questão, mas era arrogante e mesmo insolente, do que me convenceu mencionando vários exemplos, decidi fazer esforço para, se possível curar-me desse vício ou insensatez ao mesmo tempo que dos outros e acrescentei Humildade à minha lista, dando à palavra um sentido amplo.

Não posso vangloriar-me de ter tido muito êxito na aquisição da realidade dessa virtude, mas consegui muita coisa no que se refere à aparência dela. Adotei a norma de abster-me de toda contradição direta dos sentimentos alheios e toda afirmação impositiva dos meus. Proibi-me mesmo, de acordo com as velhas leis de nosso Junto, o emprego de toda palavra ou expressão de linguagem que implicasse em opinião firmada, como certamente, indubitavelmente etc. e adotei, em lugar delas, creio, penso ou imagino que isto seja assim; ou pelo menos assim me parece no momento. Quando alguém afirmava algo que eu considerava errado, negava a mim mesmo o prazer de contradizê-lo abruptamente e mostrar de imediato algum absurdo em sua proposição. Ao responder, começava observando que, em certos casos ou circunstâncias, sua opinião estaria certa, mas no caso presente parecia-me haver alguma diferença etc. Constatei logo as vantagens dessa mudança em minhas maneiras. As conversações em que me empenhava corriam mais agradavelmente. A maneira modesta com que eu propunha minhas opiniões fazia com que

tivesse recepção mais pronta e 'menos contradição. Sofria menos humilhação quando era surpreendido em erro e induzia mais facilmente os outros a abandonarem seus erros e juntarem-se a mim quando acontecia de estar com a razão.

Este modo, que a princípio impus com certa violência sobre a inclinação natural, tornou-se finalmente tão fácil e tão habitual para mim que talvez nestes últimos cinquenta anos ninguém tenha ouvido escapar-me uma expressão dogmática. A este hábito (depois de meu caráter de integridade) penso dever principalmente o fato de cedo ter tido tanta ascendência sobre meus concidadãos quando propunha novas instituições ou alterações nas antigas, e tanta influência nos conselhos públicos quando deles me tornei membro. Isso porque eu era mau orador, nunca eloquente, sujeito a muita hesitação na escolha das palavras, pouco correto na linguagem e, apesar disso, geralmente impunha meus pontos de vista.

Na realidade, talvez nenhuma de nossas paixões naturais seja tão difícil de subjugar quanto o orgulho. Podemos disfarçá-lo, combatê-lo, abatê-lo, abafá-lo, reprimi-lo o quanto quisermos, mas ele ainda continua vivo e, de vez em quando, põe a cabeça para fora e se mostra. Poderá talvez ser visto com frequência nesta história, pois, ainda que eu imaginasse tê-lo vencido completamente provavelmente teria orgulho de minha humildade.

(Até aqui escrito em Passy, 1784)

"Vou agora escrever em casa, em agosto de 1788, mas não posso dispor do auxílio que esperava de meus papéis, pois muitos deles se perderam durante a guerra. Encontrei, porém, os seguintes,"

Tendo mencionado um grande e amplo projeto que concebi, parece-me apropriado fazer aqui um relato sobre esse projeto e seu objetivo. Sua primeira manifestação em meu espírito aparece nas seguintes anotações, acidentalmente preservadas:

Observações sobre minhas leituras de história, na Biblioteca, em 19 de maio de 1731,

"Que os grandes acontecimentos do mundo, as guerras, revoluções etc., são realizados e afetados por partidos.

"Que a opinião desses partidos é ditada por seu interesse geral imediato ou o que pensam ser tal interesse.

"Que as diferentes opiniões desses diferentes partidos ocasionam toda a confusão.

"Que enquanto um partido está executando um desígnio geral, cada homem tem, especialmente, em vista seu interesse privado.

"Que, tão logo um partido impõe seu ponto de vista geral, cada um de seus membros passa a concentrar-se em seu interesse particular, que, contrariando os de outros, rompe aquele partido em divisões e ocasiona mais confusão.

“Que nos negócios públicos poucos agem meramente com vistas ao bem de sua terra, seja o que for que pretendam; e, embora sua atuação possa causar real benefício à sua terra, os homens consideram primordialmente que seu próprio interesse e o de sua terra estão unidos, e não agem por um princípio de benevolência,

“Que, nos negócios públicos, são ainda menos numerosos os que agem com vistas ao bem da humanidade.

"Que me parece haver no momento grande oportunidade para criar um Partido Unido da Virtude, reunindo os homens virtuosos e bons de todas as nações em um órgão regular, a ser governado por regras adequadas, boas e sábias, em cuja obediência homens bons e sábios provavelmente serão mais unânimes do que a gente comum em relação às leis comuns.

"Penso, no momento, que quem tentar isto corretamente e estiver bem qualificado não poderá deixar de agradar a Deus e de obter êxito.

B.F.”

Revolvendo esse projeto em meu espírito para ser executado

mais tarde, quando dispusesse do tempo necessário, anotei de tempos em tempos, em pedaços de papel, os pensamentos que me ocorriam com relação a ele. Em sua maioria foram perdidos, mas encontrei um deles referente à substância de um planejado credo, contendo, segundo eu pensava, as coisas essenciais de todas as religiões conhecidas e desprovido de tudo quanto pudesse escandalizar os adeptos de qualquer religião. Está expresso nestas palavras:

"Que existe um Deus, o qual fez todas as coisas.

"Que Ele governa o mundo por sua providência.

"Que Ele deve ser venerado por meio de adoração, oração e ação de graças.

"Mas que o serviço mais agradável a Deus é fazer bem ao próximo.

"Que a alma é imortal.

"E que Deus certamente recompensará a virtude e castigará o vício, aqui ou no mundo futuro."

Minha ideia naquela época era que a seita devia ser iniciada e propagada a princípio apenas entre homens jovens e solteiros; que toda pessoa a ser iniciada devia, não só declarar seu assentimento a tal credo, mas também exercitar-se com o exame de treze semanas e a prática das virtudes, de acordo com o modelo mencionado; que a existência de tal sociedade devia ser mantida em segredo, até que se tornasse considerável, a fim de evitar pedidos de admissão de pessoas inconvenientes, mas que cada um dos membros devia procurar, entre seus conhecidos, jovens talentosos e bem dispostos, aos quais, com prudente cautela, o plano seria gradualmente comunicado; que os membros se empenhariam em oferecer conselho, assistência e apoio uns aos outros na promoção dos recíprocos interesses, negócios e progresso na vida; que, para efeito de distinção, nos chamaríamos de "*The Society of the Free and Easy*";[7] livres por estarmos, pela prática geral e pelo hábito das

virtudes; livres do domínio do vício; e particularmente pela prática da diligência e frugalidade; livres de dívidas, que expõem o homem à prisão e a uma espécie de escravidão em relação a seus credores.

Isto é o máximo que consigo agora lembrar do projeto, exceto que o comuniquei em parte a dois jovens, os quais o adotaram com certo entusiasmo. Contudo, minha situação financeira, então apertada, e a necessidade que tinha de cuidar de perto de meus negócios fizeram com que adiasse sua execução naquela época; e minhas múltiplas ocupações, públicas e privadas, levaram-me a continuar adiando-o, de modo que foi omitido até quando não me restavam mais força ou atividade suficientes para tal empreendimento. Contudo, ainda sou de opinião que era um plano exequível e poderia ter sido muito útil, reunindo grande número de bons cidadãos. Não me sentia desencorajado pela aparente magnitude do empreendimento, pois sempre pensei que uma pessoa de relativa aptidão pode executar grandes mudanças e realizar grandes coisas entre os homens, se elaborar primeiro um bom plano e, suprimindo todos os divertimentos ou outras atividades que desviem sua atenção, fizer da execução daquele mesmo plano seu único objeto de estudo e trabalho.

Em 1732, publiquei pela primeira vez meu Almanaque, sob o nome de Richard Saunders. Continuei a publicá-lo durante cerca de vinte e cinco anos, sendo comumente chamado de "Poor Richard's Almanack". Esforcei-me por torná-lo ao mesmo tempo divertido e útil. Em consequência, chegou a ter tanta procura que obtive dele considerável lucro, vendendo anualmente quase dez mil exemplares. E observando que era geralmente lido, dificilmente havendo em minha província uma localidade onde não fosse encontrado, considerei-o veículo adequado para ministrar instrução à gente comum, que raramente comprava outros livros. Por isso, preenchia os pequenos espaços que ficavam entre as linhas notáveis do calendário com sentenças proverbiais, principalmente tendentes a inculcar diligência e frugalidade, como meios de obtenção de riqueza e, assim,

de promoção da virtude, pois é mais difícil para um homem necessitado agir sempre honestamente, como, usando um daqueles provérbios, é difícil para um saco vazio permanecer em pé.

Reuni esses provérbios, que continham a sabedoria de muitas épocas e nações, e formei com eles um discurso coerente que serviu de prefácio ao Almanaque de 1757, como a arenga de um velho sábio à gente que assistia a um leilão, Colocando assim em foco todos esses conselhos dispersos foi possível fazer com que causassem maior impressão. O trabalho, que recebeu aprovação universal, foi copiado em todos os jornais do Continente, reimpresso na Inglaterra em folhas largas, para ser afixado nas paredes das casas. Duas traduções dele foram feitas na França e numerosos exemplares foram adquiridos pelo clero e nobreza para distribuição gratuita entre seus paroquianos e arrendatários pobres. Na Pensilvânia, por haver desencorajado despesa excessiva com artigos estrangeiros supérfluos, alguns acharam que teve sua parte de influência na produção da crescente abundância de dinheiro que pôde ser observada durante vários anos após sua publicação.

Considerei meu jornal também como outro meio de ministrar instrução e nesse sentido frequentemente republicava nele extratos do 'Spectator" e outros escritores morais. Às vezes publicava pequenos artigos de minha autoria, que haviam sido compostos originariamente para leitura em nosso Junto. Entre esses há um diálogo socrático, tendente a provar que, sejam quais forem seus talentos e aptidões, o homem mau não pode se acertadamente chamado de homem de juízo; e um discurso sobre abnegação, mostrando que a virtude não está garantida enquanto sua prática não se tornar um hábito e enquanto não estiver livre da oposição de inclinações contrárias. Esses artigos podem ser encontrados nos jornais do começo de 1735.

Na direção de meu jornal, excluí cuidadosamente todo libelo e injuúria pessoal, que em anos posteriores se tornaram tão desabonadores para nossa terra. Sempre que era solicitado a inserir alguma coisa dessa espécie e que os escritores invocavam, como

geralmente o faziam, a liberdade de imprensa e diziam que o jornal era como uma diligência, na qual quem pagava tinha direito a um lugar, minha resposta era que eu imprimiria a matéria separadamente, se desejassem, e o autor poderia receber quantas cópias quisesse para ele próprio distribuir, mas eu não assumiria o encargo de difundir sua detração, pois, tendo-me comprometido com meus assinantes a fornecer-lhes o que pudesse ser útil ou divertido, não poderia, sem lhes fazer manifesta injustiça, encher seus jornais com altercação privada, pela qual não tinham o menor interesse, Muitos de nossos tipógrafos não têm escrúpulo em satisfazer a maldade de indivíduos por meios de falsas acusações contra as mais decentes personalidades existentes entre nós, intensificando a animosidade a ponto mesmo de causar duelos. São, além disso, tão indiscretos a ponto de publicar reflexões insultuosas sobre o governo de Estados vizinhos e mesmo sobre o comportamento de nossos melhores aliados nacionais, do que podem decorrer as mais perniciosas consequências. Menciono essas coisas como uma advertência aos jovens tipógrafos e para que possam ser encorajados a não poluir suas imprensas e não desgraçar sua profissão com práticas tão infames, mas a recusar firmemente, pois como podem ver por meu exemplo, tal norma de conduta, no geral, não será prejudicial a seus interesses.

Em 1733, mandei um de meus empregados a Charleston, na Carolina do Sul, onde estavam precisando de um tipógrafo. Forneci-lhe uma imprensa e tipos, em um acordo de sociedade, pelo qual eu receberia um terço dos lucros do negócio, pagando um terço das despesas. Era um homem culto e honesto, mas ignorante em questões de contabilidade. Embora, às vezes, me remetesse algum dinheiro, não consegui obter dele enquanto viveu um único acerto de contas, nem informação satisfatória sobre a situação de nossa sociedade. Após seu falecimento, o negócio foi continuado por sua viúva. Nascida e criada na Holanda, onde, segundo me informaram o conhecimento de contabilidade faz parte da educação feminina, ela não apenas me mandou um relato tão claro quanto pôde obter das transações anteriores, como também continuou daí por diante a

prestar contas todo trimestre com a maior regularidade e exatidão. Dirigiu o negócio com tanto êxito que, não só criou decentemente seus filhos, como, ao expirar-se o prazo do contrato, pôde comprar de mim a tipografia para que seu filho com ela se estabelecesse.

Menciono este caso principalmente com o propósito de recomendar a nossas moças aquele ramo de educação, a que será provavelmente de maior utilidade para elas e seus filhos, no caso de viuvez, do que música ou dança, preservando-as de prejuízos por imposturas de homens astuciosos e permitindo-lhes, talvez, continuar um lucrativo estabelecimento comercial, com freguesia já feita, até que um filho esteja crescido é apto a assumir sua direção com permanente vantagem e enriquecimento da família,

Mais ou menos no ano de 1734, chegou da Irlanda um jovem pregador presbiteriano, chamado Hemphill, que fazia, com voz boa e aparentemente de improviso, excelentes discursos, os quais atraíam considerável número de pessoas de crenças diferentes, que se reuniam para admirá-lo. Como os demais, tornei-me um de seus constantes ouvintes, agradando-me seus sermões, pois tinham pouca coisa dogmática e incutiam fortemente a prática da virtude ou o que no estilo religioso é chamado de boas obras. Todavia, os membros de nossa congregação que se consideravam presbiterianos ortodoxos desaprovaram sua doutrina e obtiveram o apoio da maioria do clero antigo, que o acusou de heterodoxia perante o sínodo, a fim de silenciá-lo. Tornei-me seu zeloso partidário e contribuí com tudo quanto pude para formar um partido em seu favor, Lutamos por ele durante certo tempo com algumas esperanças de sucesso. Escreveu-se muito pró e contra na ocasião. Descobrindo que, embora fosse pregador elegante, não era senão mau escritor, emprestei-lhe minha pena e escrevi para ele dois ou três folhetos e um artigo na "Gazette" de abril de 1735, Esses folhetos, como geralmente acontece com escritos controvertidos, embora tenham sido avidamente lidos na época, logo caíram da moda e duvido que ainda exista um único exemplar deles.

Durante a disputa uma infeliz ocorrência prejudicou

extraordinariamente sua causa. Um de nossos adversários, tendo-o ouvido pregar um sermão que foi muito admirado, achou que já o lera, ou pelo menos parte dele, em algum outro lugar. Procurando, descobriu essa parte reproduzida por extenso, em uma das "British Reviews", como trecho de um discurso do Dr. Foster. A descoberta causou desgosto a muitos de nosso partido, que consequentemente abandonaram sua causa e ocasionaram nossa mais rápida derrota no sínodo. Fiquei ao seu lado, porém, pois aprovava mais que nos desse bons sermões produzidos por outros do que maus sermões de sua própria autoria, embora esta última fosse a prática de nossos professores comuns. Posteriormente, ele admitiu na minha frente que nenhum dos sermões que pregara era de sua autoria, acrescentando ter memória tão boa que lhe permitia guardar e repetir qualquer sermão depois de uma única leitura. Após nossa derrota, deixou-nos para procurar melhor sorte em outro lugar, e eu saí da congregação, nunca mais voltando a ela, embora continuasse durante muitos anos a contribuir para o sustento de seus ministros.

Eu começara, em 1733, a estudar línguas. Logo dominei de tal modo o francês que consegui ler livros com facilidade. Dediquei-me então ao italiano. Um amigo, que também estava aprendendo essa língua, costumava com frequência tentar-me a jogar xadrez com ele. Achando que isso tomava muito do tempo que eu tinha para estudar, recusei finalmente continuar jogando, a não ser com esta condição: que o vencedor de cada partida teria o direito de impor uma tarefa, fossem partes da gramática para decorar, fossem traduções etc., tarefa que o vencido teria de executar sob palavra de honra, antes de nosso encontro seguinte. Como jogávamos igualmente bem, obrigamos um ao outro a aprender aquela língua à custa de derrotas. Posteriormente, com um pouco de esforço aprendi do espanhol o suficiente para ler também livros escritos

Já mencionei que tive apenas um ano de instrução em uma escola de latim e isso quando era muito moço, depois do que me esqueci completamente daquele idioma. Todavia, quando consegui

familiarizar-me com o francês, o italiano e o espanhol, fiquei surpreendido ao descobrir, olhando um Testamento em latim, que compreendia daquela língua muito mais do que imaginava, o que me encorajou a dedicar-me novamente ao seu estudo. Obtive então maior êxito, pois as línguas anteriores haviam aplainado grandemente meu caminho.

Em vista dessas circunstâncias, pensei que havia certa incoerência em nosso modo comum de ensinar línguas. Dizem-nos que é conveniente começar primeiro com o latim e que, tendo aprendido isso, será mais fácil aprender as línguas modernas que dele se derivam. Todavia, não começamos com o grego para aprender mais facilmente o latim. É verdade que, se alguém agarrar-se ao corrimão e subir até o topo de uma escada sem usar os degraus, poderá mais facilmente alcançá-los ao descer; mas, sem dúvida, se começar pelos de baixo subirá com maior facilidade até o topo. Por isso, eu gostaria de submeter à consideração dos que superintendem a educação da mocidade se — como a maioria daqueles que começam com o latim o abandonam depois de gastar alguns anos sem ter adquirido grande proficiência e o que aprenderam se torna quase inútil, de modo que seu tempo foi perdido não seria melhor fazê-los começar com o francês, passando para o italiano etc. Isso porque, embora, depois de gastar algum tempo, talvez abandonassem o estudo de línguas e nunca chegassem ao latim, teriam, porém, aprendido um ou dois outros idiomas que, sendo de uso moderno, poderiam ser-lhes valiosos na vida comum.

Depois de ficar dez anos ausente de Boston e tendo-se tornado folgada minha situação financeira, fiz uma viagem até lá para visitar meus parentes, o que antes não me Fora possível por falta de recursos. Na volta, parei em Newport para ver meu irmão, então lá estabelecido com sua tipografia. Nossas antigas divergências estavam esquecidas, e nosso encontro foi muito cordial e afetuoso. Sua saúde declinava rapidamente, e ele me pediu que, no caso de sua morte, a qual temia não estar muito distante, eu levasse para minha casa seu filho, então apenas com dez anos de idade, e o

preparasse para o ofício de tipógrafo. Fiz como me pediu, mandando-o à escola durante alguns anos antes de colocá-lo no ofício. Sua mãe continuou com o negócio até o filho crescer, quando o ajudei com um estoque de novos tipos, pois os de seu pai estavam bastante gastos. Assim é que fiz a meu irmão amplas reparações pelo serviço de que o privara, deixando-o tão cedo.

Em 1736, perdi um de meus filhos, um belo menino de quatro anos, devido à varíola, contraída da maneira comum. Durante muito tempo lamentei amargamente e ainda lamento não o ter vacinado. Menciono isto para benefício dos pais que omitem essa operação, na suposição de que jamais perdoariam a si próprios se um filho morresse por causa dela. Meu exemplo mostra que o arrependimento pode ser igual de qualquer maneira e que, portanto, deve ser escolhido o meio mais seguro.

Nosso clube, o Junto, foi considerado tão útil e proporcionou tanta satisfação a seus membros, que vários deles se mostraram desejosos de introduzir seus amigos, o que não poderia ser feito sem ultrapassar o número que havíamos fixado como conveniente, isto é, doze. Desde o início estabelecêramos a norma de manter em segredo nossa instituição, o que era bem observado. A intenção era evitar pedidos de admissão de pessoas inconvenientes, algumas das quais, talvez, tivéssemos dificuldades em recusar. Eu fui um dos que se opuseram ao aumento de nosso número. Em lugar disso, fiz por escrito uma proposta para que cada membro separadamente se esforçasse por formar um clube subordinado, com as mesmas regras a respeito de indagações etc. e sem informar seus membros da ligação com o Junto. As vantagens propostas eram o aperfeiçoamento de muitos outros jovens cidadãos pelo uso de nossas instituições; nosso melhor conhecimento dos sentimentos gerais dos habitantes em qualquer ocasião, pois o membro do Junto poderia propor em seu clube separado as indagações que desejássemos e deveria comunicar ao Junto o que nele se passasse; a promoção de nossos interesses particulares nos negócios pela mais ampla recomendação; e o aumento de nossa influência nos negócios

públicos e nossa capacidade de fazer o bem pela propagação dos sentimentos do Junto através dos vários clubes.

O projeto foi aprovado e cada membro se empenhou em formar seu clube, mas nem todos obtiveram êxito. Só se completaram cinco ou seis, aos quais foram dados nomes diferentes, como Vine, Union Band etc. Foram úteis a si próprios e proporcionaram-nos muito divertimento, informação e instrução, além de corresponder, em considerável escala, ao nosso propósito de influenciar a opinião pública em determinadas ocasiões, do que darei alguns exemplos quando chegar à época em que aconteceram.

Minha primeira promoção foi ser escolhido, em 1736, para funcionário da Assembléia-Geral. A escolha foi feita naquele ano sem oposição. No ano seguinte, porém, quando fui novamente proposto (a escolha era anual, como a dos membros da Assembleia), um membro novo fez um longo discurso contra mim, a fim de favorecer outro candidato. Escolheram-me, porém, o que me agradou muito, pois, além do pagamento pelo serviço direto como funcionário, o lugar dava-me melhor oportunidade de manter relações com os membros da Assembleia, o que me assegurava o serviço de impressão dos votos, leis, papel-moeda e outros trabalhos ocasionais de interesse público, que, em geral, eram muito lucrativos.

Não apreciei, por isso, a oposição do novo membro, que era um cavalheiro de fortuna e educação, dotado de talentos que provavelmente lhe dariam, com o tempo, grande influência na Câmara, o que efetivamente aconteceu depois. Contudo, não procurei conquistar seus favores prestando-lhe respeito servil, mas, depois de algum tempo, adotei outro método. Tendo ouvido dizer que ele tinha em sua biblioteca certo livro muito raro e curioso, escrevi-lhe um bilhete, expressando meu desejo de correr os olhos naquele livro e pedindo que me fizesse o favor de emprestá-lo por alguns dias. Enviou-mo imediatamente e eu o devolvi mais ou menos uma semana depois, com outra nota expressando calorosamente meu reconhecimento pelo favor. Quando voltamos a encontrar-nos na Câmara, ele falou comigo (o que nunca fizera antes) com muita

delicadeza. Daí por diante, sempre manifestou disposição de servir-me em Todas as ocasiões, de modo que nos tornamos grandes amigos e nossa amizade perdurou até sua morte. Este é outro exemplo da verdade de uma velha máxima que aprendi, a qual diz: "Quem lhe fez um favor estará mais disposto a fazer outro do que quem você favoreceu". E mostra como é mais proveitoso eliminar processos inamistosos do que ressentir-se deles, revidá-los e prolongá-los.

Em 1737, o Coronel Spostswood, posteriormente governador de Virgínia e então diretor-geral dos Correios, estando descontente com a conduta de seu delegado em Filadélfia, devido à negligência e inexatidão na prestação de contas, tomou-lhe o cargo e ofereceu-o a mim. Aceitei-o prontamente e achei-o muito vantajoso, pois, embora o salário fosse pequeno, facilitava-me a correspondência, o que melhorou meu jornal, aumentou o número de exemplares pedidos e de anúncios a serem publicados, de modo que me proporcionou renda considerável. O jornal de meu antigo concorrente declinou proporcionalmente, e eu me satisfiz sem revidar à sua recusa, quando agente postal, em permitir que meus jornais fossem transportados por seus mensageiros. Assim, ele sofreu muito por seu descuido em prestar contas devidamente. Menciono isso como uma lição a outros jovens que possam ser empregados na administração de negócios alheios, para que sempre prestem contas e façam remessas de dinheiro, com a maior clareza e pontualidade. Manter tal conduta é a maior recomendação para novos empregos e aumento de negócios.

Comecei então a voltar um pouco meus pensamentos para os negócios públicos, começando, porém, com questões pequenas. A vigilância da cidade foi uma das primeiras coisas que considerei necessitadas de regulamentação. Era mantida, em turnos, pelos guardas dos respectivos bairros. O guarda convocava diversos donos de casa para ajudá-lo durante a noite. Aqueles que preferiam não comparecer lhe pagavam seis xelins por ano para serem dispensados. Esse dinheiro devia ser destinado à contratação de substitutos, mas na realidade era muito mais que o necessário para

esse propósito e tornava o lugar de guarda lucrativo. O guarda, em troca de um pouco de bebida, frequentemente arranjava para ajudá-lo, como vigilantes, vagabundos com os quais donos de casa respeitáveis preferiam não misturar-se. Muitas vezes eles se descuidavam também de fazer as rondas e passavam a maior parte da noite bebericando. Por isso, escrevi um artigo para ser lido no Junto, expondo essas irregularidades, mas insistindo mais particularmente na desigualdade da taxa de seis xelins paga aos guardas, em vista da situação daqueles que contribuíam, pois uma pobre dona de casa, viúva, cuja propriedade inteira a ser guardada pelo guarda talvez não ultrapassasse o valor de cinquenta libras, pagava tanto quanto o mais rico comerciante que tinha milhares de libras de mercadorias em seus armazéns.

De maneira geral, propus uma vigilância mais eficiente, com a contratação de homens adequados para servir constantemente naquela atividade. Como meio mais equitativo de custear a despesa, propus a arrecadação de uma taxa que deveria ser proporcional ao valor da propriedade. A ideia, tendo sido aprovada pelo Junto, foi comunicada aos outros clubes, mas como se tivesse surgido em cada um deles. Embora o plano não tenha sido posto imediatamente em execução, preparou o espírito do povo para a mudança e abriu caminho para a lei aprovada alguns anos depois, quando os membros de nossos clubes haviam adquirido maior influência.

Mais ou menos nessa época, escrevi um artigo (inicialmente para ser lido no Junto, mas que foi depois publicado) sobre os diversos acidentes e descuidos de que resultavam incêndios em casas, com advertências contra eles e meios propostos para evitá-los. Esse foi muito comentado como um artigo útil e deu causa a um projeto, que logo se seguiu, de organização de uma companhia para extinguir mais prontamente incêndios e promover assistência mútua na remoção e proteção de bens ameaçados. Encontraram-se logo pessoas dispostas a participar desse plano, em número de trinta. Nossos artigos de contrato obrigavam cada membro a manter sempre em boa ordem e pronto para uso certo número de baldes de couro,

além de fortes bolsas e cestas (para carregar e transportar mercadorias), que deviam ser levados a todo local de incêndio. Concordamos também em reunir-nos uma vez por mês para um serão social, no qual apresentaríamos e discutiríamos as ideias que nos ocorressem sobre a questão de incêndios e que pudessem ser úteis à nossa conduta em tais ocasiões.

Logo se comprovou a utilidade dessa instituição e, como desejassem ser admitidas muito mais pessoas do que julgávamos conveniente para uma única companhia, foram elas aconselhadas a formar outra, o que fizeram. Assim se formou uma companhia após outra, até que se tornaram tão numerosas a ponto de incluir a maioria dos habitantes que tinham propriedades. Agora, na época em que escrevo isto, embora tenham transcorrido mais de cinquenta anos desde sua criação, aquela que eu formei primeiro, chamada Union Fire Company, ainda sobrevive e floresce, embora os primeiros membros estejam todos mortos, com exceção de mim e de outro, um ano mais velho que eu. As pequenas multas que os membros tinham de pagar por ausência às reuniões mensais foram aplicadas na aquisição de máquinas contra incêndio, escadas, ganchos e outros instrumentos úteis para cada companhia, de modo que duvido exista hoje no mundo cidade melhor provida de meios para abafar conflagrações em início. De fato, desde que foram formadas essas instituições, a cidade nunca perdeu devido a incêndio mais de uma ou duas casas de cada vez, e as chamas com frequência foram extintas antes que tivesse sido consumida metade da casa em que começaram.

Em 1739, chegou da Irlanda o Reverendo Whitefield, que lá se tornara notável como pregador itinerante. A princípio teve permissão para pregar em algumas de nossas igrejas, mas o clero, tomando aversão por ele, logo lhe recusou seus púlpitos, obrigando-o a pregar nos campos, As multidões de adeptos de todas as seitas e denominações que ouviam seus sermões eram enormes. Para mim, que delas fazia parte, era motivo de especulação observar a extraordinária influência de sua oratória sobre os ouvintes e como

estes o admiravam e respeitavam, apesar das injúrias que habitualmente lhes dirigia, afirmando-lhes que eram naturalmente metade feras e metade demônios. Foi maravilhoso ver a mudança que logo ocorreu nas maneiras de nossos habitantes. De descuidados e indiferentes quanto à religião, parece que todos se tornaram religiosos, de modo que não se podia andar pela cidade à noite sem ouvir salmos cantados em diferentes casas de todas as ruas.

Como se considerassem inconvenientes as reuniões a céu aberto, sujeitas às inclemências do tempo, logo se propôs a construção de uma casa de reunião e a nomeação de pessoas para receber contribuições. Em pouco tempo, foram arrecadadas importâncias suficientes para adquirir o terreno e construir o prédio, que tinha cem pés de comprimento por setenta de largura, mais ou menos do tamanho de Westminster Hall. O trabalho foi executado com tal espírito que terminou em muito menos tempo do que se poderia esperar. Tanto a casa como o terreno foram confiados à guarda de curadores, destinando-se expressamente ao uso de qualquer pregador de qualquer crença religiosa que porventura desejasse dizer alguma coisa ao povo de Filadélfia. O plano do edifício não se destinava a acomodar determinada seita, mas os habitantes em geral, de modo que, se o próprio mufti[8] de Constantinopla mandasse um missionário para nos pregar maometismo, ele encontraria um púlpito à sua disposição.

O Sr. Whitefield, ao deixar-nos, foi pregando ao longo de Todas as colônias até a Geórgia. A colonização daquela província havia sido iniciada pouco tempo antes, mas, ao invés de ser feita por lavradores vigorosos e diligentes, acostumados ao trabalho, única gente adequada a tal empreendimento, foi feita por famílias de lojistas falidos e outros devedores insolventes, muitos deles de hábitos indolentes e ociosos, tirados das cadeias, os quais, sendo levados às matas, inaptos para limpar o terreno e incapazes de suportar os sacrifícios de uma nova colonização, pereceram em grande número, deixando abandonadas muitas crianças indefesas. O espetáculo

dessa miserável situação inspirou no bondoso coração do Sr. Whitefield a ideia de construir lá um orfanato, no qual as crianças pudessem ser sustentadas e educadas. Voltando ao norte, pregou esta caridade e fez grandes coletas, pois sua eloquência tinha Uma força poderosa sobre o coração e a bolsa dos ouvintes, dos quais eu próprio era um exemplo.

Não desaprovei o plano, mas, como a Geórgia era então desprovida de materiais e trabalhadores e tendo sido proposto mandá-los de Filadélfia com grandes despesas, achei que seria melhor construir a casa aqui e trazer as crianças para ela. Foi o que aconselhei, mas ele se manteve firme em seu primeiro projeto, rejeitou meu conselho e em consequência eu recusei contribuir. Aconteceu que logo depois assisti a um de seus sermões, no decorrer do qual percebi que ele pretendia terminar com uma coleta e silenciosamente decidi que de mim nada obteria. Eu tinha no bolso um punhado de moedas de cobre, três ou quatro dólares de prata e cinco pistolas de ouro.

A medida que ele prosseguia, comecei a amolecer e resolvi dar-lhe as moedas de cobre. Outro rasgo de sua oratória fez-me sentir vergonha disso e resolvi dar-lhe a prata. Terminou tão admiravelmente que esvaziei meu bolso na bandeja do coletor, com ouro e tudo, A esse sermão assistia também um membro do nosso clube que, tendo sentimentos iguais aos meus com relação à construção na Geórgia e suspeitando que houvesse intenção de fazer coleta, esvaziara seus bolsos, por precaução, antes de sair de casa. Todavia, quando o sermão estava chegando quase ao final, sentiu forte desejo de dar alguma coisa e pediu a um vizinho, sentado a seu lado, que lhe emprestasse algum dinheiro para esse fim. Infelizmente, o pedido foi feito talvez no único homem do grupo cuja firmeza o pregador não abalara, Sua reposta foi esta*: "Em qualquer outra ocasião, amigo Hopkinsonl, eu lhe emprestaria gostosamente; mas não agora, pois você parece estar fora do seu juízo,*"

Alguns dos inimigos do Sr. Whitefield davam a impressão de supor que ele aplicava o produto dessas coletas em seu próprio

benefício particular. Eu, porém, que estava intimamente ligado a ele (sendo incumbido de imprimir seus Sermões, Diários etc.), nunca tive a menor dúvida de sua integridade, mas até hoje sou decididamente de opinião que em toda sua conduta ele era um homem perfeitamente honesto, Parece-me que meu testemunho em seu favor devia ter ainda mais pois não mantínhamos ligação religiosa. Com efeito, ele costumava, vezes, rezar pela minha conversão, mas nunca teve a satisfação de acreditar que suas preces fossem ouvidas, Nossa amizade era puramente civil, sincera de ambas as portes, e perdurou até sua morte,

O seguinte exemplo mostra algo dos termos em que nos entendíamos, numa das ocasiões em que chegou a Boston, procedente da Inglaterra, escreveu-me que viria logo a Filadélfia, mas não sabia onde hospedar-se, pois fora informado que seu velho amigo e anfitrião, Sr. Benezeti havia sido removido para Germantown. Minha resposta foi: "Você conhece minha casa; se puder ajeitar-se em suas modestas acomodações, será muito cordialmente recebido." Respondeu-me que, se eu fizera esse oferecimento em consideração a Cristo, não deixaria de receber recompensa. Repliquei: "Não se iluda; não foi em consideração a Cristo, mas em consideração a você." Um de nossos amigos comuns observou que, sabendo ser costume dos santos, quando recebiam um favor, transferir o peso da obrigação de seus próprios ombros e colocá-lo no céu, eu havia conseguido fixá-lo na terra,

A última vez que vi o Sr. Whitefield foi em Londres, quando me consultou sobre seu orfanato e sua intenção de destiná-lo ao estabelecimento de um colégio.

Tinha voz alta e clara, articulava as palavras e sentenças tão perfeitamente que podia ser ouvido e entendido a grande distância, especialmente porque seus auditórios, por mais numerosos que fossem, se mantinham no mais absoluto silêncio. Pregou uma noite do alto da escadaria do Tribunal de Justiça, que ficava no meio da Market-street e no lado oeste da Second-street, que a cruza em ângulos retos. Ambas as ruas estavam ocupadas por seus ouvintes

até considerável distância. Estando entre os últimos, na Market-street tive a curiosidade de saber até onde ele podia ser ouvido e recuei pela rua em direção ao rio. Ouvi distintamente sua voz até chegar perto de Front-street, quando algum barulho naquela rua a abafou. Imaginando então um semicírculo, do qual minha distância seria o raio, e supondo que estivesse cheio de ouvintes, a cada um dos quais destinei dois pés quadrados, calculei que ele poderia muito bem ser ouvido por mais de trinta mil pessoas. Isso me reconciliou com as notícias de jornais segundo as quais ele havia pregado a vinte e cinco mil pessoas nos campos e com as histórias antigas de generais que falavam a exércitos inteiros, das quais eu, às vezes, duvidava.

Ouvindo-o com frequência, cheguei a distinguir facilmente entre os sermões recém escritos e aqueles que ele já havia pregado com frequência no curso de suas viagens. A maneira como proferia estes últimos Fora tão aperfeiçoada por frequentes repetições que todo acento, toda ênfase, toda modulação de voz eram perfeitamente torneados e colocados de modo que, mesmo sem estar interessada no assunto, uma pessoa não podia deixar de gostar do discurso. Era um prazer muito semelhante ao que se obtém ouvindo uma excelente peça de música. Esta é uma vantagem que os pregadores itinerantes levam sobre aqueles que são fixos, pois os últimos não podem melhorar a maneira de proferir um sermão por meio de tão numerosos ensaios.

O que ele escrevia e publicava de tempos a tempos proporcionava grande vantagem a seus inimigos. Expressões irrefletidas e mesmo opiniões errôneas, feitas na pregação, podiam ser posteriormente explicadas ou qualificadas, por suposta relação com outras que as teriam acompanhado, ou podiam ser negadas. Todavia, *Verba volant, (littera) scripta manet*.[9] Críticos atacavam seus escritos violentamente e com tanta aparência de razão que conseguiam diminuir o número de seus ouvintes e impedir que aumentasse. Assim, sou de opinião que, se jamais tivesse escrito alguma coisa, ele teria deixado uma seita muito mais importante e numerosa, e nesse caso sua reputação poderia estar ainda

crescendo, mesmo depois de sua morte, pois não havendo escritos de sua autoria que servissem de base para uma censura ou diminuíssem sua personalidade, seus prosélitos teriam a liberdade de imaginar para ele uma variedade de excelências tão grande quanto sua entusiástica admiração desejasse atribuir-lhe.

Meu negócio estava então crescendo continuamente e minha situação financeira ficando cada dia mais fácil, tendo meu jornal se tornado muito lucrativo, pois durante algum tempo foi quase o único nesta e nas províncias vizinhas. Constatei também a verdade da observação de "que, após ganhar as primeiras cem libras, é mais fácil ganhar as segundas", por ser o próprio dinheiro de natureza prolífica.

Tendo dado bons resultados a sociedade na Carolina, senti-me encorajado a fazer outras e a promover vários de meus trabalhadores, que houvessem procedido bem, estabelecendo-os com tipografias em diferentes colônias, nos mesmos termos aplicados na Carolina. A maioria deles saiu-se bem, conseguindo ao fim do prazo de nosso contrato, seis anos, adquirir de mim os tipos e continuar trabalhando por conta própria, meio pelo qual foram criadas várias famílias. Sociedades com frequência terminam em brigas. Eu tive sorte, porém, pois todas as minhas foram realizadas e encerradas amigavelmente, em grande parte devido, segundo penso, à precaução de ter sido muito explicitamente estabelecido em nossos contratos tudo quanto seria feito por cada sócio ou dele seria esperado, de modo que nada havia a discutir. Recomendo essa precaução a todos quantos entrem em sociedade. Por maior que seja a estima e confiança entre os sócios, na época do contrato, podem surgir pequenas invejas e desgostos, com ideias de desigualdade na responsabilidade e trabalho do negócio etc., que resultam com frequência no rompimento da amizade e das relações, talvez com ações judiciais e outras consequências desagradáveis.

Eu tive, de maneira geral, abundante razão para ficar satisfeito em estabelecer-me na Pensilvânia. Havia, porém, duas coisas que eu lamentava: não haver facilidades para defesa, nem para educação completa da mocidade. Não havia milícia, nem colégio. Por isso, em 1743, redigi uma proposta para a criação de uma academia. Naquela ocasião, considerando o Reverendo Sr. Peters, que estava desempregado, como pessoa adequada para superintender tal instituição, comuniquei-lhe o projeto, Todavia, tendo intenções mais lucrativas no serviço dos proprietários, o que conseguiu, declinou da tarefa. Não conhecendo na época outra pessoa adequada para tal empreendimento, deixei o plano esquecido durante algum tempo. Obtive melhores resultados no ano seguinte, 1744, ao propor e fundar uma Sociedade Filosófica. O artigo que escrevi com esse objetivo será encontrado entre meus escritos, quando forem reunidos

Com referência à defesa, como desde vários anos antes a Espanha estivesse em guerra com a Grã-Bretanha, tendo finalmente a ela se juntado a França, o que nos colocou em grande perigo, e como o trabalhoso e prolongado esforço de nosso governador, Thomas, para convencer nossa Assembleia quaker a aprovar uma lei relativa à milícia e adotar outras providências para segurança da província, se tivesse mostrado ineficiente, decidi experimentar o que poderia ser feito por uma associação voluntária do povo. A fim de promover tal coisa, em primeiro lugar escrevi e publiquei um folheto, intitulado "Plain Truth" no qual expunha em termos fortes nossa situação indefesa falando da necessidade de união e disciplina para nossa defesa, e prometia propor alguns dias depois uma associação, com aquele propósito, aberta à subscrição de todos. O folheto teve efeito repentino e surpreendente. Pediram-me que apresentasse o instrumento de associação e, tendo redigido a minuta dele com alguns amigos, convoquei uma reunião de cidadãos no grande edifício antes mencionado. A casa ficou inteiramente lotada. Eu preparara numerosas cópias impressas e espalhara canetas e tintas por toda a sala. Falei-lhes um pouco sobre o assunto, li o documento, expliquei-o e depois distribuí as cópias, que foram prontamente assinadas, sem que se levantasse a menor objeção.

Quando o grupo se separou e os papéis foram recolhidos, encontramos mais de mil e duzentas assinaturas. Tendo sido distribuídas outras cópias no campo, os subscritores finalmente atingiram o número de mais de dez mil. Todos eles se armaram logo que puderam, organizaram-se em companhias e regimentos, escolheram seus próprios oficiais e passaram a reunir-se toda semana para receber instrução de exercício manual e outras partes da disciplina militar. As mulheres, mediante subscrições entre elas, confeccionavam bandeiras de seda, que ofereceram às companhias, pintadas com emblemas e lemas fornecidos por mim.

Os oficiais das companhias que formavam o regimento de Filadélfia, reunindo-se, escolheram-me para seu coronel. Não me considerando competente, porém, recusei o posto e recomendei o Sr. Lawrence, ótima pessoa e homem de influência, que foi assim nomeado. Propus então uma loteria para custear as despesas de construção de uma bateria abaixo da cidade e sua guarnição com canhões. Os bilhetes foram rapidamente vendidos e logo se construiu a bateria, sendo os merlões feitos de toras e cheios de terra. Compramos alguns canhões velhos de Boston, mas, não sendo eles suficientes, escrevemos para a Inglaterra encomendando outros, ao mesmo tempo que solicitávamos a nossos proprietários algum auxílio, embora sem muita esperança de obtê-lo.

Entrementes, o Coronel Lawrence, William Allen, Abram Taylor, "esquire", e eu fomos enviados pelos associados a Nova York, incumbidos de tomar emprestados alguns canhões do governador Clinton, A princípio, ele nos recusou categoricamente, mas em um jantar com seu conselho, onde se bebeu muito vinho Madeira, como era então costume naquele lugar, abrandou-se gradualmente e disse que nos emprestaria seis. Depois de mais alguns tragos, aumentou para dez. Finalmente, com muita afabilidade, concedeu-nos dezoito. Eram ótimos canhões, de dezoito libras, com os respectivos carros, que logo transportamos e montamos em nossa bateria, onde os associados mantiveram guarda noturna enquanto durou a guerra. Entre os demais, eu fazia regularmente meu turno de serviço como

soldado comum.

Minha atividade nessas operações agradou ao governador e ao conselho, que me tomaram em sua confiança e passaram a consultar-me sobre toda medida em que sua colaboração pudesse ser útil à associação. Invocando o auxílio da religião, propus-lhes a proclamação de um jejum, a fim de promover regeneração e implorar as bênçãos do céu para nosso empreendimento. Concordaram com a moção, mas como era o primeiro jejum até então imaginado na província, o secretário não tinha precedentes a que recorrer para redigir a proclamação. Minha educação na Nova Inglaterra, onde todo ano é proclamado um jejum, foi então de certa vantagem: redigi no estilo habitual a proclamação, que foi traduzida para o alemão, impressa em ambas as línguas e divulgada em toda a província. Isso deu ao clero das diferentes seitas oportunidade para influenciar suas congregações no sentido de aderir à associação e provavelmente teria sido geral entre todas, com exceção dos quakers, se não tivesse logo vindo a paz.

Alguns amigos meus pensavam que, por minha atividade nessas questões, eu ofenderia aquela seita e, com isso, perderia minhas vantagens na Assembleia da província, onde seus membros tinham grande maioria. Um jovem cavalheiro que tinha também alguns amigos na Câmara e desejava substituir-me como funcionário, contou-me que haviam decidido afastar-me na eleição seguinte. Isso, aconselhava-me, de boa vontade, a renunciar, o que seria mais compatível com minha honra do que ser exonerado. Minha resposta a ele foi que eu lera ou ouvira falar sobre um homem público que tinha como norma nunca pedir um cargo e nunca recusar um cargo quando lhe era oferecido. "Aprovo", disse eu “sua norma e praticá-la-ei com um pequeno acréscimo; nunca pedirei, nunca recusarei e nunca renunciarei a um cargo. Se querem meu cargo de funcionário para dar a outro, tomem-no de mim. Mas eu não perderei, pela renúncia, meu direito de mais cedo ou mais tarde tomar represálias contra meus adversários." Contudo não ouvi mais falar sobre isso. Na eleição seguinte, fui escolhido de novo por unanimidade como de

hábito. Possivelmente, como não gostavam de minha recente intimidade com os membros do conselho, os quais haviam apoiado os governadores em todas as disputas sobre preparativos militares, que havia a muito tempo vinham atormentando a Câmara, ficariam satisfeitos se eu os deixasse voluntariamente. Não estavam dispostos, porém, a afastar-me devido meramente ao meu zelo pela associação e não podiam encontrar facilmente outra vazão.

Na verdade, eu tinha alguns motivos para acreditar que a defesa do país não era desagradável a qualquer deles, desde que não fossem chamados a auxiliá-la. Descobri que, entre eles, era muito maior do que imaginava o número daqueles que, embora contra guerra ofensiva, eram claramente favoráveis à defensiva. Muitos folhetos pró e contra foram publicados sobre o assunto e alguns, de autoria de bons quakers, em favor da defesa, o que, segundo creio, convencera muitos de seus jovens.

Um acontecimento ocorrido em nossa companhia contra incêndios deu-me certa ideia dos sentimentos prevalecentes entre eles. Fora proposto que encorajássemos o plano de construção de uma bateria empregando os fundos então existentes, cerca de sessenta libras, na compra de bilhetes da loteria. De acordo com nossos regulamentos, não podíamos dispor do dinheiro antes da reunião seguinte à apresentação da proposta. A companhia era formada por trinta membros, dos quais vinte e dois eram quakers e apenas oito pertenciam a outras crenças. Nós oito comparecemos pontualmente à reunião. Mas, embora acreditássemos que alguns dos quakers adeririam a nós, não tínhamos de maneira alguma certeza de contar com maioria. Só um quaker, o Sr. James Morris, apareceu para opor-se à medida. Expressou muito pesar por ter sido ela apresentada, pois disse serem os Amigos todos contra ela, que criaria uma discórdia capaz de dissolver a companhia. Dissemos-lhe que não víamos razão para isso. Estávamos em minoria e, se os Amigos fossem contra a medida e tivessem mais votos que nós, deveríamos submeter-nos e submeter-nos-íamos, de acordo com os usos de todas as sociedades. Quando chegou a ordem do dia,

propôs-se que fosse feita a votação. Ele admitiu que poderíamos fazer isso de acordo com os regulamentos, mas como podia garantir-nos que diversos membros pretendiam estar presentes para opor-se à medida, seria apenas justo que lhes concedêssemos um pouco de tempo para comparecerem.

Enquanto estávamos discutindo esse ponto, um empregado veio dizer-me que dois cavalheiros desejavam falar comigo lá embaixo, Desci e encontrei dois de nossos membros quakers. Disseram-me que oito deles estavam reunidos em uma taberna próxima, decididos a ir votar conosco se necessário, mas esperavam que não fosse preciso e desejavam que não pedíssemos seu auxílio se pudéssemos dispensá-lo, pois votar a favor de tal medida poderia complicá-los perante seus dirigentes e seus amigos. Certo assim de ter maioria, subi e, depois de aparentar um pouco de hesitação, concordei com mais uma hora de adiamento. O Sr. Morris admitiu que isso era extrema lealdade. Nenhum de seus amigos opositores apareceu, o que o levou a manifestar grande surpresa. Após expirar-se a hora, aprovamos a resolução por oito votos contra um. Como, dos vinte e dois quakers, oito estavam dispostos a votar conosco e treze, por sua ausência, manifestaram que não estavam inclinados a opor-se à medida, calculei mais tarde que a proporção de quakers sinceramente contra a defesa era de apenas um para vinte e um. Isso porque todos Aqueles eram membros regulares da sociedade, gozavam nela de boa reputação e haviam tido conhecimento prévio do que seria proposto na reunião.

O honrado e ilustre Sr. Logan, que sempre pertencera àquela seita, foi um dos que escreveram uma mensagem a seus membros, manifestando sua aprovação à guerra defensiva e apoiando tal opinião com fortes argumentos. Ele me entregou sessenta libras para serem empregadas na compra de bilhetes da loteria da bateria, com instruções para que destinasse àquele serviço os prêmios que dessem ser sorteados. Contou-me a seguinte história sobre seu velho mestre, William Penn, a respeito de defesa. Viera da Inglaterra, quando jovem, em companhia daquele proprietário e como seu

secretário. Era tempo de guerra e o navio em que viajavam foi perseguido por um barco armado, que se supôs ser inimigo. 0 capitão preparou-se para a defesa, mas disse a William Penn e seu grupo de quakers que não esperava o auxílio deles e que poderiam retirar-se para o camarote, o que fizeram, com exceção de James Logan, que preferiu ficar na coberta e foi destacado para um canhão. O suposto inimigo era amigo, de modo que não houve combate. Todavia, quando o secretário desceu para transmitir a informação, William Penn censurou-o severamente por ter permanecido na coberta e se comprometido a auxiliar na defesa do navio, contra os princípios dos Amigos, especialmente quando não fora convocado pelo capitão. Esta repreensão, feita diante de todo o grupo, melindrou o secretário, que respondeu: *"Sendo eu teu servo, por que não ordenaste que fosse para baixo? Mas estiveste bastante disposto a que eu lá ficasse e ajudasse a combater o navio, quando pensaste que houvesse perigo,"*

Os muitos anos que passei na Assembleia, onde a maioria era sempre de quakers, proporcionaram-me frequentes oportunidades de observar o embaraço que lhes causava seu princípio contra a guerra, sempre que lhes era feita, por ordem da coroa, proposta de concessão de auxílios para fins militares. Não queriam ofender o governo, de um lado, por uma recusa direta; e seus amigos, o corpo dos quakers, de outro lado, por uma concessão contrária aos seus princípios. Daí uma variedade de evasivas para evitar o atendimento e de meios de disfarçar o atendimento, quando se tornava inevitável. O meio comum finalmente era conceder o dinheiro em pregando a frase de que se destinava "para uso do rei", sem nunca indagar como era aplicado.

Contudo, se o pedido não provinha diretamente da coroa, aquela frase não era considerada tão apropriada e tornava-se necessário inventar outra. Quando houve necessidade de pólvora (penso que foi para a guarnição de Louisburg) e o governo da Nova Inglaterra pediu à Pensilvânia que lhe fornecesse alguma, no que o governador Thomas insistiu muito com a Câmara, não podiam conceder o

dinheiro para comprar pólvora, por ser esta um ingrediente de guerra. Votaram, porém, um auxílio em favor da Nova Inglaterra, de três mil libras, para serem entregues ao governador e destinadas à compra de pão, farinha, trigo ou outros grãos, Alguns membros do conselho, desejosos de criar ainda maior embaraço para a Câmara, aconselharam o governador a não aceitar aquela disposição, por não ser o que havia pedido, Ele, porém, respondeu: "Aceitarei o dinheiro, pois compreendo muito bem o que querem dizer; outros grãos é pólvora." Assim, comprou a pólvora e eles nunca fizeram objeção a isso.

Foi como alusão a esse fato que, quando em nossa companhia contra incêndios temíamos que não fosse aprovada nossa proposta em favor da loteria, eu disse a meu amigo Sr. Syng, um dos nossos membros: "Se falharmos, vamos propor a compra de uma máquina de fogo. Os quakers não podem fazer objeção a isso. Depois, se você e eu formos nomeados para formar a comissão disso incumbida, compraremos um grande canhão, que é sem dúvida uma máquina de fogo". "Vejo", disse ele, "que você aproveitou muito sua longa permanência na Assembleia. Seu equívoco projeto seria uma boa resposta para o trigo e outros grãos deles".

Esses embaraços a que os quakers eram submetidos por terem estabelecido e divulgado como um de seus princípios que nenhuma guerra era legítima, princípio do qual, uma vez divulgado, não poderiam livrar-se facilmente, por mais que tivessem mudado de ideia, fazem-me lembrar a conduta mais prudente de outra seita que havia entre nós, a dos Dunkers. Conheci um de seus fundadores, Michael Welfare, logo depois que a seita apareceu. Queixou-se a mim de que eram cruelmente caluniados pelos fanáticos de outras crenças e acusados de princípios e práticas abomináveis, aos quais eram completamente estranhos. Disse-lhe que isso sempre acontecia com seitas novas e que, para pôr paradeiro a tais injúrias, imaginava que poderia ser conveniente publicar os artigos de sua fé e as regras de sua disciplina. Respondeu-me que isso fora proposto entre eles, mas não aceito, por esta razão: "Quando nos reunimos originariamente

como sociedade", disse ele, "aprouve a Deus esclarecer nossos espíritos a ponto de vermos que algumas doutrinas, que antes considerávamos como verdades, eram erros; e que outras, que considerávamos como erros, eram verdades. De tempos a tempos, aprouve a Ele dar-nos mais luz, e nossos princípios vieram melhorando, ao mesmo tempo que diminuíam nossos erros. Agora não estamos certos de termos chegado ao fim dessa progressão e à do conhecimento espiritual ou teológico. Tememos que, se publicarmos uma vez nossa profissão de fé, nos sintamos presos e limitados por ela, e talvez indispostos a receber nova melhora, e nossos sucessores ainda mais, considerando o que nós, seus mais velhos e fundadores, fizemos, como algo sagrado, do qual nunca deverão afastar-se".

Esta modéstia em uma seita é talvez exemplo singular na história da humanidade, pois qualquer outra seita se supõe na posse de toda a verdade e considera muito errados todos quantos dela divergem; como um homem viajando em tempo nublado, que vê envoltos em nevoeiro Aqueles que estão alguma distância à sua frente na estrada, assim como Aqueles que lhe estão atrás, e também as pessoas nos campos de cada lado, mas perto dele tudo lhe parece claro, embora a verdade seja que ele está tão envolto pelo nevoeiro quanto qualquer dos outros. Para evitar essa espécie de embaraço, os quakers vêm nos últimos anos abandonando gradualmente o serviço público na Assembleia e na magistratura, preferindo deixar seu poder e não seu princípio.

Pela ordem cronológica, eu deveria ter mencionado antes que, tendo, em 1742, inventado um fogão aberto para melhor aquecimento de aposentos, ao mesmo tempo que economizava combustível, pois o ar fresco admitido era aquecido na entrada, fiz presente do modelo ao Sr. Robert Grace, um de meus velhos amigos, o qual, tendo uma fornalha de ferro, achou lucrativa a fundição das chapas para esses fogões, pois era crescente sua procura. Para promover essa procura, escrevi e publiquei um folheto intitulado: "Um relato das recém-inventadas lareiras Pensilvânia; no qual sua construção e maneira de

funcionamento são particularmente explicados; suas vantagens sobre todos os outros métodos de aquecimento de aposentos demonstrados; e todas as objeções que foram erguidas contra seu uso respondidas e anuladas" etc. O folheto teve bom efeito. O governador Thomas ficou tão satisfeito com a construção desse fogão, como era nele descrita, que se prontificou a dar-me patente para a venda exclusiva por um período de anos. Recusei, porém, devido a um princípio que sempre me influenciou em tais ocasiões, a saber: "Como gozamos de grandes vantagens de invenções de outros, devemos ficar satisfeitos com uma oportunidade de servir a outros por qualquer invenção nossa; e isso devemos fazer gratuita e generosamente."

Um ferrageiro de Londres, porém, apropriando-se de muita coisa de meu folheto, aproveitando-o como se fosse coisa sua e introduzindo na máquina algumas pequenas modificações, que prejudicaram seu funcionamento, obteve dela uma patente lá e, segundo me disseram, ganhou com isso uma pequena fortuna. Esse não foi o único caso de patentes obtidas por outros com invenções minhas, embora nem sempre com igual êxito, o que nunca contestei, por não ter desejo de aproveitar-me das patentes e por odiar disputas. O uso dessas lareiras em muitas casas, tanto desta como das colônias vizinhas, permitiu e permite aos habitantes economizar muita lenha.

Tendo sido concluída a paz e estando portanto o negócio da associação em seu termo, voltei de novo meus pensamentos para a criação de uma academia. A primeira providência que tomei foi associar ao plano diversos amigos ativos, dos quais o Junto forneceu a maior parte. A seguinte foi escrever e publicar um folheto, intitulado "Propostas Referentes à Educação da Mocidade na Pensilvânia". Distribuí-o gratuitamente entre habitantes mais importantes. Logo que pude supor estarem seus espíritos um pouco preparados pela leitura dele, iniciei uma subscrição para fundação e manutenção de uma academia. O pagamento deveria ser feito em cotas anuais durante

cinco anos. Dividindo-o assim, julguei que a subscrição poderia ser maior e creio que foi, atingindo nada menos, se me lembro bem, a cinco mil libras.

Na introdução dessas propostas, apresentei sua publicação, não como um ato meu, mas como de alguns cavalheiros de espírito público, evitando o mais que pude, de acordo com minha norma habitual, apresentar-me ao público como autor de qualquer plano em seu benefício.

Os subscritores, para dar imediata execução ao projeto, escolheram entre eles vinte e quatro curadores e nomearam o Sr. Francis, então procurador-geral, e eu para elaborarmos os estatutos de administração da academia. Isso feito e assinado, foi alugada uma casa, contrataram-se mestres e abriu-se a escola, segundo penso, no mesmo ano, 1749.

Como aumentasse rapidamente o número de estudantes, a casa logo foi considerada pequena demais e, quando estávamos procurando um terreno, convenientemente situado, com intenção construir, a Providência colocou em nosso caminho um prédio grande já construído, que, com algumas alterações, poderia servir bem ao nosso propósito. Tratava-se do edifício antes mencionado fruído pelos ouvintes do Sr. Whitefield, que foi obtido para da seguinte maneira.

Deve-se notar que, tendo sido feitas por pessoas de seitas diferentes as contribuições para esse edifício, tomou-se o cuidado de evitar que, na nomeação dos curadores, aos quais seria confiada a guarda do prédio e do terreno, fosse dada predominância a uma seita, pelo temor de que com o tempo essa predominância pudesse ser um meio de destinar tudo ao uso de tal seita, contrariamente à intenção original. Assim, foi nomeado um membro de cada isto é, um da Igreja da Inglaterra, um presbiteriano, um batista, um moraviano etc., sendo que esses, em caso de vaga por falecimento, deveriam ser substituídos por meio de eleição entre Contribuintes. Aconteceu que o moraviano não agradou a seus colegas e, após sua morte, resolveram não incluir outro membro daquela seita. A dificuldade

então consistiu em evitar ter dois representantes de alguma outra seita, em resultado da nova escolha.

Várias pessoas foram indicadas e não foram aceitas por esse motivo. Finalmente, alguém mencionou meu nome, com a observação de que eu era simplesmente um homem honesto, sem pertencer a seita alguma, o que os levou a escolher-me. O entusiasmo que existira quando da construção da casa declinara havia muito tempo e os curadores não haviam sido capazes de obter novas contribuições para pagar o aluguel do terreno e liquidar algumas outras dívidas ocasionadas pelo edifício, o que os embaraçava muito. Sendo então membro de ambos os grupos de curadores, do edifício e da Academia, tive boa oportunidade de negociar com ambos e conduzi-os finalmente a um acordo, pelo qual os curadores do edifício o cederiam aos da Academia, comprometendo-se estes últimos a liquidar a dívida, deixar perpetuamente aberto no edifício um grande salão para ocasionais pregadores, de acordo com a intenção original, e manter uma escola gratuita para instrução de crianças pobres. Os documentos foram devidamente redigidos e, após pagar as dívidas, os curadores da academia entraram na posse das instalações. Dividindo o grande e alto salão em andares, fazendo salas diferentes em cima e embaixo para as várias escolas e adquirindo um pouco mais de terreno, o conjunto logo ficou adequado a nosso propósito e os estudantes foram transferidos para o edifício. O trabalho e as preocupações de arranjar operários, comprar materiais e superintender as obras recaíram sobre mim. Desincumbi-me disso com a maior satisfação pelo fato de não interferir com meu negócio privado, pois no ano anterior havia tomado como sócio um homem muito competente, diligente e honesto, Sr. David Hall, cujo caráter eu conhecia bem, pois trabalhara comigo durante quatro anos. Livrou-me ele de todas as preocupações com a tipografia, pagando pontualmente minha parte dos lucros. A sociedade continuou por dezoito anos, com vantagem para ambos.

Os curadores da academia, após algum tempo, foram incorporados por carta do governador. Os fundos foram aumentados

com contribuições da Grã-Bretanha e doações de terra por parte dos proprietários, às quais a Assembleia fez desde então consideráveis acréscimos. Assim foi estabelecida a atual Universidade de Filadélfia. Fui um de seus curadores desde o início, já há quase quarenta anos, e tive o grande prazer de ver numerosos jovens que nela receberam instrução, distinguindo-se por suas aperfeiçoadas aptidões, prestarem serviços em cargos públicos e servirem como ornamentos de sua terra.

Quando, como foi acima mencionado, me desembaracei do negócio privado, iludi-me pensando que, com a fortuna suficiente, embora moderada, que havia adquirido, obtivera para o resto de minha vida lazeres para estudos filosóficos e divertimentos. Comprei todo o aparelhamento do Spence, que viera da Inglaterra lecionar aqui, e prossegui em minhas experiências de eletricidade com grande satisfação. Contudo, o público, considerando-me então um homem de lazer, tomou conta de mim para seus propósitos, com todas as partes de nosso governo civil impondo-me algum dever, quase ao mesmo tempo, O governador incluiu-me na comissão da paz; a corporação da cidade escolheu-me para membro do conselho comum e logo depois para vereador; e os cidadãos em geral elegeram-me seu representante na Assembleia. Esta última posição foi-me ainda mais agradável porque eu estava finalmente cansado de ficar sentado ouvindo os debates, dos quais, como funcionário, não podia participar e que eram com frequência tão desinteressantes a ponto de levarem-me a divertir-me fazendo quadrados ou círculos mágicos, ou qualquer outra coisa para evitar o aborrecimento. Imaginei também que, tornando-me membro da Assembleia, aumentaria minha capacidade de fazer o bem..

Não Insinuarei, porém, que minha ambição não ficou satisfeita com todas essas promoções. Ficou, sem dúvida alguma, pois, considerando minha origem humilde, foram grandes coisas para mim. e foram ainda mais agradáveis por serem testemunhos espontâneos de boa opinião pública, que eu absolutamente não solicitara.

Experimentei exercer durante certo tempo o cargo de juiz de paz,

comparecendo a algumas audiências e sentando-me à audiência para ouvir as causas. Verificando, porém, que para exercer aquele cargo com crédito era necessário mais conhecimento da lei comum do que eu possuía então, afastei-me gradualmente dele, alegando como escusa minha obrigação de atender aos superiores deveres de legislador na Assembleia. Minha eleição para este mandato repetiu-se anualmente durante dez anos, sem que jamais tivesse pedido voto a qualquer eleitor ou manifestado, direta ou indiretamente, o desejo de ser escolhido. Quando assumi minha cadeira na Câmara, meu filho foi nomeado seu funcionário.

No ano seguinte, devendo ser assinado um tratado com os índios em Carlisle, o governador enviou à Câmara uma mensagem, propondo que fossem nomeados alguns de seus membros para se juntarem a outros membros do conselho, como comissários com aquela incumbência. A Câmara nomeou o presidente (Sr. Norris) e eu. Após sermos comissionados, partimos para Carlisle e encontramo-nos com os índios.

Como aquela gente tem extrema propensão a ficar embriagada e, quando nesse estado, é muito briguenta e desordeira, proibimos estritamente a venda de qualquer bebida a ela. Quando os índios se queixaram dessa restrição, dissemos-lhes que, se ficassem sóbrios até a conclusão do tratado, nós lhes daríamos rum em abundância depois de terminado o negócio. Prometeram isso e cumpriram a promessa, pois não podiam obter bebidas, e o tratado foi conduzido com muita ordem e concluído para satisfação mútua. Depois, reclamaram e receberam o rum. Isso aconteceu à tarde. Eram quase cem homens, mulheres e crianças, alojados em barracas temporárias, construídas em forma de quadrado, a pequena distância da cidade. À noite, ouvindo grande barulho entre eles, os comissários saíram para ver o que estava acontecendo. Descobrimos que haviam feito uma grande fogueira no meio do quadrado. Estavam todos embriagados, homens e mulheres, discutindo e brigando. Seus corpos escuros, seminus, vistos apenas à lúgubre luz da fogueira, correndo uns atrás dos outros e batendo-se com tições, sob o acompanhamento de

gritos horríveis, formavam a cena mais semelhante a nossas ideias de inferno que poderia ser imaginada. Não havia como serenar o tumulto, e nós nos retiramos para nosso alojamento. À meia-noite, numerosos deles vieram bater à nossa porta, pedindo mais rum, do que não tomamos conhecimento.

No dia seguinte, percebendo que haviam procedido mal incomodando-nos daquela maneira, mandaram três de seus velhos conselheiros apresentar desculpas. O orador reconheceu a falta, mas atribuiu-a ao rum. Depois, esforçou-se por desculpar o rum, dizendo: "O Grande Espírito, que fez todas as coisas, fez cada coisa para um uso e, seja qual for o uso a que destinou cada coisa, a esse uso ela deve ser sempre destinada. Ora, quando ele fez o rum, disse: "Que isto seja para os índios se embriagarem" e assim deve ser". E, de fato, se é desígnio da Providência exterminar estes selvagens a fim de dar lugar a cultivadores da terra, não parece improvável que o rum seja o meio escolhido. Já aniquilou todas as tribos que outrora habitavam a costa marítima.

Em 1751, o Dr. Thomas Bond, meu particular amigo, concebeu a ideia de estabelecer um hospital em Filadélfia (plano muito beneficente, que atribuíram a mim, mas que originariamente foi dele), para recebimento e tratamento de doentes pobres, fossem habitantes da província ou estrangeiros. Mostrou-se zeloso e ativo no esforço de procurar subscrições para o projeto, mas, sendo a proposta uma novidade na América e a princípio não bem compreendida, não obteve senão pequeno êxito.

Finalmente, procurou-me, dizendo-me como cumprimento que verificara não ser possível executar um projeto de espírito público sem eu estar interessado por ele. "Isso porque", disse ele, "aqueles a quem proponho a subscrição com frequência me perguntam: Já consultou Franklin sobre esse negócio? E que pensa ele disso? Quando lhes digo que não (por supor que está fora de seu campo de ação), não subscrevem, dizendo que vão pensar", Indaguei-lhe da natureza e provável utilidade de seu plano e, recebendo dele explicação muito satisfatória, não só o subscrevi, mas também me

empenhei animadamente em obter subscrições de outros. Antes, porém, da solicitação, esforcei-me por preparar o espírito do povo escrevendo sobre o assunto nos jornais, o que era meu costume habitual em tais casos, mas do que ele se omitira.

As subscrições foram depois disso mais fáceis e generosas. Todavia, como começassem a declinar, vi que seriam insuficientes sem algum auxílio da Assembleia; propus então solicitá-lo, o que fiz. Os representantes do campo a princípio não apreciaram o projeto, objetando que só poderia ser útil à cidade e, portanto, só os cidadãos deveriam arcar com sua despesa. Duvidavam, além disso que os próprios cidadãos em geral o aprovassem. Minha alegação em contrário, no sentido de que a aprovação era tal que não deixava dúvida quanto à nossa possibilidade de levantar duas mil libras por donativos voluntários, foi por eles considerada como suposição muito extravagante e absolutamente impossível.

Diante disso, formei meu plano. Pedindo permissão para apresentar um projeto de lei que incorporasse os contribuintes de acordo com os termos de sua petição e lhes concedesse uma soma em dinheiro não fixada, permissão obtida principalmente com a consideração de que a Câmara poderia rejeitar o projeto se não lhe agradasse, redigi-o de modo a tornar condicional a cláusula importante, assim: "É decretado, pela dita autoridade que, quando os ditos contribuintes se tiverem reunido e escolhido seus administradores e tesoureiro, *tiverem levantado com suas contribuições um capital no valor de*... (cujos juros anuais serão aplicados na acomodação de doentes pobres no dito hospital, livres de despesas por alimentação, assistência, conselhos e remédios) *e fizerem com que o mesmo se apresente de modo a satisfazer o presidente da Assembleia na ocasião*, então deverá e poderá ser legal para o dito presidente, como aqui dele se exige, assinar e ordenar ao tesoureiro provincial o pagamento de duas mil libras anuais, em dois pagamentos anuais, ao tesoureiro do dito hospital, para serem aplicadas na fundação, construção e acabamento do mesmo."

Esta condição fez com que o projeto fosse aprovado, pois os membros, que se haviam oposto ao auxílio e agora achavam possível ter o mérito de ser caridosos sem a despesa, concordaram com sua aprovação. Depois, solicitando subscrições entre o povo, acentuamos a promessa condicional da lei como motivo adicional para doar, pois o donativo de cada homem seria duplicado. Assim, a cláusula deu resultado nos dois sentidos, Em consequência, as subscrições logo ultrapassaram a importância necessária, e nós reclamamos e recebemos o auxílio público, que nos permitiu pôr em execução o projeto. Construiu-se logo um prédio conveniente e bonito. A instituição foi, pela constante experiência, considerada útil e floresce até hoje. Não me lembro de qualquer de minhas manobras políticas cujo êxito me tenha dado, na ocasião, maior prazer ou com relação à qual, após pensar bem, eu me tenha mais facilmente desculpado de haver empregado certa astúcia.

Foi mais ou menos nessa época que o autor de outro projeto, Reverendo Gilbert Tennent, me procurou para pedir que o auxiliasse a fazer uma subscrição destinada à construção de uma nova casa de reunião. Seria para uso de uma congregação por ele reunida entre os presbiterianos, que haviam sido originariamente discípulos do Sr. Whitefield. Não querendo tornar-me desagradável aos meus concidadãos por excessiva frequência em solicitar suas contribuições, recusei categoricamente. Pediu então que eu lhe fornecesse uma lista de nomes de pessoas que, por experiência, eu sabia serem generosas e dotadas de espírito público. Achei que seria inconveniente de minha parte, após terem bondosamente atendido a minhas solicitações, indicá-las para serem aborrecidas por outros pedidos e, por isso, recusei também dar tal lista. Ele desejou então que eu lhe desse pelo menos meu conselho. "Isso lhe dou prontamente", disse eu. "Em primeiro lugar, aconselho-o a procurar todos aqueles que sabe que darão alguma coisa; em seguida aqueles que não tem certeza se darão ou não alguma coisa e mostrar-lhes a lista daqueles que deram; e, finalmente, não se descuidar daqueles que tem certeza que não darão coisa alguma, pois com relação a alguns deles pode estar enganado." Ele riu e agradeceu, dizendo que

seguiria meu conselho. Assim fez, pois pediu a todos, e obteve importância muito maior do que esperava, com a qual construiu a ampla e elegantíssima casa de reunião que se ergue na Arch-street.

Nossa cidade, que era traçada com bela regularidade, dispondo de ruas largas e retas, que se cruzavam em ângulos retos, teve o infortúnio de permitir que aquelas ruas permanecessem muito tempo sem pavimentação. No tempo de chuva, as rodas de carruagens pesadas transformavam as ruas em um lodaçal, de modo que era difícil atravessá-las; e no tempo seco a poeira era terrível. Eu vivera perto do que se chamava Jersey Market e via penalizado os habitantes chapinhando na lama enquanto compravam suas provisões. Uma faixa de terra no meio daquele mercado foi finalmente pavimentada com tijolos, de modo que, após estarem no interior do mercado, as pessoas tinham chão firme para pisar, mas lá chegar frequentemente precisavam andar sobre a lama. Falando e escrevendo, cooperei finalmente para que a rua fosse pavimentada com pedras entre o mercado e a calçada de tijolos que se estendia de ambos os lados perto das casas. Durante algum tempo isso ofereceu fácil acesso ao chão seco do mercado. Todavia, como o resto da rua não era pavimentado, sempre que uma carruagem saía da lama e passava sobre esse pavimento, lançava sujeira sobre ele, que logo ficava coberto de lama, a qual não era removida pois a cidade não tinha ainda varredores de rua.

Após algumas investigações, encontrei um homem pobre e trabalhador, que estava disposto a manter o calçamento limpo, varrendo-o duas vezes por semana e tirando a lama da frente da casa de toda a vizinhança, pela importância mensal de seis pence, a ser paga pelo ocupante de cada casa. Escrevi e publiquei então um artigo expondo as vantagens que a vizinhança poderia obter com essa pequena despesa: maior facilidade em conservar limpas suas casas, pois os pés das pessoas não levariam tanta sujeira para dentro; o benefício que as lojas obteriam com o aumento da freguesia etc., etc., pois os compradores poderiam chegar a elas mais facilmente, e com o fato de não ser lançada poeira sobre suas mercadorias quando

ventava etc. etc. Mandei um exemplar desses artigos a cada casa e um ou dois dias depois lá passei para ver quem desejava subscrever um acordo referente ao pagamento dos seis pence. Foi unanimemente assinado e durante algum tempo bem executado. Os habitantes da cidade ficaram encantados com a limpeza da calçada que cercava o mercado, o que era conveniente para todos, e isso despertou o desejo geral de ter todas as ruas pavimentadas e tornou o povo mais disposto a submeter-se a um imposto para esse fim.

Depois de algum tempo, redigi um projeto de lei para pavimentação da cidade e apresentei-o à Assembleia. Isso aconteceu antes de eu partir para a Inglaterra, em 1757; o projeto só foi aprovado depois de minha partida, com uma alteração na maneira de lançamento do imposto, que não me pareceu melhorá-lo, mas com uma cláusula adicional para iluminação além da pavimentação das ruas, o que foi uma grande melhora. A ideia de iluminar toda a cidade foi dada inicialmente ao povo por um cidadão particular, o falecido Sr. John Clifton, que ofereceu um exemplo da utilidade dos lampiões, colocando um deles na porta de sua casa. O mérito por esse benefício público foi também atribuído a mim, mas na realidade pertence àquele cavalheiro. Não fiz senão seguir seu exemplo e tenho a reivindicar apenas algum mérito com respeito a nossos lampiões, diferentes dos lampiões em forma de globo que recebíamos inicialmente de Londres. Achamos estes últimos inconvenientes pelos seguintes motivos: não admitiam ar por baixo; assim, a fumaça não saía prontamente por cima, mas circulava no globo, acumulando-se em seu interior, e logo obstruía a luz que ele devia emitir; dava, além disso, o trabalho diário de limpá-lo; e uma batida acidental em um deles quebrava-o, tornando-o completamente inútil. Sugeri por isso que os lampiões fossem feitos de quatro vidros planos, com um longo funil em cima para saída da fumaça e orifícios admitindo ar embaixo, de modo a facilitar a subida da fumaça. Por esses meios, conservavam-se limpos e não ficavam escuros em poucas horas, como acontecia com os lampiões de Londres, mas permaneciam brilhantes até de manhã e uma batida acidental geralmente quebrava apenas um único vidro, facilmente substituível.

Pergunto a mim mesmo, às vezes, por que os londrinos não aprenderam, em vista do efeito que os orifícios no fundo dos lampiões de globo usados em Vauxhall têm no sentido de conservá-los limpos, a fazer tais orifícios em seus lampiões de rua. Contudo, como esses orifícios são feitos para outro fim, isto é, comunicar a chama mais depressa ao pavio por meio de um pequeno pedaço de linho que pende através deles, a outra utilidade, de deixar entrar o ar, parece não ter sido objeto de cogitações. Por isso, após os lampiões terem permanecido acesos algumas horas, ficam as ruas de Londres assim tão mal iluminadas.

A alusão a esses aperfeiçoamentos faz-me lembrar de outro que propus, quando em Londres, ao Dr. Fothergill, um dos melhores homens que já conheci e grande promotor de projetos úteis. Eu observara que as ruas, quando secas, nunca eram varridas, para tirar a poeira ligeira. Deixavam-na acumular até o tempo chuvoso reduzi-la a lama, que, depois de ficar alguns dias tão espessa sobre o calçamento que não se podia atravessar senão em trilhas conservadas limpas por pessoas pobres com vassouras, era juntada com grande trabalho e jogada em carros abertos em cima, cujos lados faziam com que parte do lodo, a cada solavanco sobre o calçamento, se balançasse e caísse para fora, às vezes com grande inconveniência para os pedestres. A razão invocada para não varrer as ruas empoeiradas era que a poeira voaria para as janelas de lojas e residências.

Um acontecimento ocasional ensinou-me como a varredura pode ser feita em pouco tempo. Encontrei certa manhã na porta de minha casa, em Craven-street, uma pobre mulher varrendo a calçada com uma vassoura de vidoeiro. Parecia muito pálida e fraca, como se tivesse saído de uma doença. Perguntei-lhe quem a empregara para varrer ali. Respondeu-me: "Ninguém, mas eu sou muito pobre e necessitada, por isso varro diante das casas de gente distinta, na esperança que me deem alguma coisa." Disse-lhe para varrer toda a rua, que eu lhe daria um xelim. Eram 9 horas. Às 12 horas, ela veio buscar seu xelim. Pela lentidão com que a vira trabalhar inicialmente,

mal pude acreditar que o trabalho tivesse sido feito tão depressa e mandei meu criado examiná-lo, tendo ele me informado que a rua inteira estava perfeitamente limpa e toda a poeira colocada no bueiro, que ficava no meio. A chuva seguinte arrastou-a rapidamente, de modo que o calçamento e até mesmo as sarjetas ficaram perfeitamente limpos.

Achei então que, se uma fraca mulher varria aquela rua em três horas, um homem forte e ativo poderia fazer o mesmo em metade do tempo. Permitam-me observar aqui a conveniência de ter um único bueiro em rua assim estreita, correndo pelo meio dela, ao invés de dois, com um de cada lado, perto do passeio. Isso porque onde toda a chuva que cai sobre uma rua corre dos lados e encontra-se no meio, forma lá uma corrente suficientemente forte para arrastar toda a lama que encontra; mas, quando se divide em dois canais, é muitas vezes fraca demais para limpar qualquer deles e só torna ainda mais líquida a lama que encontra, de modo que as rodas de carruagens e os pés de cavalos a jogam sobre o passeio, que se torna assim sujo e escorregadio, e às vezes a borrifam sobre Aqueles que estão passando a pé. Minha proposta, transmitida ao bom médico, foi a seguinte:

"Para mais eficientemente limpar e conservar limpas as ruas de Londres e Westminster, propõe-se que vários guardas sejam contratados com a incumbência de varrer a poeira nas estações secas e juntar a lama nas outras épocas, nas diversas ruas e vielas de sua ronda; que para esses fins lhes sejam fornecidos vassouras e outros instrumentos adequados, para serem guardados em seus respectivos lugares, prontos para serem entregues a pessoas pobres que eles possam empregar no serviço.

"Que nos meses secos do verão, a poeira seja toda varrida e juntada em montes a distâncias adequadas, antes da hora em que geralmente se abrem as lojas e janelas de casas, quando os varredores, com carros cobertos, também a levarão toda embora.

"Que a lama, quando juntada, não seja deixada em montes para

ser de novo espalhada pelas rodas de carros e patas de cavalos, mas que os varredores sejam providos de carroçarias, não colocadas no alto de rodas, mas baixas e sobre deslizadores, com fundo de esteira, que, coberto de palha, conservará a lama lançada nelas e permitirá que a água escorra, pelo que se tornará muito mais leve, de vez que a água representa a maior parte de seu peso; essas carroçarias serão colocadas a distâncias convenientes, e a lama será levada até elas em carrinhos de mão; permanecerão onde forem colocadas até que se escoe a água da lama e depois serão trazidos cavalos para levá-las embora."

Desde então tive dúvidas quanto à exequibilidade da última parte dessa proposta, devido à estreiteza de algumas ruas e a dificuldade de colocar os trenós de drenagem de modo a não atrapalharem muito a passagem. Todavia, ainda sou de opinião que a parte anterior, exigindo que a poeira seja varrida e levada embora antes que se abram as lojas, é muito praticável no verão, quando os dias são mais compridos. Andando através do Strand e Fleetstreet certa manhã, às sete horas, observei que não havia uma única loja aberta, embora fosse dia e o sol já tivesse nascido três horas antes. Os habitantes de Londres preferem voluntariamente viver muito à luz de velas e dormir com o sol, mas com frequência se queixam, de maneira um pouco absurda, do imposto sobre velas e do alto preço do sebo.

Alguns talvez pensem que essas questões triviais não merecem ser estudadas ou relatadas. Se considerarem, porém, que embora a poeira soprada nos olhos de uma única pessoa ou em única loja em um dia de vento é apenas de pequena importância, mas o grande número de casos em uma cidade populosa e suas frequentes repetições dão-lhe peso e consequência, talvez não censurem tão severamente aqueles que dedicam um pouco de atenção a questões de natureza assim aparentemente inferior. A felicidade humana é produzida, não tanto por grandes fases de boa fortuna que raramente acontecem, quanto por pequenas vantagens que ocorrem todos 08 dias. Assim, quem ensina um moço pobre a barbear-se e manter sua navalha em ordem talvez contribua mais para a felicidade de sua vida

do que quem lhe dá mil guinéus. O dinheiro pode logo gasto, só restando o arrependimento de tê-lo consumido tolamente; mas, no outro caso, o jovem escapa ao frequente aborrecimento de esperar por barbeiros e de sentir seus dedos às vezes sujos, seus hálitos ofensivos e suas navalhas sem gume; pode barbear-se quando lhe é mais conveniente e goza diariamente do prazer de fazê-lo com um bom instrumento. Com esses sentimentos arrisquei-me a escrever as poucas páginas anteriores, esperando que possam oferecer sugestões que mais cedo ou mais tarde sejam úteis a uma cidade que amo, nela tendo vivido feliz muitos anos, e talvez a algumas de nossas outras cidades na América.

Tendo sido empregado durante algum tempo pelo diretor-geral dos Correios da América como seu controlador para regularizar várias agências e fazer os agentes prestarem contas, por ocasião de sua morte em 1753, fui nomeado, juntamente com o Sr. William Hunter, para sucedê-lo, nomeação essa feita por uma comissão do diretor-geral dos Correios, na Inglaterra. O correio americano nunca até então pagara coisa alguma ao da Inglaterra. Deveríamos ter seiscentas libras anuais para dividir entre nós dois, se conseguíssemos retirar essa importância dos lucros do Correio. Para isso, tornava-se necessária uma variedade de melhoramentos. Alguns deles eram no início inevitavelmente dispendiosos, de modo que nos primeiros quatro anos o departamento nos ficou devendo mais de novecentas libras. Logo depois, porém, começou a pagar-nos; e, antes de eu ser dispensado por um capricho dos ministros, sobre o qual falarei mais adiante, havíamos feito com que rendesse para a coroa três vezes mais que o Correio da Irlanda. Desde aquele imprudente ato, dele não receberam mais um único níquel!

Os negócios do Correio levaram-me a fazer nesse ano uma viagem à Nova Inglaterra, onde o Colégio de Cambridge, por sua própria iniciativa, ofereceu-me o diploma de Master of Arts. O Colégio de Yale, em Connecticut, prestara-me antes homenagem semelhante. Assim, sem ter estudado em colégio algum, cheguei a partilhar de suas honrarias. Foram-me conferidas em consideração a meus

aperfeiçoamentos e descobertas no ramo elétrico da filosofia natural.

Em 1754, tendo sido novamente iniciada a guerra com a França, um congresso de comissários das diferentes colônias devia, por ordem do ministro do Comércio, reunir-se em Albany, para lá conferenciar com os chefes das Seis Nações sobre os meios de defender tanto sua terra como a nossa. O governador Hamilton, ao receber essa ordem, transmitiu-a à Câmara, pedindo-lhe que fornecesse presentes adequados para os índios, a fim de serem oferecidos nessa ocasião; e nomeando o presidente (Sr. Norris) e eu para nos juntarmos ao Sr. Thomas Penn e o Sr. secretário Peters como comissários incumbidos de agir em nome da Pensilvânia. A Câmara aprovou as nomeações e providenciou os artigos para presentes, embora seus membros não gostassem muito de tratar de questões fora das províncias. Reunimo-nos com os outros comissários, em Albany, em meados de junho.

Em nossa viagem para lá, projetei e tracei um plano para a união de todas as colônias sob um único governo, no que pudesse ser necessário para a defesa e outras questões gerais importantes. Quando passamos por Nova York, lá mostrei meu projeto ao Sr. James Alexander e Sr. Kennedy, dois cavalheiros de muito conhecimento em negócios públicos. Fortalecido por sua aprovação, aventurei-me a apresentá-lo ao Congresso. Pareceu então que vários dos comissários haviam elaborado planos da mesma espécie. Apreciou-se uma questão preliminar, a de saber se devia ser estabelecida uma união, e ele foi aprovado por unanimidade. Para estudar os vários planos e apresentar um relatório, foi nomeada uma comissão, integrada por um representante de cada colônia. Aconteceu que preferiram o meu plano e, com algumas emendas, foi ele incluído no relatório.

De acordo com esse plano, o governo geral seria administrado por um presidente-geral, nomeado e mantido pela coroa, e um grande conselho escolhido pelos representantes do povo das várias colônias, reunidos em suas respectivas assembleias. O debate sobre a matéria no Congresso prosseguiu diariamente, lado a lado com a questão dos

índios. Apresentaram-se muitas objeções e dificuldades, mas finalmente todas elas foram superadas, e o plano recebeu aprovação unânime. Ordenou-se que fossem enviadas cópias ao Ministério do Comércio e às assembleias das várias províncias. Seu destino foi singular: as assembleias não o adotaram, pois todas acharam que nele havia excesso de prerrogativa; e na Inglaterra foi julgado excessivamente democrático. Por isso, o Ministério do Comércio não o aprovou, nem o recomendou à Sua Majestade para aprovação. Todavia, foi elaborado outro plano, que se supunha atender melhor ao mesmo propósito, pelo qual os governadores das províncias, com alguns membros de seus respectivos conselhos, se reuniriam e ordenariam a convocação de tropas, construção de fortes etc. e recorreriam ao tesouro da Grã-Bretanha para ocorrer às despesas, que seriam depois saldadas por um ato do Parlamento estabelecendo um imposto na América. Meu plano, com minhas razões em seu favor, pode ser encontrado entre meus papéis políticos que estão publicados.

Estando em Boston, no inverno seguinte, conversei muito com o governador Shirley sobre ambos os planos. Parte do que se passou entre nós na ocasião pode ser também observada entre aqueles papéis. As razões diferentes e contraditórias de aversão ao meu plano fazem-me suspeitar de que ele era realmente o verdadeiro meio-termo, e sou ainda de opinião que seria vantajoso para ambos os lados do oceano se tivesse sido adotado. As colônias, assim unidas, teriam sido suficientemente fortes para defender-se. Não haveria necessidade de tropas da Inglaterra. Naturalmente, o pretexto subsequente para tributar a América e a sangrenta disputa que ocasionou teriam sido evitados. Todavia, tais erros não são novidade. A história está cheia dos erros de Estados e príncipes.

"Olhai em torno do mundo habitável, quão poucos

Conhecem seu próprio bem ou, conhecendo-o, o procuram!"

Aqueles que governam, tendo muitos negócios em suas mãos, geralmente não gostam de dar-se ao trabalho de considerar e pôr em

execução projetos novos. Por isso, as melhores medidas públicas quase nunca são adotadas por sabedoria prévia, mas impostas pelas circunstâncias do momento.

O governador da Pensilvânia, ao remetê-lo à Assembleia, manifestou sua aprovação ao plano, como lhe parecendo ser elaborado com grande clareza e força de julgamento, e recomendou-o, portanto, como digno de sua mais cuidadosa e séria atenção". A Câmara, porém, devido às manobras de determinado membro, apreciou-o quando eu estava ausente, o que não achei correto, e rejeitou-o sem lhe prestar a mínima atenção, o que me causou não pequeno aborrecimento.

Em minha viagem a Boston, nesse ano, encontrei-me em Nova York com nosso novo governador, Sr. Morris, recém-chegado da Inglaterra, com quem eu tivera antes íntimo conhecimento. Tinha sido incumbido de substituir o Sr. Hamilton, que, cansado das disputas a que as instruções de seu proprietário o sujeitavam, havia renunciado. O Sr. Morris perguntou-me se eu achava que devia esperar administração igualmente desagradável. Disse-lhe: "Não. Pode, pelo contrário, ter uma administração muito agradável, se tomar apenas o cuidado de não entrar em disputa com a Assembleia." "Meu caro amigo", disse ele, jovialmente, "como pode aconselhar-me a evitar disputas? Sabe que eu gosto de disputar. É um de meus maiores prazeres. Contudo, para mostrar a consideração que tenho por seu conselho, prometo-lhe, se possível, evitá-las". Ele tinha certa razão para gostar de disputas, sendo, como era, eloquente, hábil sofista e, portanto, geralmente bem sucedido em conversação argumentativa. Fora educado para isso desde menino, pois seu pai, segundo ouvi contar, acostumara os filhos a discutirem entre si para sua diversão, quando estavam sentados à mesa depois do jantar. Penso, porém, que essa prática não é prudente, pois, no curso de minhas observações, as pessoas que discutem, contradizem e refutam são, em geral, infelizes em seus negócios. Às vezes, obtêm vitória, mas nunca boa vontade, que lhes seria mais útil. Separamo-nos, indo ele para Filadélfia e eu para Boston.

Na volta, soube em Nova York das votações da Assembleia, pelas quais parecia que, apesar de sua promessa, ele e a Câmara já estavam em acesa controvérsia. Foi uma batalha contínua entre ambos enquanto ele permaneceu no governo. Participei dela também, pois, tão logo voltei à minha cadeira na Assembleia, fui incluído em toda comissão incumbida de responder a seus discursos e mensagens, desejando sempre as comissões que eu redigisse as minutas. Nossas respostas, assim como suas mensagens, eram muitas vezes cáusticas e, às vezes, indecentemente ofensivas. Sabendo ele que era eu quem escrevia pela Assembleia, poder-se-ia imaginar que, quando nos encontrávamos dificilmente pudéssemos deixar de engalfinhar-nos. Contudo, ele era um homem tão afável que não houve entre nós dois divergência pessoal devido à disputa e com frequência jantávamos juntos.

Certa tarde, no auge dessa briga pública, encontramo-nos na rua. "Franklin", disse ele, "precisa ir comigo passar o serão em casa. Tenho algumas visitas de que você gostará." Pegando-me pelo braço, levou-me para sua casa. Em jovial conversa, enquanto tomávamos nosso vinho, depois do jantar, contou-nos, em tom de brincadeira, que admirava muito a ideia de Sancho Pança, o qual, quando propuseram dar-lhe um governo, perguntou se poderia ser um governo de negros, pois nesse caso, se não pudesse concordar com seu povo, poderia vendê-lo. Um de seus amigos, que estava sentado ao meu lado, disse: "Franklin, por que continua a ficar ao lado desses malditos quakers? Não seria melhor para você vende-los? O proprietário pagar-lhe-ia bom preço." "O governador", respondi eu, "ainda não os deixou suficientemente negros." De fato, ele trabalhava arduamente para enegrecer a Assembleia em todas as suas mensagens, mas seus membros limpavam a tinta tão depressa quanto ele a aplicava e lançavam-na de volta contra seu rosto. Achando que ele próprio provavelmente ficaria "enegrecido", do mesmo modo que o Sr. Hamilton, cansou-se da luta e deixou o governo.

Todas essas disputas públicas eram, no fundo, devidas aos

proprietários, nossos governantes hereditários, que, quando era necessário fazer qualquer despesa para a defesa de suas províncias, com incrível mesquinhez davam a seus representantes instruções para que não aprovassem ato algum autorizando a cobrança dos necessários impostos, a menos que suas vastas propriedades fossem pelo mesmo ato expressamente isentas. Chegavam mesmo a exigir desses representantes compromissos, por escrito, de observar tais instruções. Durante três anos, as Assembleias opuseram-se a essa injustiça, embora obrigadas a curvar-se no final. Finalmente, o Capitão Denny, que foi o sucessor do governador Morris, atreveu-se a desobedecer aquelas instruções. Como isso aconteceu, contarei mais adiante.

Estou, porém, avançando muito depressa em minha história. Há ainda a mencionar alguns fatos que aconteceram durante a administração do governador Morris.

Tendo de certa maneira começado a guerra com a França, o governo de Massachusetts Bay planejou um ataque a Crown Point e mandou o Sr. Quincy a Pensilvânia e o Sr. Pownall, posteriormente governador Pownall, a Nova York para solicitarem auxílio. Como eu estava na Assembleia, conhecia sua disposição e era conterrâneo do Sr. Quincy, este recorreu à minha influência e assistência. Ditei a mensagem que ele dirigiu à Assembleia, que foi bem recebida. A Assembleia aprovou um auxílio de dez mil libras, a ser aplicado em provisões. Tendo, porém, o governador recusado seu assentimento ao projeto de lei (que incluía essa e outras somas destinadas ao uso da coroa), a menos que fosse incluída uma cláusula isentando os bens dos proprietários de qualquer participação no imposto que fosse necessário, a Assembleia, embora desejasse muito tornar efetivo seu auxílio à Nova Inglaterra, não encontrava meios para isso. O Sr. Quincy esforçou-se arduamente junto ao governador para obter seu assentimento, mas ele se manteve obstinado.

Sugeri então um método de fazer o negócio sem o governador, por meio de ordens contra os curadores do Departamento de Empréstimos, que, por lei, a Assembleia tinha o direito de emitir. Na

verdade, havia pouco ou nenhum dinheiro no departamento naquela ocasião. Propus, por isso, que as ordens fossem pagáveis no prazo de um ano e rendessem juros de cinco por cento. Imaginei que com essas ordens as provisões poderiam ser facilmente adquiridas, A Assembleia, com muito pouca hesitação, aprovou a proposta. As ordens foram imediatamente impressas, e eu fiz parte da comissão incumbida de assiná-las e colocá-las. O fundo para seu resgate era representado pelos juros de todo o papel-moeda então em circulação na província sob empréstimo, juntamente com a receita resultante do imposto de consumo. Sabendo-se que isso era mais do que suficiente para pagá-las, as ordens gozaram de crédito imediato e não só foram recebidas em pagamento das provisões, mas muita gente rica que tinha então dinheiro disponível investiu-o naquelas ordens, que foram consideradas vantajosas, pois rendiam juros ao portador e poderiam a qualquer tempo ser usadas como dinheiro. Por isso, foram avidamente compradas e depois de poucas semanas não eram mais encontradas. Assim esse importante negócio foi resolvido por meus meios. O Sr. Quincy mandou agradecimentos à Assembleia em um belo memorial, voltou para sua terra muito satisfeito com o êxito de sua missão e desde então me demonstrou a mais cordial e afetuosa amizade.

O governo britânico, não desejando permitir a união das colônias como fora proposto em Albany nem confiar a essa união a defesa delas, pois poderiam assim tornar-se excessivamente militares e sentir sua própria força, havendo contra elas na ocasião suspeitas e ciúmes, enviou o General Braddock com dois regimentos de tropas regulares inglesas para aquele propósito. O General Braddock desembarcou em Alexandria, na Virgínia, e de lá marchou para Frederictown, em Maryland, onde se deteve para arranjar veículos. Tendo nossa Assembleia sabido, através de algumas informações, que ele adquirira contra ela violentos preconceitos, por considerá-la avessa ao serviço militar, quis que eu o procurasse, não em nome dela, mas como diretor-geral dos Correios, a pretexto de pretender resolver com ele o melhor modo de remeter com mais celeridade e certeza os despachos entre ele e os governadores das várias

províncias, com os quais precisava necessariamente manter constante correspondência, e cuja despesa eles se propunham pagar. Meu filho acompanhou-me nessa viagem.

Encontramos o general em Frederictown aguardando impacientemente a volta das pessoas que mandara ao interior de Maryland e Virgínia para arranjar carroções. Permaneci ao seu lado vários dias, jantando diariamente em sua companhia, e tive ampla oportunidade de eliminar todos os seus preconceitos, mediante a informação do que a Assembleia efetivamente fizera antes de sua chegada e ainda estava disposta a fazer, para facilitar suas operações. Quando eu estava para partir, chegaram as relações dos carroções a serem recebidos, segundo as quais parecia que seu número seria de apenas vinte e cinco, nem todos eles em condições aproveitáveis. O general e todos os oficiais ficaram surpreendidos, declararam que, nesse caso, a expedição chegava ao fim, por tornar-se impossível, e proferiram exclamações contra os ministros por mandá-los ignorantemente para uma terra desprovida dos meios de transporte para suas provisões, bagagens etc., para as quais seriam necessários nada menos que cento e cinquenta carroções.

Aconteceu-me dizer que fora pena não terem eles desembarcado na Pensilvânia, pois naquela terra quase todo lavrador tinha seu carroção. O general aproveitou-se prontamente de minhas palavras e disse: "Então o senhor, que é um homem de prestígio lá, provavelmente poderá obtê-los para nós e peço-lhe que faça isso". Perguntei que condições deveriam ser oferecidas aos proprietários dos carroções. Pediram-me que expusesse por escrito as condições que me parecessem necessárias. Fiz o que me pediram e concordaram com as condições. Imediatamente foram preparadas as necessárias autorizações e instruções. Quais eram aquelas condições pode-se ver pelo anúncio que publiquei assim que cheguei a Lancaster, e que por ser, devido ao grande e repentino efeito que produziu, uma peça de certa curiosidade, reproduzirei integralmente a seguir:

"ANÚNCIO

"Lancaster, 26 de abril de 1755.

"Considerando que cento e cinquenta e cinco carroções, com quatro cavalos para cada carroção, e mil e quinhentos cavalos de sela ou de carga são desejados para o serviço das forças de sua majestade agora prestes a reunir-se em Will's Creek e tendo sua excelência o general Braddock se dignado autorizar-me a contratar o aluguel dos mesmos, faço saber por este meio que esperarei com tal propósito de hoje até a noite de quarta-feira em Lancaster e da manhã de quinta-feira até a noite de sexta-feira em York, onde estarei pronto a entrar em acordo quanto aos carroções e parelhas, ou cavalos separados, nas seguintes condições: 1 — Que será pago por carroção, com quatro bons cavalos e um cocheiro, quinze xelins por dia; e por cavalo em bom estado, com albarda ou sela e arreios, dois xelins por dia; e por cavalo em bom estado sem sela, dezoito pence por dia. 2 — Que o pagamento será a partir do momento de sua reunião com as forças em Will's Creek, o que deverá ser até 20 de maio próximo ou antes, e que uma importância razoável será paga além disso pelo tempo necessário para sua viagem até Will's Creek e para a volta depois de sua devolução. 3 — Cada carroção e parelha, e cada cavalo de sela ou de carga, serão avaliados por pessoas imparciais escolhidas entre eu e o proprietário; e, no caso da perda de qualquer carroção, parelha ou outro cavalo em serviço, o preço obtido em tal avaliação será reconhecido e pago. 4 O pagamento de sete dias será adiantado e efetuado pessoalmente por mim ao proprietário de cada carroção e parelha, ou cavalo, no momento do contrato, se reclamado, e o restante será pago pelo General Braddock ou pelo pagador do exército, por ocasião de sua devolução ou de tempos a tempos, como for reclamado. 5 — Nenhum cocheiro de carroção ou pessoa incumbida de cuidar dos cavalos alugados será, a qualquer pretexto: chamado a prestar serviço de soldado ou empregado em qualquer outra coisa além de dirigir ou tomar conta de seus carroções ou cavalos. 6 Toda provisão de aveia, milho ou outra forragem que os carroções ou cavalos levarem ao acampamento, além do necessário para a subsistência dos cavalos, será tomada para uso do exército, pagando-se pela mesma um preço razoável.

"Nota. Meu filho, William Franklin, está autorizado a fazer contratos semelhantes com qualquer pessoa no condado de Cumberland.

"B. FRANKLIN"

"Aos habitantes dos condados de Lancaster, York e Cumberland.

"Amigos e conterrâneos.

"Estando ocasionalmente no acampamento militar em Frederic, há alguns dias, encontrei o general e os oficiais extremamente exasperados por não lhes terem sido fornecidos cavalos e carros, que esperavam desta província, como a mais capaz de fornecê-los. Devido, porém, às divergências entre nosso governador e a Assembleia, não foi fornecido dinheiro nem adotada providência alguma com aquele propósito.

"Propôs-se enviar imediatamente uma força armada a estes condados, a fim de confiscar os melhores carros e cavalos que fossem desejados e obrigar à incorporação ao serviço de todas as pessoas que fossem necessárias para dirigi-los e cuidar deles.

"Compreendi que o avanço de soldados britânicos através destes condados em tal ocasião, especialmente considerando-se a disposição em que se encontram e seu ressentimento contra nós, seria acompanhado de muitas e grandes inconveniências para os habitantes e por isso voluntariamente me dei ao trabalho de tentar primeiro o que poderia ser feito por meios justos e equitativos. O povo destes condados do interior queixou-se ultimamente à Assembleia que havia falta de moeda suficiente. Tendes uma oportunidade de receber e dividir entre vós uma importância muito considerável, pois se o serviço desta expedição continuar, como é muito provável que aconteça, por cento e vinte dias, o aluguel desses carroções e cavalos atingirá mais de trinta mil libras, que vos serão pagas em ouro e prata do dinheiro do rei.

"O serviço será leve e fácil, pois o exército dificilmente marchará

mais de doze milhas por dia, e os carroções e cavalos de carga, como levam coisas absolutamente necessárias ao bem-estar do exército, devem marchar com o exército e não mais depressa que ele; e, por conveniência do exército, são sempre colocados onde possam ficar mais em segurança, seja em marcha ou em acampamento.

"Se sois realmente, como creio, bons e leais súditos de sua majestade, podereis agora prestar um serviço muito valioso e tornar as coisas mais fáceis para vós próprios. Isso porque três ou quatro, que não possam separadamente dispensar da atividade de suas plantações um carroção e quatro cavalos com um cocheiro, poderão fazê-lo juntos, um fornecendo o carroção, outro um ou dois cavalos e outro o cocheiro, e dividir o pagamento proporcionalmente entre eles. Todavia, se não prestardes este serviço voluntariamente ao vosso rei e vossa terra, quando vos são oferecidos pagamento tão bom e condições tão razoáveis, haverá forte suspeita quanto à vossa lealdade. O serviço do rei precisa ser feito. Tão numerosas e bravas tropas, vindas de tão longe para vossa defesa, não devem ficar inativas devido à vossa relutância em fazer o que pode ser razoavelmente esperado de vós. É preciso obter carroções e cavalos. Medidas violentas serão provavelmente adotadas, e só vos restará procurar recompensa onde puder desencontrá-la e vossa causa talvez desperte pouca compaixão ou consideração.

"Não tenho interesse particular neste negócio, pois, exceto pela satisfação de esforçar-me para fazer o bem, terei apenas trabalhos em pagamento de meus esforços. Se este método de obter os carroções e cavalos não tiver probabilidade de êxito, sou obrigado a mandar notícia ao general dentro de catorze dias. Suponho que Sir John St. Clair, o hussardo, com um corpo de soldados, entrará imediatamente na província com esse propósito, o que lamentarei ouvir, pois sou sincera e verdadeiramente vosso amigo e simpatizante,

"B. FRANKLIN."

Recebi do general cerca de oitocentas libras, para serem gastas em adiantamento de dinheiro aos proprietários de carroções etc. Todavia, sendo essa soma insuficiente, adiantei mais de duzentas outras libras e, em duas semanas, os cento e cinquenta carroções, com duzentos e cinquenta e nove cavalos de carga, estavam em marcha para o acampamento. O anúncio prometia pagamento de acordo com a avaliação, caso fosse perdido qualquer carroção ou cavalo. Os proprietários, porém, alegando que não conheciam o General Braddock e não sabiam que confiança podiam ter em sua promessa, insistiram em que eu me responsabilizasse pelo negócio, com o que concordei.

Quando estava no acampamento, jantando uma tarde com os oficiais do regimento do Coronel Dunbar, este me manifestou sua preocupação pelos subalternos, que, disse ele, geralmente não eram ricos e dificilmente podiam, nesta terra de coisas caras, comprar as provisões que talvez fossem necessárias em marcha tão longa, através de região deserta, onde nada poderia ser adquirido. Condoí-me de sua situação e resolvi esforçar-me para que recebessem algum auxílio. Contudo, nada lhe disse de minha intenção, mas escrevi na manhã seguinte à comissão da Assembleia, que podia dispor de algum dinheiro público, recomendando calorosamente a causa desses oficiais à sua consideração e propondo que lhes fosse enviado um presente de víveres e guloseimas. Meu filho, que tinha certa experiência da vida militar, e de suas necessidades, elaborou uma lista, que anexei à minha carta. A comissão aprovou e agiu com tal diligência que, conduzidas por meu filho, as provisões chegaram ao acampamento tão depressa quanto os carroções. Consistiam em vinte pacotes, cada um deles contendo:

6 libras de açúcar refinado.

6 libras de açúcar mascavo bom.

1 libra de chá verde bom.

1 libra de chá preto bom.

6 libras de café moído bom.

6 libras de chocolate.

1/2 quintal de biscoito branco do melhor.

1/2 libra de pimenta.

1 quarta de vinagre de vinho branco do melhor,

132

1 queijo Gloucester.

1 barril contendo 20 libras de manteiga boa.

2 dúzias de vinho Madeira velho. 2 galões de aguardente da Jamaica.

1 vidro de mostarda. '

2 presuntos bem curados, 1/2 dúzia de línguas secas, 6 libras de arroz.

6 libras de passas.

Esses vinte pacotes, bem embrulhados, foram colocados sobre igual número de cavalos, destinando-se cada pacote, com o cavalo, a ser oferecido como presente a um oficial. Foram recebidos com muitos agradecimentos, e o favor foi reconhecido em cartas que me dirigiram os coronéis de ambos os regimentos, nos termos mais afetuosos. O general também ficou muito satisfeito com minha conduta ao obter-lhe os carroções etc. e pagou prontamente minha conta de despesas. Agradeceu-me repetidas vezes e pediu-me que o ajudasse ainda mais, remetendo-lhe provisões depois de sua partida. Encarreguei-me disso também e ocupei-me atarefadamente em fazê-lo até quando recebemos notícias de sua derrota, tendo adiantado de meu próprio dinheiro para o serviço mais de mil libras esterlinas, das

quais lhe enviei uma conta. Felizmente para mim, chegou às suas mãos poucos dias antes da batalha e ele me remeteu imediatamente uma ordem contra o pagador na soma redonda de mil libras, deixando o restante para o próximo acerto de contas. Considero uma sorte ter recebido este pagamento, pois nunca consegui obter o restante, sobre o qual me referirei mais adiante.

Este general, segundo penso, era um homem corajoso e poderia provavelmente ter feito figura como bom oficial em alguma guerra europeia. Contudo, tinha excessiva confiança própria, opinião muito alta sobre a validade de tropas regulares e muito má opinião sobre americanos e índios. George Crogham, nosso intérprete índio, acompanhou-o em sua marcha com uma centena de índios, que poderiam ter sido de grande utilidade para seu exército como guias, batedores etc., se os tivesse tratado com bondade. Todavia, foram menosprezados e desdenhados por ele, e gradualmente o abandonaram.

Conversando com ele certo dia, fez-me um relato do avanço que pretendia realizar. "Depois de tomar Fort Duquesne", disse ele, "prosseguirei até Niágara e, tendo-a capturado, até Frontenac, se a estação me der tempo. Suponho que dará, pois Duquesne dificilmente poderá deter-me por mais de três ou quatro dias. E em seguida nada vejo que possa obstruir minha marcha até Niágara". Tendo antes imaginado a longa linha que seu exército precisaria formar em sua marcha através de caminho muito estreito, a ser aberto para ele nas matas e capoeiras, e pensando também no que eu lera a respeito de uma anterior derrota de mil e quinhentos franceses, que haviam invadido o território dos iroquois, alimentava algumas dúvidas e temores quanto ao resultado da campanha. Contudo, aventurei-me apenas a dizer: "Não há dúvida, senhor, se chegardes bem diante de Duquesne, com essas magníficas tropas tão bem providas de artilharia, aquela localidade, ainda não completamente fortificada e, segundo ouvimos dizer, sem guarnição muito forte, provavelmente oferecerá apenas curta resistência. 0 único perigo de obstrução à vossa marcha que eu temo consiste em

emboscadas de índios, que, devido a prática constante, são hábeis em prepará-las e executá-las; e a linha fina, de quase quatro milhas de comprimento, que vosso exército precisará formar, poderá expô-lo a ataques de surpresa pelos flancos e a ser cortado como um fio em vários pedaços, que, devido à sua distância, não poderão chegar a tempo para apoiar um ao outro."

Ele sorriu de minha ignorância e respondeu: "Estes selvagens podem, de fato, ser um inimigo formidável para vossa tosca milícia americana, mas sobre as tropas regulares e disciplinadas do rei, senhor, é impossível que causem qualquer impressão." Eu tinha consciência da impropriedade de discutir com um militar questões de sua profissão e nada mais disse. O inimigo, porém, não se aproveitou da vantagem que eu temia lhe fosse proporcionada pela longa linha de marcha do exército, mas deixou-o avançar sem interrupção até a nove milhas da localidade. Então, quando mais concentrado (pois acabara de atravessar um rio, onde a vanguarda se detivera até todos terem chegado) e em uma parte mais aberta das matas do que qualquer outra atravessada por ele, atacou sua guarda avançada com pesado fogo disparado de trás de árvores e arbustos, sendo essa a primeira notícia que o general teve da proximidade do inimigo. Tendo essa guarda se desorganizado, o general lançou as tropas apressadamente em seu socorro, o que foi feito em grande confusão, através de carroções, bagagem e gado. O fogo veio então pelo flanco. Os oficiais estando a cavalo, eram mais facilmente distinguidos e escolhidos como alvo, e tombaram muito depressa. Os soldados reuniram-se em uma massa, sem ter nem receber ordens, e assim ficaram até serem mortos dois terços deles. Então, dominados pelo pânico, os restantes fugiram precipitadamente.

Os condutores dos carroções tomaram cada um deles um cavalo de sua parelha e puseram-se em fuga. Seu exemplo foi imediatamente seguido pelos outros, de modo que todos os carroções, provisões, artilharia e munições foram deixados para o inimigo. O general, estando ferido, foi retirado do local com dificuldade. Seu secretário, Sr. Shirley, foi morto ao seu lado. De

oitenta e seis oficiais, sessenta e três foram mortos ou feridos e, de mil e cem homens, morreram setecentos e quatorze. Esses mil e cem eram homens escolhidos de todo o exército. Os demais haviam sido deixados para trás com o Coronel Dunbar, que deveria seguir com a parte mais pesada das munições, provisões e bagagens. Os fugitivos, não sendo perseguidos, chegaram ao acampamento de Dunbar, e o pânico que os acompanhava instantaneamente o dominou e a toda sua gente. Embora tivesse então mais de mil homens e o inimigo que derrotara Braddock não ultrapassasse no máximo quatrocentos índios e franceses juntos, ao invés de avançar e esforçar-se por recuperar algo da honra perdida, ele ordenou que todas as provisões, munições etc. fossem destruídas, a fim de dispor de mais cavalos para auxiliar sua fuga até os povoados e ter menos coisas para transportar. Recebeu pedidos dos governadores de Virgínia, Maryland e Pensilvânia, para que colocasse suas tropas na fronteira, a fim de proporcionar certa proteção aos habitantes. Continuou, porém, sua marcha através de todo o país, não se considerando seguro senão após ter chegado a Filadélfia, onde os habitantes poderiam protegê-lo. Todo esse episódio deu a nós, americanos, a primeira suspeita de que nossas exaltadas ideias sobre a bravura das forças regulares britânicas não tinham bom fundamento.

Além disso, em sua primeira marcha, desde o desembarque até as últimas povoações, haviam saqueado e espoliado os habitantes, arruinando totalmente algumas famílias pobres, além de insultar, ofender e prender as pessoas que resistiam. Isso foi o bastante para deixar-nos descontentes com tais defensores, se é que realmente desejávamos defensores. Como foi diferente a conduta de nossos amigos franceses em 1781, quando, durante uma marcha através da parte mais povoada de nossa terra, de Rhode Island a Virgínia, ao longo de quase setecentas milhas, não provocaram a menor queixa pela perda de um porco, uma galinha ou mesmo uma maçã.

O Capitão Orme, um dos ajudantes de campo do general que, gravemente ferido, foi tirado do local juntamente com ele, continuando ao seu lado até sua morte, ocorrida alguns dias depois, contou-me

que ele permaneceu silencioso todo o primeiro dia e à noite disse apenas: "Quem o teria imaginado?" Conservou-se de novo em silêncio no dia seguinte, só dizendo por fim: "Da próxima vez saberemos melhor como lidar com eles." Morreu alguns minutos depois.

Tendo os documentos do secretário, com todas as ordens, instruções e correspondência do general, caído nas mãos do inimigo este selecionou e traduziu para o francês diversos dos artigos, que publicou, para provar as intenções hostis da Corte britânica antes da declaração de guerra. Entre esses documentos vi algumas cartas do general ao ministério, falando elogiosamente do grande serviço que eu prestara ao exército e recomendando-me à sua atenção. David Hume, que foi alguns anos depois secretário de lorde Hertford quando ministro na França, e posteriormente do general Conway quando secretário de Estado, contou-me também que vira entre os documentos, naquela secretaria, cartas de Braddock recomendando-me muito. Contudo, tendo sido infortunada a expedição, parece que meus serviços não foram considerados muito valiosos, pois tais recomendações nunca me foram de qualquer utilidade.

Quanto à recompensa dele próprio, só pedi uma, que foi a de dar a seus oficiais ordem para não recrutar mais nossos servos comprados e dispensar os que já haviam sido recrutados. Atendeu me prontamente e, em consequência, vários deles foram devolvidos a seus senhores, a pedido meu. Dunbar, quando assumiu o comando, não se mostrou tão generoso. Estando em Filadélfia, durante sua retirada, ou melhor, fuga, pedi-lhe a dispensa dos servos de três fazendeiros pobres do condado de Lancaster que ele havia recrutado, lembrando-lhes as ordens dadas nesse sentido pelo falecido general. Prometeu-me que, se os senhores o procurassem em Trenton, onde chegaria dentro de alguns dias, em sua marcha para Nova York, lhes entregaria seus homens. Em resultado, eles se deram ao trabalho e à despesa de ir a Trenton, e lá Dunbar recusou cumprir a promessa, para grande prejuízo e decepção deles.

Logo que a perda dos carroções e cavalos se tornou geralmente

conhecida, todos os proprietários me procuraram para reclamar a importância da avaliação por cujo pagamento eu me responsabilizara. Suas reclamações causaram-me grandes aborrecimentos. Informei-os de que o dinheiro estava preparado nas mãos do pagador, mas era preciso primeiro obter do General Shirley ordens de pagamento. Assegurei-lhes que me dirigira àquele general por carta, mas, estando ele distante, não era possível receber logo uma resposta, e precisavam, por isso, ter paciência. Isso tudo não foi suficiente para satisfazê-los e alguns começaram a processar-me. O General Shirley, finalmente, tirou-me dessa terrível situação nomeando comissários para examinar todas as reclamações e ordenar os pagamentos. O total atingia quase vinte mil libras, cujo pagamento me teria arruinado.

Antes de recebermos a notícia desta derrota, os dois doutores Bond procuraram-me com uma lista de subscrição para angariar dinheiro destinado a custear as despesas de uma grande exibição de fogos de artifício, que se pretendia apresentar como manifestação de regozijo quando chegasse a notícia de que havíamos capturado Fort Duquesne. Assumi uma expressão grave e disse que, em meu entender, haveria tempo suficiente para preparar a manifestação de regozijo quando soubéssemos que havia motivo para regozijo. Pareceram surpreendidos por eu não concordar imediatamente com sua proposta. "Que diabo!" disse um deles. "Você certamente não supõe que o forte não será capturado?" "Não sei se ele não será capturado, mas sei que os acontecimentos da guerra estão sujeitos a muita incerteza." Dei-lhes as razões de minhas dúvidas. A subscrição foi abandonada e os seus idealizadores furtaram-se assim à mortificação que teriam sofrido se os fogos de artifício fossem preparados. O Dr. Bond, em outra ocasião posterior, declarou que não gostara das previsões de Franklin.

O governador Morris, que antes da derrota de Braddock continuamente aborrecia a Assembleia com mensagem após mensagem, na tentativa de fazê-la aprovar leis que arrecadassem dinheiro para a defesa da província, sem tributar, entre outros, os bens dos proprietários, e rejeitara todos os projetos da Assembleia

por não terem essa cláusula de isenção, redobrou então seus ataques com mais esperança de êxito, uma vez que eram maiores o perigo e a necessidade, A Assembleia, porém, manteve-se firme, acreditando que tinha a justiça ao seu lado e que estaria abrindo mão de um direito essencial se permitisse ao governador emendar seus projetos de lei financeira. Em um dos últimos, com efeito, que se destinava à concessão de cinquenta mil libras, a emenda por ele proposta era de uma única palavra. O projeto dizia que "todos os bens, reais e pessoais, serão tributados, não se excetuando aqueles dos proprietários". Sua emenda era no sentido de substituir "não" por "só": alteração pequena, mas muito substancial. Todavia, quando a notícia deste desastre chegou à Inglaterra, nossos amigos de lá, aos quais eu tivera o cuidado de fornecer todas as respostas da Assembleia às mensagens do governador, ergueram um clamor contra os proprietários por sua mesquinhez e pela injustiça de dar tais instruções ao seu governador. Alguns chegaram a ponto de dizer que, obstruindo a defesa de sua província, eles perdiam seu direito a ela. Os proprietários ficaram intimidados com isso e mandaram a seu recebedor-geral ordem para acrescentar cinco mil libras de seu dinheiro à importância que a Assembleia viesse a destinar àquele propósito.

Isso, tendo sido comunicado à Câmara, foi aceito em lugar da participação deles em um imposto geral, elaborando-se um novo projeto de lei, com cláusula de isenção, que foi aprovado. Por esse ato, fui nomeado como um dos comissários incumbidos da aplicação do dinheiro, sessenta mil libras. Eu participara ativamente da redação do projeto e do esforço para sua aprovação, e redigira ao mesmo tempo um projeto que criava e organizava uma milícia voluntária, cuja aprovação na Câmara consegui sem muita dificuldade pois em seus termos tomou-se o cuidado de deixar os quakers em liberdade. A fim de promover a associação necessária à formação da milícia, escrevi um diálogo, expondo e respondendo a todas as objeções que pude imaginar a tal milícia, o qual foi impresso e, segundo penso, exerceu grande efeito.

Enquanto as várias companhias na cidade e no campo eram formadas e aprendiam seus exercícios, o governador convenceu-me a tomar conta de nossa fronteira norte-ocidental, que estava infestada pelo inimigo, e promover a defesa dos habitantes arregimentando tropas e construindo uma linha de fortes. Encarreguei-me dessa atividade militar, embora não me achasse muito bem qualificado para ela. Deu-me ele uma comissão com plenos poderes e numerosas comissões em branco para oficiais, a serem dadas a quem eu julgasse conveniente. Tive pouca dificuldade em arregimentar homens, contando logo com quinhentos e cinquenta sob meu comando. Meu filho, que na guerra anterior servira como oficial no exército organizado contra o Canadá, foi meu ajudante de campo, de grande utilidade para mim. Os índios haviam incendiado Gnadenhut, aldeia fundada pelos moravianos, e massacrado os habitantes, mas o local foi considerado em boa situação para um dos fortes,

A fim de marchar para lá, reuni as companhias em Bethlehem, principal povoado daquela gente. Fiquei surpreendido ao encontrá-lo em tão boa posição de defesa. A destruição de Gnadenhut fizera os moravianos perceberem o perigo. Os edifícios principais eram defendidos por uma paliçada. Eles haviam adquirido uma quantidade de armas e munições em Nova York e até mesmo colocado pequenas pedras de calçamento entre as janelas de suas altas casas de pedra, para que as mulheres jogassem sobre a cabeça de índios que tentassem entrar à força nelas. Os irmãos armados também mantinham guarda e eram rendidos tão metodicamente quanto em qualquer cidade fortificada. Em conversa com o bispo, Spangenberg, mencionei essa minha surpresa, pois, sabendo que haviam obtido um ato do Parlamento isentando-os de serviço militar nas colônias, supunha que tinham objeções de consciência ao uso de armas. Respondeu-me que esse não era um de seus princípios firmados, mas, na ocasião em que obtiveram aquele ato, acreditava-se que fosse um princípio obedecido por muitos dos seus. Nesta ocasião, porém, para grande surpresa sua, verificaram ser ele adotado apenas por poucas pessoas. Pareceu-me que haviam enganado a si próprios ou enganado ao Parlamento. O bom senso, auxiliado pelo perigo

imediato, é, às vezes, porém forte demais para opiniões extravagantes.

Foi no início de janeiro que nos dedicamos a essa atividade de construir fortes. Enviei um destacamento para o Minisink, com instruções para construir um forte destinado à segurança daquela parte alta do país e outro para a parte baixa, com instruções semelhantes. Decidi ir pessoalmente com o resto de minhas forças até Gnadenhut, onde havia necessidade mais imediata de um forte. Os moravianos forneceram-me cinco carroções para o transporte de nossas ferramentas, provisões, bagagens etc.

Pouco antes de deixarmos Bethlehem, onze lavradores, que haviam sido expulsos de suas plantações pelos índios, procuraram me para pedir armas de fogo, a fim de poderem voltar e retomar seu gado. Dei a cada um deles uma arma com munição adequada. Ainda não havíamos marchado muitas milhas quando começou a chover, e continuou chovendo o dia inteiro, Não encontramos no caminho habitações onde pudéssemos abrigar-nos, até chegarmos quase de noite à casa de um alemão, onde, em seu celeiro, nos amontoamos todos, completamente molhados. Foi bom não termos sido atacados em nossa marcha, pois nossas armas eram da espécie mais ordinária e nossos homens não conseguiam manter seus fechos secos. Os índios são hábeis em recursos para esse fim, dos quais nós não dispúnhamos. Haviam encontrado naquele dia os onze pobres lavradores mencionados e mataram dez deles. O que escapou informou que sua arma e as de seus companheiros não disparavam, por terem sido as escorvas molhadas pela chuva.

Fazendo bom tempo no dia seguinte, continuamos nossa marcha e chegamos à desolada Gnadenhut. Havia nas proximidades uma serraria, ao redor da qual tinham sido deixadas várias pilhas de tábuas, com as quais logo fizemos cabanas. Essa operação era mais necessária naquela estação inclemente porque não possuíamos barracas e nosso primeiro trabalho foi sepultar melhor os mortos que lá encontramos, os quais haviam sido meio enterrados pela gente do campo.

Na manhã seguinte, nosso forte foi planejado e demarcado, medindo sua circunferência quatrocentos e cinquenta e cinco pés, o que exigiria igual número de estacas a serem feitas de árvores, uma encostada à outra, de um pé de diâmetro cada uma. Nossos machados, dos quais tínhamos setenta, foram imediatamente postos em ação para derrubar árvores e, sendo nossos homens muito hábeis em seu uso, foi feito grande progresso. Vendo as árvores caírem tão depressa, tive a curiosidade de olhar em meu relógio quando dois homens começaram a cortar um pinheiro. Em seis minutos, puseram-no no chão, e constatei que tinha quatorze polegadas de diâmetro. Cada pinheiro dava três estacas de dezoito pés de comprimento, pontiagudas em Uma extremidade. Enquanto estas estavam sendo preparadas, outros homens abriam em toda a volta uma vala de três pés de profundidade, na qual seriam plantadas as estacas. Tendo sido tirada a carroçaria de nossos carroções e separadas as rodas dianteiras e traseiras, pela remoção do pino que unia as duas partes do varal, dispúnhamos de dez carros, com dois cavalos cada, um, para levar as estacas da mata até o local. Erguida a paliçada, nossos carpinteiros construíram por dentro, em toda a volta, um piso de tábuas de cerca de seis pés de altura, onde os homens ficassem quando fossem atirar através das seteiras. Tínhamos um canhão de rodízio, que montamos em um dos cantos e disparamos assim que ficou instalado, a fim de fazer os índios saberem, caso houvesse índios à distância de ouvi-lo, que tínhamos tais peças. Assim, nosso forte, se nome tão magnífico pode ser dado a tão miserável estacada, ficou terminado em uma semana, embora, dia sim, dia não, chovesse tanto que os homens não podiam trabalhar.

Isso me proporcionou oportunidade de observar que, quando estão ocupados, os homens ficam mais satisfeitos, Nos dias em que trabalhavam, mostravam-se bem humorados e alegres. Com a consciência de ter feito um bom dia de trabalho, passavam o serão jovialmente. Em nossos dias de inatividade, porém, mostravam-se rebeldes e briguentos, encontrando defeitos em sua carne de porco, no pão etc., e em constante mau humor, o que me fez lembrar um capitão de marinha, cuja norma era manter seus homens

constantemente trabalhando. Quando, certa vez, seu imediato lhe comunicou que os homens já haviam feito tudo e nada mais havia em que ocupá-los, ele disse: "*Oh, faça-os arear a âncora*".

Esta espécie de forte, por mais desprezível que seja, é defesa suficiente contra índios, que não dispõem de canhões. Estando então instalados em segurança e dispondo de um lugar onde refugiar em caso de necessidade, aventuramo-nos a sair em grupos para explorar o terreno adjacente. Não vimos índios, mas encontramos os lugares onde, nos montes vizinhos, tinham ficado observando nosso trabalho. Havia na maneira como preparavam esses lugares uma arte que vale a pena mencionar. Sendo inverno, precisavam de uma fogueira, mas uma fogueira comum na superfície da terra revelaria à distância, com sua luz, a posição deles. Por isso, abriam no solo buracos de cerca de três pés de diâmetro e profundidade um pouco maior. Vimos onde haviam cortado, com suas machadinhas, o carvão dos lados de troncos queimados que se encontravam na mata. Com esse carvão fizeram pequenas fogueiras no fundo dos buracos, e observamos entre o mato e a grama as marcas de seus corpos, feitas quando deitaram ao redor, com as pernas pendendo nos buracos para conservar os pés aquecidos, o que é para eles um ponto essencial. Essa espécie de fogueira, assim preparada, não podia denunciá-los, fosse por sua luz, chama, fagulhas ou mesmo fumaça, Tivemos a impressão que seu número não era grande e, segundo parece, viram que éramos muito numerosos para poder ser por eles atacados com perspectiva de vantagem,

Tínhamos como capelão um zeloso ministro presbiteriano, Sr. Beatty, o qual se queixou a mim de que os homens em geral não assistiam a suas preces e exortações. Quando se alistaram, fora-lhes prometido, além do soldo e provisões, um ‘gill" [10] de rum por dia, que lhes era pontualmente servido, metade de manhã e metade à noite, Observei que eles eram igualmente pontuais em comparecer para recebê-lo. Disse então ao Sr. Beatty. "Talvez esteja abaixo da dignidade de sua profissão servir como distribuidor de rum, mas, se o distribuísse e o fizesse apenas depois das orações, teria todos eles

ao seu redor." Ele gostou da ideia, aceitou a incumbência e, com o auxílio de alguns homens para medir a bebida, executou-a satisfatoriamente e nunca orações foram mais geralmente e pontualmente assistidas. Achei esse método preferível ao castigo aplicado por algumas leis militares pelo não comparecimento ao serviço religioso.

Mal havia eu terminado essa tarefa e deixado meu forte bem abastecido de provisões, quando recebi do governador uma carta comunicando-me que convocara a Assembleia e desejava minha presença lá, se o estado dos negócios nas fronteiras era de molde a não exigir mais minha permanência. Como meus amigos da Assembleia também insistiam em suas cartas para que, se possível, eu comparecesse à reunião e como meus três fortes planejados já estavam concluídos e os habitantes dispostos a permanecer em suas fazendas sob aquela proteção, resolvi voltar.

Fiz isso ainda com maior disposição porque um oficial da Nova Inglaterra, Coronel Clapham, experimentado na guerra contra os índios, estava em visita a nosso estabelecimento e consentiu em aceitar o comando. Dei-lhe uma carta de comissionamento e, fazendo a guarnição desfilar, mandei que fosse lida diante dela e apresentei-o a ela como um oficial que, por sua aptidão em questões militares, estava muito mais habilitado a comandá-la do que eu. Dirigindo-lhe depois uma pequena exortação, despedi-me. Fui escoltado até Bethlehem, onde descansei alguns dias para recuperar-me do cansaço que sofrera. Na primeira noite, estando em uma boa cama, mal consegui dormir, por ser tão diferente do chão duro em que me deitava em nossa cabana em Gnaden, embrulhado apenas em um ou dois cobertores.

Em Bethlehem, indaguei um pouco sobre os costumes dos moravianos. Alguns deles me haviam acompanhado e todos foram muito bondosos comigo. Descobri que trabalhavam para um fundo comum, comiam em mesas comuns e dormiam em dormitórios comuns, muitos deles juntos. Nos dormitórios, a certas distâncias ao longo de toda a volta pouco abaixo do teto, observei aberturas que

achei judiciosamente localizadas para renovação do ar. Estive em sua igreja, onde me entretive com boa música, sendo o órgão acompanhado por violinos, oboés, flautas, clarinetas etc. Soube que seus sermões, em geral, não eram pregados a congregações mistas de homens, mulheres e crianças, como é nossa prática comum, mas que reuniam, às vezes, os homens casados, outras vezes suas esposas, depois os moços, as moças e as criança pequenas, cada divisão separadamente. O sermão que ouvi era dirigido às últimas, que entraram e foram colocadas em fileiras nos bancos, os meninos sob a direção de um moço, seu preceptor, e as meninas dirigidas por uma moça. O sermão parecia bem adequado às suas capacidades e foi proferido de maneira agradável e familiar, adulando-as, por assim dizer, para que se tornassem boas. Portavam-se com muita ordem, mas pareciam pálidas e doentias, levando-me a suspeitar que eram conservadas muito dentro de casa e não faziam suficiente exercício.

Indaguei a respeito dos casamentos moravianos, perguntando se era verdadeira a informação de que se faziam por meio de sorteio. Disseram-me que os sorteios só eram usados em casos particulares; que geralmente, quando um moço estava disposto a casar-se, comunicava seu desejo aos mais velhos de sua classe, os quais consultavam as mulheres mais velhas, que governavam as moças. Como esses velhos de ambos os sexos conheciam bem o temperamento e a disposição de seus respectivos pupilos, podiam julgar melhor quais as uniões adequadas, e seus julgamentos eram geralmente aceitos. Todavia, quando acontecia, por exemplo, de acharem que duas ou três moças eram igualmente convenientes para o moço, recorria-se ao sorteio. Objetei que, se os casamentos não resultavam da escolha mútua das partes, alguns deles poderiam ter probabilidade de ser muito infelizes. "E o mesmo pode acontecer", respondeu meu informante, "quando se deixa que as partes escolham por si próprias". O que, de fato, não pude negar.

De volta a Filadélfia, constatei que a associação ia muito bem. Os habitantes que não eram quakers geralmente nela ingressaram, organizaram-se em companhias e escolheram seus capitães,

tenentes e porta-bandeiras, de acordo com a nova lei. O Dr. B. visitou-me e fez-me um relato do trabalho que tivera para despertar boa vontade geral em relação à lei e atribuiu muita coisa a esses esforços. Eu tivera a vaidade de atribuir tudo a meu Diálogo. Todavia, não sabendo se ele poderia ter razão, deixei-o gozar de sua opinião, o que considero geralmente como o melhor método em tais casos. Os oficiais, reunidos, escolheram-me para coronel do regimento, o que desta vez aceitei. Esqueci-me quantas companhias tínhamos, mas fizemos desfilar cerca de mil e duzentos homens de boa aparência, com uma companhia de artilharia, provida de seis canhões de campanha, em cujo uso se tornaram tão habilidosos a ponto de disparar doze vezes em um minuto. Na primeira vez em que passei em revista meu regimento, seus integrantes acompanharam-me até minha casa e saudaram-me com alguns disparos diante de minha porta, o que sacudiu e quebrou vários vidros de meus aparelhos elétricos. Minha nova honraria não se mostrou menos frágil, pois todas as nossas comissões logo foram anuladas pela rejeição da lei na Inglaterra.

Durante este curto período de tempo em que fui coronel, estando para realizar uma viagem a Virgínia, os oficiais de meu regimento tiveram a ideia de que seria apropriado escoltarem-me na saída da cidade, até o Lower Ferry. Quando estava tomando o cavalo chegaram à porta de minha casa, em número de trinta a quarenta, montados e todos uniformizados. Eu não tivera conhecimento prévio do plano, caso contrário o teria impedido, pois sou naturalmente avesso a demonstrar imponência em qualquer ocasião. Fiquei muito contrariado com seu aparecimento, pois não podia evitar que me acompanhassem. O pior é que, tão logo nos pusemos a caminho, desembainharam as espadas e cavalgaram com elas desembainhadas o tempo todo. Alguém fez um relato disso ao proprietário, que ficou muito ofendido. Nenhuma honra semelhante lhe fora prestada quando se encontrava na província, nem a qualquer de seus governadores. Disse ele que isso era apropriado apenas a príncipes de sangue real, o que talvez seja verdade, pelo que eu sei, pois era e ainda sou ignorante da etiqueta em tais casos.

Essa tola ocorrência contribuiu, porém, para intensificar muito seu rancor contra mim, que já não era pouco antes,) devido à minha conduta na Assembleia com respeito à isenção de imposto sobre seus bens, a que eu sempre me opusera muito veementemente e não sem severas reflexões sobre sua mesquinhez e injustiça ao reivindicá-la. Acusou-me perante o ministério de ser grande obstáculo ao serviço do rei, impedindo, com minha influência na Câmara, que os projetos de lei sobre arrecadação de dinheiro tivessem a forma adequada. Citou esse desfile com meus oficiais como prova de que eu tinha a intenção de tomar de suas mãos pela força o governo da província. Pediu também a Sir Everard Fawkener, diretor-geral dos Correios, que me privasse de meu cargo. Todavia, isso não teve outro efeito senão o de provocar da parte de Sir Everard uma delicada advertência.

Apesar da contínua disputa entre o governador e a Câmara, na qual, como membro da última, eu tinha grande participação, perdurava ainda uma relação civil entre aquele cavalheiro e eu, sem que nunca tivéssemos qualquer divergência pessoal. Desde então tenho pensado algumas vezes que seu pouco ou nenhum ressentimento contra mim, pelas respostas a suas mensagens, que se sabia serem redigidas por mim, talvez fosse efeito de hábito profissional. Formado Como advogado, ele talvez nos considerasse apenas como advogados de clientes empenhados em uma demanda, ele pelos proprietários e eu pela Assembleia. Por isso, às vezes pedia-me de maneira amistosa que o aconselhasse em questões difíceis e, às vezes, embora nem sempre, seguia meu conselho.

Agimos em conjunto para suprir de provisões o exército de Braddock. Quando chegou a chocante notícia de sua derrota, o governador mandou chamar-me às pressas, para consultar-me sobre medidas tendentes a impedir a deserção dos condados do interior. Esqueço-me agora do conselho que lhe dei. Penso, porém, que foi no sentido de escrever a Dunbar e convencê-lo, se possível, a dispor suas tropas nas fronteiras para proteção delas, até que, com reforços das colônias, ele estivesse em condições de prosseguir na expedição.

Depois de meu regresso da fronteira, estando Dunbar e seus homens ocupados em outras coisas, ele queria que eu assumisse a direção de tal expedição com tropas provinciais, para a captura de Fort Duquesne. Propôs comissionar-me como general. Eu não tinha sobre minhas aptidões militares opinião tão boa quanto ele proclamava ter e creio que suas declarações devem ter ido além de seus verdadeiros sentimentos. Provavelmente, porém, pensava que minha popularidade facilitaria o recrutamento de homens e minha influência na Assembleia facilitaria a concessão de dinheiro para pagá-los, isso talvez sem tributar os bens dos proprietários. Não me vendo tão disposto a comprometer-me quanto esperava, o projeto foi abandonado, e logo depois ele deixou o governo, sendo substituído pelo Capitão Denny.

Antes de passar a relatar a participação que tive nos negócios públicos sob a administração desse novo governador, talvez não seja impróprio dar aqui algumas informações sobre o crescimento e progresso de minha reputação filosófica.

Em 1746, estando em Boston, conheci lá um certo Dr. Spence que chegara pouco tempo antes da Escócia e que me exibiu algumas experiências elétricas. Foram realizadas de maneira imperfeita pois ele não era muito hábil. Todavia, sendo sobre matéria absolutamente nova para mim, surpreenderam-me e agradaram-me igualmente. Logo depois de meu regresso a Filadélfia, nossa biblioteca recebeu do Sr. P. Collinson, membro da Real Sociedade de Londres o presente de um tubo de vidro, com informações sobre a maneira de usá-lo em tais experiências. Aproveitei avidamente a oportunidade de repetir o que vira em Boston. Com muita prática, adquiri grande facilidade para executar também aquelas sobre as quais recebera notícia da Inglaterra, acrescentando diversas outras novas. Digo muita prática porque minha casa esteve, durante algum tempo, constantemente cheia de gente que ia ver essas novas maravilhas.

Para dividir esse encargo entre meus amigos, fiz com que se soprassem em nossa vidraria vários tubos semelhantes, que foram por eles adquiridos, de modo que finalmente tivemos vários

demonstradores. Entre estes, o principal foi o Sr. Kinnersley, um talentoso vizinho que, estando desempregado, encorajei a exibir as experiências por dinheiro. Redigi para ele duas conferências, nas quais as experiências eram dispostas em tal ordem e acompanhadas de explicações com tal método que as anteriores facilitavam a compreensão das posteriores. Adquiri para esse fim um elegante aparelho, no qual todas as pequenas máquinas que eu fizera sozinho toscamente foram primorosamente confeccionadas por fabricantes de instrumentos. Suas palestras tiveram boa assistência e produziram grande satisfação. Depois de algum tempo, ele percorreu as colônias, exibindo-se em todas as capitais, e ganhou algum dinheiro. Nas Índias Ocidentais, só com muita dificuldade foi possível realizar as experiências, devido à umidade geral do ar.

Agradecidos como estávamos ao Sr. Collinson pelo seu presente do tubo etc., achei conveniente informá-lo de nosso sucesso em seu emprego e escrevi-lhe várias cartas contendo relatos de nossas experiências. Ele fez com que fossem lidas na Real Sociedade, onde a princípio não foram consideradas dignas de tanta atenção a ponto de serem publicadas em seus relatórios. Um artigo, que escrevi para o Sr. Kinnersley, sobre a identidade entre o raio e a eletricidade, foi por mim remetido ao Dr. Mitchel, conhecido meu e também um dos membros daquela sociedade, O qual me escreveu dizendo que ele havia sido lido, mas dele riram os entendidos. Entretanto, sendo os artigos mostrados ao Dr. Fothergill, este os achou valiosos demais para serem ignorados e recomendou sua publicação. O Sr. Collinson deu-os a "Cave" para publicação em seu "Gentleman's Magazine". 'Cave", porém, preferiu imprimi-los separadamente em um folheto, e o Dr. Fothergill escreveu o prefácio. "Cave", segundo parece, julgou certo para seu lucro, pois com os acréscimos que chegaram posteriormente eles se tornaram um volume in-quarto, que teve cinco edições, e nada lhe custaram de direitos autorais.

Passou-se, porém, algum tempo antes que aqueles artigos despertassem muita atenção na Inglaterra. Tendo acontecido de cair um exemplar deles nas mãos do conde de Buffon, filósofo

merecidamente de grande reputação na França e, na verdade, em toda a Europa, convenceu ele o Sr. Dalibard a traduzi-los para o francês e a tradução foi impressa em Paris. A publicação ofendeu o Abbé Nollet, preceptor de Filosofia Natural da família real e competente experimentador, que havia formulado e publicado uma teoria sobre eletricidade, em grande voga. A princípio, não pôde acreditar que tal trabalho proviesse da América e disse que deveria ter sido fabricado por seus inimigos em Paris, a fim de desacreditar seu sistema. Posteriormente, tendo-lhe sido afirmado que realmente existia uma pessoa chamada Franklin, em Filadélfia, do que ele havia duvidado, escreveu e publicou um volume de cartas, dirigidas principalmente a mim, defendendo sua teoria e negando veracidade às minhas experiências e às conclusões delas deduzidas.

Pretendi em certo momento responder ao abade e realmente comecei uma resposta. Todavia, considerando que meus escritos continham uma descrição de experiências que qualquer um poderia repetir e verificar, e se não fossem verificadas, não poderiam ser defendidas; e consistiam em observações apresentadas como conjecturas, e não proclamadas dogmaticamente, não me impondo portanto qualquer obrigação de defendê-las; e refletindo que uma disputa entre duas pessoas que escreviam em línguas diferentes poderia prolongar-se muito devido a erros de tradução e, consequentemente, a interpretações errôneas do que cada um queria dizer, sendo que mais de uma das cartas do abade se baseava em erro de tradução, concluí por deixar meus artigos cuidarem de si próprios, acreditando que era melhor gastar o tempo que pudesse tomar dos negócios públicos em fazer novas experiências, do que em discutir sobre aquelas já realizadas.

Por isso, nunca respondi ao Sr. Nollet, e os acontecimentos não me deram motivo para arrepender-me de meu silêncio. Meu amigo Sr. Le Roy, da Real Academia de Ciências, tomou a defesa de minha causa e refutou-o. Meu livro foi traduzido para o italiano, alemão e latim. A doutrina nele contida foi sendo aos poucos universalmente adotada pelos filósofos da Europa, em detrimento à do abade, de

modo que este viveu o suficiente para ver-se como o último de sua seita, com exceção do Sr. B. , de Paris, seu aprendiz e discípulo imediato.

O que deu a meu livro a mais repentina e geral celebridade foi o êxito de uma das experiências nele propostas, feita pelos Srs. Dalibard e De Lor, em Marly, para atrair raio das nuvens. Isso despertou interesse público em toda parte. O Sr. De Lor, que tinha um aparelho de filosofia experimental e lecionava esse ramo da ciência, empenhou-se em repetir o que chamava de "Experiências da Filadélfia". Após essas experiências terem sido realizadas perante o rei e a corte, todos os curiosos de Paris afluíram para assistir a elas. Não alongarei esta narrativa com um relato dessa decisiva experiência, nem do infinito prazer que experimentei com o êxito de outra semelhante que fiz logo depois com um papagaio em Filadélfia, pois ambas podem ser encontradas nas histórias da eletricidade.

O Dr. Wright, um físico inglês, quando se encontrava em Paris, escreveu a um amigo, membro da Real Sociedade, relatando a alta estima de que minhas experiências gozavam entre os sábios do estrangeiro e falando de sua admiração por meus escritos terem sido tão pouco notados na Inglaterra. Em vista disso, a sociedade reiniciou a consideração das cartas que nela haviam sido lidas e o célebre Dr. Watson fez um relato resumido delas e de todas as outras que posteriormente mandei à Inglaterra sobre o assunto, ao qual juntou alguns elogios ao escritor. Este resumo foi então publicado nos relatórios da sociedade e, tendo alguns de seus membros em Londres, particularmente o talentoso Sr. Canton, verificado a experiência de atrair raio das nuvens com uma vara pontiaguda e reconhecido seu sucesso, logo me foram feitas reparações mais que suficientes pela desconsideração com que havia sido tratado anteriormente. Sem eu ter feito qualquer solicitação dessa honraria, escolheram-me como membro e decidiram que eu deveria ser dispensado dos pagamentos costumeiros, que se elevavam a vinte e cinco guinéus; e desde então me remeteram gratuitamente seus relatórios. Ofereceram-me também a medalha de ouro de Sir Godfrey

Copley, correspondente ao ano de 1753, cuja outorga foi acompanhada por um discurso muito bonito do presidente, Lorde Mac Clesfield, com o que me senti altamente honrado.

Nosso novo governador, capitão Denny, trouxe-me a mencionada medalha da Real Sociedade, que me entregou em uma festa a ele oferecida pela cidade. Fez acompanhar a entrega com expressões muito corteses de sua estima por mim, cujo caráter, segundo disse, há muito tempo conhecia. Depois do jantar, quando os convidados, como era costume naquele tempo, estavam ocupados em beber, levou-me para outra sala e contou-me que fora aconselhado por seus amigos na Inglaterra a cultivar minha amizade, como a de uma pessoa capaz de dar-lhe os melhores conselhos e contribuir muito eficazmente para tornar fácil sua administração; que, por isso, desejava acima de tudo ter um bom entendimento comigo e pedia-me que acreditasse em sua disposição de prestar-me a qualquer momento todo serviço que estivesse a seu alcance. Falou-me muito também da boa disposição dos proprietários em relação à província e da vantagem que poderia haver para todos nós, e para mim particularmente, se fosse abandonada a oposição que há tanto tempo vinha sendo feita às medidas do proprietário e restabelecida a harmonia entre ele e o povo; para o que se acreditava que ninguém poderia ser mais útil do que eu; e eu poderia contar com adequado reconhecimento e recompensas etc., etc. Os que bebiam na outra sala, vendo que não voltávamos imediatamente para a mesa, mandaram-nos uma garrafa de Madeira, da qual o governador usou liberalmente, tornando-se, em igual medida, mais profuso em suas solicitações e promessas.

Minhas respostas foram neste sentido: que minha situação, graças a Deus, era de molde a tornar desnecessários para mim favores do proprietário; e que, sendo membro da Assembleia, eu não poderia aceitar favores; que, porém, eu não tinha inimizade pessoal pelo proprietário e, sempre que as medidas públicas por eles propostas parecessem boas para o povo, ninguém as esposaria e as defenderia mais zelosamente do que eu; minha oposição passada

baseara-se no fato de as medidas propostas terem sido evidentemente destinadas a servir ao interesse do proprietário, com grande prejuízo para o povo; que eu lhe agradecia muito (ao governador) suas manifestações de consideração por mim e que podia contar com tudo quanto estivesse ao meu alcance para tornar sua administração a mais fácil possível, esperando ao mesmo tempo que ele não tivesse mais trazido a mesma infeliz instrução que havia embaraçado seu predecessor.

Sobre isso ele não se explicou na ocasião. Posteriormente, quando começou a tratar com a Assembleia, aquela instrução apareceu de novo, as disputas se reiniciaram, e eu me mantive tão ativo como sempre na oposição, sendo o redator, primeiramente, do pedido de uma comunicação das instruções e em seguida das observações sobre elas, que podem ser encontradas nas votações da época e na "Historical Review" que publiquei posteriormente. Contudo entre nós pessoalmente não houve inimizade alguma. Estávamos frequentemente juntos. Ele era um homem de letras, já vira muita coisa do mundo e tinha conversa muito divertida e agradável. Deu-me a primeira informação de que meu velho amigo Ralph ainda estava vivo, era considerado um dos melhores escritores políticos da Inglaterra, Fora empregado na disputa entre o príncipe Frederico e o rei, e obtivera uma pensão de trezentas libras por ano; que sua reputação como poeta era, na verdade, pequena, tendo Pope condenado sua poesia na "Dunciad", mas sua prosa era considerada como das melhores.

Achando a Assembleia finalmente que o proprietário persistia de maneira obstinada em manietar seus representantes com instruções incompatíveis, não só com os privilégios do povo, mas com o serviço da coroa, decidiu dirigir ao rei uma petição contra elas e nomeou-me seu agente para ir à Inglaterra, apresentar e defender a petição. A Câmara enviara ao governador um projeto de lei, concedendo a importância de sessenta mil libras para uso do rei (das quais dez mil libras estavam sujeitas às ordens do então general, Lorde Loudoun), que o governador recusou categoricamente aprovar, em obediência a

instruções.

Eu já combinara com Morris, capitão do barco que se encontrava em Nova York, quanto à minha passagem, e minhas provisões haviam sido levadas para bordo, quando Lorde Loudoun chegou a Filadélfia, expressamente, como me disse, para procurar uma acomodação entre o governador e a Assembleia, pois o serviço de sua majestade não podia ser obstruído pelas divergências entre ambos. Por isso, desejava que o governador e eu nos encontrássemos, para que ele pudesse ouvir o que ambas as partes tinham a dizer. Reunimo-nos e discutimos a questão.

Em nome da Assembleia, apresentei todos os vários argumentos que podem ser encontrados nos documentos públicos daquela época, os quais foram de minha autoria e estão impressos com as minutas da Assembleia. O governador invocou suas instruções, o compromisso que assumira de observá-las e a ruína que sofreria se desobedecesse, mas não parecia disposto a arriscar-se se Lorde Loudoun o aconselhasse nesse sentido, Sua excelência preferiu não fazer isso, embora em certo momento eu pensasse que quase o convencera a fazê-lo. Finalmente, porém, preferiu concitar a Assembleia a transigir e pediu que me esforçasse junto a ela com esse propósito, declarando que não enviaria nenhuma das tropas do rei para a defesa de nossas fronteiras e que, se não continuássemos nós próprios a cuidar dessa defesa, elas ficariam expostas ao inimigo.

Comuniquei à Câmara o que se passara e apresentei-lhe um conjunto de resoluções que havia redigido, proclamando nossos direitos e afirmando que não abandonávamos a defesa desses direitos, mas só suspendíamos o exercício deles nessa ocasião pela força, contra o que protestávamos. Finalmente, a Câmara concordou em rejeitar o projeto anterior e elaborar outro de acordo com as instruções do proprietário. Este naturalmente foi então aprovado pelo governador e eu fiquei livre para prosseguir minha viagem. Nesse meio tempo, porém, o navio havia partido com minhas provisões de viagem, o que representou certo prejuízo para mim, e minha única recompensa foram os agradecimentos de sua excelência por meus

serviços, recaindo sobre ele todo o mérito de haver obtido a acomodação.

Ele seguiu para Nova York antes de mim. Como a data da partida dos navios estava a seu critério e restavam lá dois navios, um dos quais, segundo ele disse, devia partir logo, pedi-lhe para informar-me da data exata, para que eu não o perdesse por demora de minha parte. Sua resposta foi esta: "Eu fiz saber que ele partirá sábado próximo, mas posso dizer-lhe, "entre nous", que se estiver aqui, segunda-feira de manhã, chegará em tempo, mas não demore além disso." Por um embaraço acidental na barca, só cheguei depois do meio-dia de segunda-feira e temia muito que o navio tivesse partido, pois o vento era favorável. Logo, porém, tranquilizou-me a informação de que ele ainda estava no porto e não se moveria até o dia seguinte. Poder-se-ia imaginar que eu estava então na iminência de partir para a Europa. Eu também pensava assim. Contudo, não conhecia ainda bem o caráter de sua excelência, do qual a indecisão era um dos aspectos mais vigorosos. Darei alguns exemplos. Foi mais ou menos em princípios de abril que cheguei a Nova York e penso que era quase em fins de junho quando partimos. Havia então dois outros navios, que há tempos estavam no porto; encontravam-se retidos à espera das cartas do general, que iam ficar prontas no dia seguinte. Chegou outro navio, que também ficou retido antes de partir, estava sendo esperado um quarto. O nosso foi o primeiro a ser despachado, pois era o que lá se encontrava havia mais tempo. Todos eles já estavam com passageiros, alguns dos quais extremamente impacientes por partir. Os negociantes preocupavam-se com suas cartas e com as ordens que haviam dado para o seguro (sendo tempo de guerra) de mercadorias. As cartas de sua excelência não estavam prontas e quem o procurava sempre em sua mesa, de pena na mão, concluindo que ele precisava escrever abundantemente.

Indo eu próprio certa manhã apresentar-lhe meus respeitos, encontrei em sua antecâmara um certo Innis, um mensageiro de Filadélfia, que viera de lá urgentemente com uma encomenda do governador Denny para o general. Entregou-me algumas cartas de

meus amigos de lá, o que me levou a perguntar quando voltaria e onde estava hospedado para que eu pudesse mandar outras cartas por seu intermédio. Disse-me que recebera ordem para procurar no dia seguinte às nove horas a resposta do general ao governador e deveria partir imediatamente. Entreguei-lhe minhas cartas no mesmo dia. Uma quinzena depois, encontrei-o de novo no mesmo lugar. "Você voltou logo, Innis?" "Voltei? Não, eu ainda não fui." "Como foi isso?" "Tenho vindo aqui, obedecendo a ordens, todas as manhãs nas duas últimas semanas, buscar a carta de sua excelência, que ainda não está pronta." "Como é possível, sendo ele tão grande escritor? Vejo-o constantemente em sua escrivaninha." "Sim", disse Innis, "mas ele é como o São Jorge dos anúncios, sempre a cavalo, mas nunca sai do lugar." Parece-me que era bem fundada essa observação do mensageiro, pois, quando estive na Inglaterra, soube que o Sr. Pitt apresentou como uma das razões para o afastamento desse general e o envio dos generais Amherst e Wolfe o fato *de o ministro nunca ter notícia dele e não poder saber o que estava fazendo*.

Devido a essa expectativa diária de partida e indo todos os três navios para Sand Hook, a fim de lá juntar-se à frota, os passageiros acharam melhor ficar a bordo, temendo que, por uma ordem repentina, os barcos partissem e eles fossem deixados para trás. Lá, se me lembro bem, ficamos cerca de seis semanas, consumindo nossas provisões de viagem e obrigados a adquirir mais. Finalmente, a frota partiu, com o general e todo o seu exército a bordo, rumo a Louisburg, com a intenção de sitiar e capturar aquela fortaleza. Todos os barcos receberam ordem de ficar à disposição do navio do general, prontos para receber seus despachos quando estivessem preparados. Ficamos esperando cinco dias antes de receber uma carta com autorização para partir, e então nosso navio deixou a esquadra e rumou para a Inglaterra. Ele ainda reteve os outros dois barcos, levou-os consigo para Halifax, onde permaneceu algum tempo para exercitar seus homens em ataques simulados a fortes simulados, depois mudou de ideia quanto ao sítio de Louisburg e voltou a Nova York, com Todas as suas tropas, juntamente com os

dois navios antes mencionados e todos os seus passageiros! Durante sua ausência, os franceses e selvagens capturaram Fort George, na fronteira daquela província, e os selvagens massacraram grande parte da guarnição depois da capitulação.

Estive posteriormente em Londres com o Capitão Bonnell, que comandava um daqueles navios. Contou-me que, depois de ficar retido durante um mês, comunicara a sua excelência que seu navio estava com o casco sujo a ponto de prejudicar a rapidez de navegação, questão de importância para um barco de passageiros, e pedira um prazo para metê-lo de querena e limpar seu casco. Perguntaram-lhe quanto tempo seria necessário para isso. Três dias, respondeu ele. O general replicou: "Se pode fazê-lo em um dia, darei autorização. Caso contrário, não darei, pois você deverá certamente partir depois de amanhã." Assim, nunca obteve permissão, embora depois ficasse retido de dia para dia, durante três meses inteiros.

Estive também em Londres com um dos passageiros de Bonnell, o qual ficara tão furioso com sua excelência por enganá-lo e retê-lo tanto tempo em Nova York, e por levá-lo a Halifax e trazê-lo de volta, que jurou processá-lo por danos. Nunca soube se o fez ou não, mas, segundo dizia, o prejuízo para seus negócios fora muito considerável.

Em suma, admirou-me muito ter sido confiado a tal homem empreendimento tão importante como a direção de um grande exército. Todavia, tendo visto desde então muitas outras coisas do grande mundo, assim como os meios de conseguir e os motivos para conferir cargos, minha admiração diminuiu. O General Shirley a quem coubera o comando do exército depois da morte de Braddock,' teria, em minha opinião, se continuasse no cargo, feito campanha muito melhor que a de Loudoun em 1757, que foi frívola, odiosa e mais prejudicial à nossa nação do que se pode imaginar. Isso porque, embora Shirley não fosse militar por formação, era sensato e sagaz, atento aos bons conselhos alheios, capaz de fazer planos judiciosos, e rápido e ativo em sua execução. Loudoun, ao invés de defender as colônias com seu grande exército, deixou-as totalmente expostas, enquanto permanecia ociosamente em Halif em resultado do que se

perdeu Fort George. Além disso, desorganizou todas as nossas operações mercantis e prejudicou nosso comércio, por um prolongado embargo à exportação de provisões sob pretexto de evitar que suprimentos fossem obtidos pelo inimigo, mas na realidade para fazer baixar seu preço em benefício de fornecedores, em cujos lucros se dizia, talvez apenas por suspeita, que tinha participação. Quando finalmente o embargo foi levantado tendo-se descuidado de mandar notícia disso a Charlestown, a frota da Carolina ficou retida por mais quase três meses, em consequência do que o casco de seus barcos foi tão danificado por carunchos que grande parte deles naufragou durante a viagem de volta à Inglaterra.

Creio que Shirley ficou sinceramente satisfeito de livrar-se de uma carga tão pesada quanto deve ser a direção de um exército para um homem desconhecedor de questões militares. Estive na festa oferecida pela cidade de Nova York a Lorde Loudoun, quando ele assumiu o comando. Shirley, embora tivesse sido assim substituído, também estava presente. Havia numerosos oficiais, cidadãos e estrangeiros. Tendo sido tomadas emprestadas nas vizinhanças algumas cadeiras, havia entre elas uma muito baixa, que por acaso foi destinada ao Sr. Shirley, Percebendo isso quando me sentei ao seu lado, disse-lhe: Deram-lhe, senhor, uma cadeira muito baixa," “Não importa, Sr. Franklin", respondeu ele, "acho uma cadeira baixa mais cômoda."

Enquanto estive, como já mencionei, retido em Nova York, recebi todas as contas das provisões que havia fornecido a Braddock, algumas das quais não me fora possível antes obter das diferentes pessoas que empregara para ajudar no negócio. Apresentei-as a Lorde Loudoun, pedindo que me fosse pago o saldo. Ele fez com que fossem examinadas regularmente pelo oficial competente, o qual, depois de comparar cada artigo com seu recibo, atestou que estavam em ordem. Pelo saldo devido, sua excelência prometeu dar-me uma ordem de pagamento contra o pagador. Isto, porém, foi adiado de tempos a tempos. Embora eu o procurasse frequentemente, em audiências marcadas, não a recebi. Finalmente, pouco antes de

minha partida, disse-me que, considerando melhor, decidira não misturar suas contas com as de seus predecessores. "Na Inglaterra", disse-me ele, "bastará exigir suas contas ao tesouro e será pago imediatamente".

Mencionei, mas sem resultado, a grande e inesperada despesa a que fora obrigado por ter sido retido tanto tempo em Nova York, como uma das razões pelas quais desejava ser pago imediatamente. Tendo observado que não era justo sujeitar-me a mais trabalho ou demora para receber o dinheiro que adiantara, pois não havia cobrado comissão por meu serviço, ele disse: "Oh, senhor, não deve pensar em convencer-me de que nada ganhou. Conhecemos bem esses negócios e sabemos que todos quantos se dedicam a fazer fornecimentos ao exército encontram meios, ao fazê-lo, de encher seus próprios bolsos." Assegurei-lhe que esse não era o meu caso e que eu não havia embolsado um níquel, mas ele pareceu claramente não acreditar-me e, de fato, eu soube mais tarde que imensas fortunas são feitas frequentemente em tais atividades. Quanto ao meu saldo, não fui pago até hoje e sobre isso falarei mais adiante.

O capitão de nosso navio vangloriara-se muito, antes de partirmos, da rapidez de seu barco. Infelizmente, quando nos fizemos ao mar, o navio mostrou-se muito vagaroso, para grande pesar do capitão. Depois de muitas conjecturas sobre a causa, quando estávamos perto de outro navio quase tão vagaroso quanto o nosso, mas que nos passou à frente, o capitão ordenou que todos os tripulantes fossem para a popa e ficassem o mais perto possível do mastro da bandeira. Éramos, inclusive os passageiros, cerca de quarenta pessoas. Enquanto lá permanecemos, o navio recuperou sua velocidade e logo depois deixou o outro muito para trás, o que provou claramente, como suspeitava nosso capitão, que estava muito carregado na proa. Parece que todos os barris de água haviam sido colocados na frente. O capitão ordenou então que fossem removidos mais para trás, com o que o navio recuperou sua qualidade e provou ser o mais veloz da frota.

O capitão disse que o barco navegava certa vez à velocidade de

treze nós, o que correspondia a treze milhas por hora. Tínhamos a bordo, como passageiro, o Capitão Kennedy, da Marinha, que afirmou ser isso impossível, pois jamais um navio navegara tão depressa, devendo ter havido algum erro na divisão da linha da barquilha ou algum engano no lançamento da própria barquilha. Seguiu-se uma aposta entre os dois capitães, para ser decidida quando houvesse vento suficiente. Kennedy examinou rigorosamente a linha da barquilha e, ficando satisfeito com ela, decidiu lançar ele próprio a barquilha. Alguns dias depois, quando o vento soprava muito forte e fresco, tendo o capitão do barco, Lutwidge, declarado acreditar que ele desenvolvia a velocidade de treze milhas, Kennedy fez a experiência e perdeu a aposta.

Menciono esse fato para justificar a seguinte observação. Tem sido notado, como uma imperfeição na arte de construção naval que nunca se pode saber, antes de ser ele experimentado, se um barco novo será ou não veloz. Isso porque o modelo de um barco veloz foi exatamente seguido de outro novo, que se mostrou, pelo contrário, notavelmente vagaroso. Suponho que isso pode ser, em parte, devido às diferentes opiniões de marinheiros sobre os modos de carregar, equipar e manobrar um navio. Cada um tem seu sistema. O mesmo barco, carregado segundo o julgamento e sob as ordens de um capitão, pôde navegar melhor ou pior do que quando sob as ordens de outro. Além disso, raramente acontece de um navio ser construído, aparelhado para o mar e dirigido pela mesma pessoa. Um homem constrói o casco, outro o equipa e um terceiro o carrega e o dirige. Nenhum deles tem a vantagem de conhecer todas as ideias e experiências dos outros, e, portanto, não pode tirar conclusões justas sobre todo o conjunto.

Mesmo na simples operação de dirigir o navio no mar, tenho observado julgamentos diferentes por parte dos oficiais que comandam os sucessivos quartos, sendo o vento igual. Um deixa as velas mais esticadas ou mais frouxas do que outro, parecendo não ter regra certa pela qual governar-se, Penso, porém, que poderia ser instituída uma série de experiências, primeiro, a fim de determinar a

forma mais conveniente de casco para navegação rápida; em seguida, as melhores dimensões e o lugar mais apropriado para os mastros; depois a forma e quantidade de velas, assim como sua posição, conforme o vento; e, finalmente, a disposição da carga. Esta é uma era de experiências e penso que uma série delas feita e combinada com precisão seria de grande utilidade. Estou convencido, portanto, de que não demorará muito para que a isso se dedique algum filósofo talentoso, ao qual desejo êxito.

Fomos perseguidos várias vezes, mas nos distanciamos de tudo e em trinta dias apanhamos fundo. Dispúnhamos de boa observação, e o capitão julgou estarmos tão perto de nosso porto de destino, Falmouth, que, se déssemos uma boa corrida durante a noite, poderíamos chegar diante da entrada daquele porto pela manhã. Além disso, navegando à noite poderíamos passar despercebidos dos corsários inimigos, que com frequência cruzavam perto da entrada do canal. Assim, toda vela foi aproveitada para que pudéssemos atingir o objetivo. Estando o vento muito fresco e forte, avançamos rapidamente e fizemos bom progresso. O capitão, depois de sua observação, estabeleceu o curso, segundo pensou, de modo a passar distante das ilhas Scilly. Parece, porém, que existe, às vezes, em direção ao canal de St. George, forte correnteza, que engana os marinheiros e que causou a perda da esquadra de Sir Cloudesley Shovel. Esta correnteza foi provavelmente a causa do que nos aconteceu.

Tínhamos colocado na proa um vigia, ao qual gritavam com frequência: "Olhe bem para a frente." Com igual frequência, ele respondia: "Sim, sim". Talvez, porém, estivesse com os olhos fechados e meio adormecido na ocasião. Dizem que os vigias, às vezes, respondem mecanicamente. Ele não viu uma luz logo à nossa frente, que o cutelo escondera do homem responsável pelo leme e do resto dos vigias, mas que um acidental balanço do navio revelou, provocando grande alarma, pois estávamos muito perto da luz, que me pareceu tão grande quanto uma roda de carro. Era meia-noite, e nosso capitão dormia pesadamente. O Capitão Kennedy, porém,

subindo para a coberta e vendo o perigo, ordenou que o navio fosse virado, com todas as velas desfraldadas, operação perigosa para os mastros, mas que nos salvou, pois escapamos ao naufrágio, uma vez que estávamos avançando diretamente sobre as rochas nas quais se erguia o farol. Essa salvação impressionou-me fortemente quanto à utilidade dos faróis e deu-me a resolução de encorajar a construção de maior número deles na América, se eu viver o suficiente para voltar até lá.

De manhã, as sondas etc. mostraram que estávamos perto de nosso porto, mas espesso nevoeiro escondia a terra de nossos olhos. Cerca de nove horas, o nevoeiro começou a dissipar-se e pareceu ser erguido da água como a cortina de um teatro, revelando baixo a cidade Falmouth, os navios em seu porto e os campos que a cercava-me. Era um espetáculo muito agradável para quem durante tanto tempo estivera sem outra perspectiva além da vista uniforme de um, oceano vazio, e proporcionou-nos ainda maior prazer por ficarmos assim livres das ansiedades provocadas pelo estado de guerra.

Parti imediatamente, com meu filho, para Londres e só paramos um pouco no caminho para ver Stonehenge, em Salisbury Plain, e a casa e os jardins de Lorde Pembroke, com suas curiosíssimas antiguidades, em Wilton. Chegamos a Londres em 27 de julho de 1757.

Logo que me instalei nos alojamentos que o Sr. Charles me reservara, fui visitar o Dr. Fothergill, que me havia recomendado calorosamente e cujos conselhos a respeito de meus processos eu fora aconselhado a obter. Ele se mostrou contrário a uma queixa imediata ao governo e achou que deviam ser procurados primeiro os proprietários, os quais talvez pudessem, pela interferência e persuasão de alguns amigos particulares, ser convencidos a acertar as coisas amigavelmente. Procurei então meu velho amigo e correspondente, Sr. Peter Collinson, o qual me disse que John Hanbury, o grande negociante da Virgínia, pedira para ser informado quando eu chegasse, pois desejava conduzir-me à presença de Lorde Granville, que era então presidente do Conselho e queria avistar-se

comigo o mais depressa possível. Concordei em ir com ele na manhã seguinte. Assim, o Sr. Hanbury procurou-me e levou-me em sua carruagem até a casa daquele nobre, que me recebeu com grande cortesia. Depois de algumas perguntas a respeito do estado de coisas na América e considerações sobre isso, disse-me ele: "Vós, americanos, tendes ideias erradas sobre a natureza de vossa Constituição. Afirmais que as instruções do rei a seus governadores não são leis e vos julgais com liberdade de respeitá-las ou não a vosso critério. Essas instruções, porém, não são como as instruções de algibeira dadas a um ministro que vai ao estrangeiro, a fim de orientar sua conduta em algumas questões insignificantes de protocolo. São redigidas inicialmente por juízes conhecedores das leis, em seguida consideradas, debatidas e talvez emendadas no Conselho, após o que são assinadas pelo rei. São, portanto, no que se refere a vós, a lei da terra, pois o rei é o LEGISLADOR DAS COLÔNIAS". Disse a sua excelência que essa doutrina para mim era novidade. Sempre entendera, pelas nossas cartas, que nossas leis deviam ser feitas por nossas assembleias e precisavam de fato ser apresentadas ao rei para seu real assentimento, mas que uma vez dado este o rei não podia rejeitá-las ou alterá-las. Assim como as assembleias não podiam fazer leis permanentes sem seu assentimento, ele também não podia fazer uma lei para elas sem o assentimento delas. Assegurou-me que eu estava absolutamente enganado. Eu não pensava assim, porém, e, tendo a conversa de sua excelência me alarmado um pouco quanto à possibilidade de serem esses os sentimentos da Corte em relação a nós, anotei o que dissera assim que voltei a meus alojamentos. Relembrei que cerca de vinte anos antes uma cláusula de um projeto de lei apresentado ao Parlamento pelo ministério propusera fazer das instruções do rei leis nas colônias, mas a cláusula fora rejeitada pelos Comuns, motivo por que os adoramos como nossos amigos e amigos da liberdade, até quando sua conduta em relação a nós, em 1765, fez parecer que haviam recusado ao rei aquele ponto de soberania apenas para poderem reservá-lo para si próprios.

Depois de alguns dias, tendo o Dr. Fothergill falado com os

proprietários, estes concordaram em reunir-se comigo na casa do Sr. T. Penn, em Spring Garden. A conversa a princípio consistiu em declarações mútuas de disposição para acomodações razoáveis, mas suponho que cada parte tinha suas próprias ideias sobre o que devia ser entendido por razoável. Entramos depois na consideração de nossos vários motivos de queixa, que eu enumerei. Os proprietários justificaram sua conduta do melhor modo que puderam, e eu fiz o mesmo com a conduta da Assembleia. Parecíamos então muito separados e tão distantes uns dos outros em nossas opiniões a ponto de desencorajar toda esperança de acordo. Todavia; ficou decidido que eu lhes daria os motivos de nossas queixas por escrito, e eles prometeram então considerá-los.

Fiz isso logo depois, mas entregaram o documento a seu solicitador, Ferdinand John Paris, que cuidava de todas as questões jurídicas de sua grande demanda como proprietário vizinho de Maryland, Lorde Baltimore, a qual se prolongou por setenta anos, e que escrevia para eles todos os seus documentos e mensagens na sua disputa com a Assembleia. Era um homem orgulhoso e irascível. Como nas respostas da Assembleia, eu ocasionalmente tratara seus documentos com certa severidade, pois eram realmente fracos na argumentação e arrogantes na expressão ele adquirira por mim mortal inimizade, que se manifestava sempre que nos encontrávamos. Rejeitei por isso a proposta dos proprietários para que ele e eu discutíssemos os motivos de queixa existentes entre nós e recusei tratar com qualquer pessoa que não eles próprios. Então, a conselho dele, entregaram o documento ao procurador e solicitador-geral para ouvir sua opinião e seus conselhos. Com ele ficou sem resposta durante um ano menos oito dias, período de tempo em que dirigi aos proprietários frequentes pedidos de resposta, mas sem obter qualquer outra a não ser que ainda não haviam recebido a opinião do procurador e solicitador-geral. O que dizia quando a receberam nunca fiquei sabendo, pois não a comunicaram a mim, mas enviaram à Assembleia uma longa mensagem redigida e assinada por Paris, reproduzindo meu documento, queixando-se de sua falta de formalidade, como grosseria de minha parte, e dando

uma frágil justificação de sua conduta, acrescentando que estariam dispostos a acomodar as coisas se a Assembleia mandasse alguma pessoa sincera para tratar com eles da questão, insinuando assim que eu não tinha tal qualidade.

A falta de formalidade ou grosseria consistia provavelmente no fato de eu não ter empregado, ao dirigir-lhes o documento, seus supostos títulos de Verdadeiros e Absolutos Proprietários da Província de Pensilvânia, que omiti por não considerá-los necessários em um documento cuja intenção era apenas declarar por escrito o que, em conversa, eu lhes dissera de viva voz.

Contudo, durante o tempo em que isso demorou, a Assembleia convencera o governador Denny a aprovar um ato tributando os bens do proprietário em conjunto com os bens do povo, o que era a grande questão em disputa. Por esse motivo, a Assembleia deixou de responder à mensagem

Quando, porém, foi aprovado esse ato, os proprietários, aconselhados por Paris, decidiram opor-se a que ele recebesse o assentimento real. Para isso; dirigiram uma petição ao Rei em Conselho e marcou-se uma audiência, na qual dois advogados foram por eles empregados para combater o ato e dois empregados por mim para defendê-lo. Alegaram eles que o ato se destinava a sobre carregar os bens do proprietário a fim de poupar os do povo e que, se fosse permitido que continuasse em vigor, sendo os proprietários, que eram odiados pelo povo, deixados à sua mercê, eles seriam inevitavelmente arruinados.

Respondemos que o ato não tinha tal intenção e não teria tal efeito; que os lançadores eram homens honestos e judiciosos, prestavam o juramento de lançar os impostos com justiça e equidade, e qualquer vantagem que cada um deles pudesse esperar no sentido de reduzir seu próprio imposto pelo aumento do imposto dos proprietários era muito insignificante para induzi-lo a perjúrio. Este foi o sentido do que me lembro ter sido argumentado por ambas as partes, salvo que insistimos veementemente quanto às perniciosas

consequências que decorreriam de uma revogação, pois tendo sido o dinheiro, 100.000 libras, impresso e dado para uso do rei, gasto em seu; serviço e então espalhado entre o povo, a revogação faria com que ele perdesse o valor em sua mão, arruinando muita gente, com total desencorajamento para futuras concessões, e ressaltamos em termos muito vigorosos o egoísmo dos proprietários ao solicitar catástrofe tão geral, meramente pelo infundado temor de seus bens serem tributados muito alto.

Diante disso, Lorde Mansfield, um dos membros do conselho, levantou-se e, chamando-me com um aceno, levou-me para a sala do escrivão, enquanto os advogados estavam apresentando suas razões. Lá me perguntou se era realmente minha opinião que nenhum dano sofreriam os bens do proprietário com a execução do ato. Assegurei-lhe que não havia dúvida quanto a isso. "Então", disse ele, "o senhor terá pouca objeção a assumir um compromisso para assegurar esse ponto." Respondi: "Absolutamente nenhuma." Ele chamou Paris e, após alguma discussão, a proposta de sua excelência foi aceita por ambas as partes. Foi redigido pelo escrivão do Conselho um documento naquele sentido, que eu assinei com o Sr. Charles, que era também Agente da Província para as questões ordinárias, quando Lorde Mansfield voltou à Câmara do Conselho, onde finalmente a lei foi aprovada. Contudo, foram recomendadas algumas modificações e combinamos também que elas seriam feitas por lei subsequente. Todavia, a Assembleia não as julgou necessárias, pois, tendo sido cobrada a taxa de um ano, prevista no ato antes que chegasse a ordem do Conselho, a Assembleia nomeou uma comissão para examinar os trabalhos dos lançadores e, nessa comissão, incluiu vários amigos particulares dos proprietários. Depois de completa investigação, assinaram unanimemente um relatório no sentido de terem achado que o imposto fora lançado com perfeita equidade.

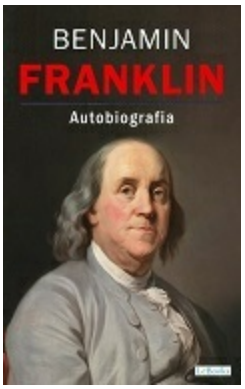
A Assembleia considerou minha participação na primeira parte do acordo como um serviço essencial à Província, pois garantiu o crédito do papel-moeda então espalhado por todo o país. Apresentou-me

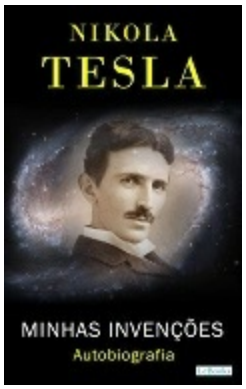
seus agradecimentos quando eu voltei. Os proprietários porém, ficaram enfurecidos com o governador Denny por ter aprovado o ato e dispensaram-no com ameaças de processá-lo por violação das instruções que se comprometera observar. Ele, porém, tendo feito isso a instância do general e para o serviço de Sua Majestade, e tendo alguns poderosos amigos na corte, desprezou as ameaças, que nunca foram postas em execução... (Inacabado.)

***Nota**. Benjamin Franklin, deixou esse mundo em 17 de abril de 1790, sem ter conseguido completar a sua autobiografia, mas deixando um enorme legado e exemplo de homem público.*

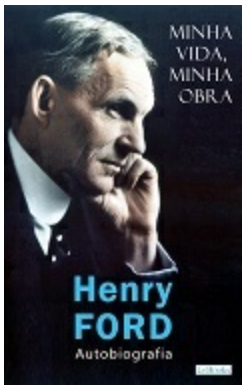
Coleção AUTOBIOGRAFIAS da LeBooks

Conheça as vidas de homens geniais contadas por eles próprios.

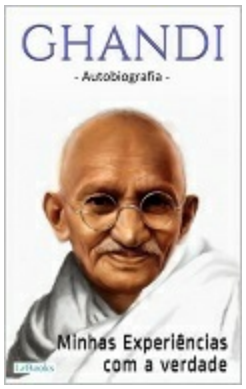


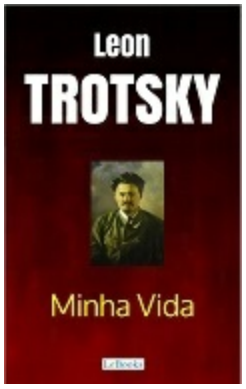


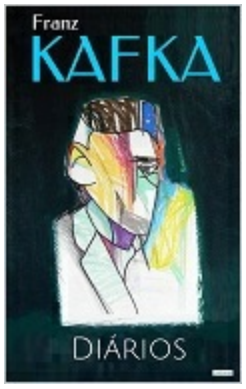


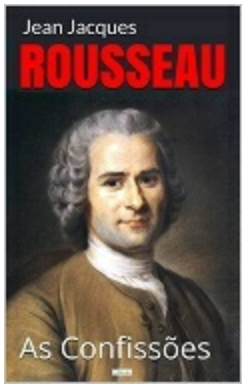












[1] ” Por que ser um difamador (diz ele) / Eu odeio de todo o coração; / Na cidade de Sherburne, onde agora moro / Meu nome aqui eu ponho; / Sem ofensa seu verdadeiro amigo, É Peter Folgier.

[2] "Escola onde se ensinava Latim

> Penso que esse tratamento severo e tirânico pode ter sido o que me incutiu a aversão pelo poder arbitrário que conservei durante toda minha vida.

[4] "Capela" era o nome que os trabalhadores davam a uma tipografia.

[5] feito oralmente e não por escrito.

[6] Deísmo: doutrina que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada [O deísmo difundiu-se principalmente entre os filósofos enciclopedistas e foi o precursor do ateísmo moderno

[7] Sociedade dos livres e tranquilos

[8] Mufti: entre os povos islâmicos, jurisconsulto supremo e intérprete qualificado do Alcorão para resolver os pontos controvertidos da lei. Em alguns países, nomeado oficialmente.

[9] As palavras voam, mas a escrita permanece.

[10] Medida correspondente a cerca de $^{1}/_{8}$ de litro.